

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

NATHÁLIA FELIX DE OLIVEIRA

**GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *ESPERAR*:
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

JUIZ DE FORA

2012

NATHÁLIA FELIX DE OLIVEIRA

**GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *ESPERAR*:
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Oliveira, Nathália Felix de.

A gramaticalização do verbo “esperar”: uma abordagem funcionalista / Nathália Felix de Oliveira. – 2012.

169 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

1. Linguística. 2. Gramaticalização. 3. (Inter)subjetivização. 4. Gramaticalização de construções. I. Título.

JUIZ DE FORA

2012

NATHÁLIA FELIX DE OLIVEIRA

**GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *ESPERAR*:
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Submetida, em 09 de março de 2012, à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira – Membro externo
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Amitza Torres Vieira – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Agradecer, com o devido merecimento, a todos que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista não se configura uma tarefa fácil.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concedido capacidade e paciência para finalizar esta pesquisa bem como meus estudos de maneira geral, os quais me possibilitaram chegar neste ponto.

Em seguida, agradeço à minha orientadora, a Professora Doutora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, que, com muita dedicação, esforço, paciência e empenho, compartilhou seu conhecimento e tempo para realizar esta pesquisa comigo. Muito obrigada, Patrícia!

Agradeço também às professoras Mariângela Rios de Oliveira e Amitza Torres Vieira, que, com prontidão, aceitaram compor a banca examinadora desta dissertação, de modo a contribuir com este trabalho. À Amitza ainda agradeço pela orientação, durante o mestrado, na disciplina *Práticas de Gêneros Acadêmicos*, em que atuei como monitora.

Aos meus professores do Mestrado em Linguística, agradeço pela excelente formação disponibilizada na UFJF. Em especial, agradeço à Professora Doutora Sonia Bittencourt Silveira, com quem tenho aula desde a graduação, por todos os ensinamentos dados.

Aos meus amigos de turma, com os quais dividi esses dois últimos anos, compartilhando alegrias, incertezas e, algumas vezes, desespero. Cada um é muito especial para mim!

Não posso deixar de mencionar a coordenação e a secretaria do PPG Linguística da UFJF. Agradeço, nesse sentido, à Professora Doutora Maria Cristina Lobo Name e à Rosângela pelo empenho em buscar fazer sempre o melhor para o programa, de maneira a atender às necessidades do corpo discente e docente.

Também agradeço a CAPES/REUNI pela bolsa concedida durante o curso de mestrado.

Ainda no âmbito acadêmico, gostaria de agradecer, profundamente, à Professora Doutora Luciana Teixeira, de quem fui orientanda na Especialização em Ensino de Língua Portuguesa. Agradeço não só pelo incentivo e pela orientação, mas também pela gentileza, pelo carinho e pelo bom humor sempre demonstrados.

Durante a graduação tive o prazer de participar do grupo da FALE, da Faculdade de Educação da UFJF. Nesse grupo, fui orientada pela Professora Doutora Lucia Cyranka, de quem guardo os melhores (e maiores) ensinamentos referentes à educação. Obrigada, por despertar em mim o prazer pelo ensino!

No domínio das relações interpessoais, agradeço, acima de tudo, aos meus pais, Sandra e João, e ao meu padrasto, José Roberto, por todo apoio concedido, toda fé depositada e, principalmente, todo amor oferecido. Devo ainda agradecer à minha irmã, Carol, por ser mostrar sempre alegre e confiante frente às minhas (nossas) conquistas.

Ainda no âmbito familiar, agradeço aos meus tios e às minhas tias, aos meus primos e às minhas primas e à minha avó pelas referências individuais e, principalmente, pela referência coletiva.

Agradeço aos meus amigos e às minhas amigas – a maior parte também integra o meu convívio acadêmico – pelos momentos juntos. Adoro todos!

Por fim, agradeço ao Giovani, meu amor, por todos os momentos compartilhados. Agradeço pelo apoio e conforto nas horas mais desesperadoras. Agradeço pela calma e sabedoria demonstradas sempre. Agradeço pelas risadas nos momentos mais improváveis. Agradeço pelo amor e carinho concedidos. Enfim, obrigada por ser o melhor ouvinte, o melhor conselheiro, o melhor amigo e o melhor namorado.

RESUMO

O presente trabalho descreve os usos sincrônicos do verbo “esperar” na língua portuguesa, partindo da hipótese de que os novos usos gramaticalizados revelariam um caminho de crescente (inter)subjativização (FINEGAN, 1995; TRAUGOTT, 1995; TRAUGOTT & DASHER 2005; DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010). E que esse processo estaria vinculado à emergência de possíveis padrões construcionais (TRAUGOTT, 2003, 2008, 2009). A fim de comprovar tais hipóteses, realizamos também um levantamento diacrônico, o qual buscou comprovar, com maior propriedade, quais usos seriam anteriores e [- (inter)subjativos]. Os dados sincrônicos recobrem tanto a modalidade oral quanto a modalidade escrita da língua. Os dados orais foram coletados em três *corpora* distintos, a saber: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do projeto “NURC/RJ - Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Já os *corpora* sincrônicos escritos foram compostos por textos disponíveis na *Internet*, retirados de *blogs* e de revistas de grande circulação nacional (“Revista Veja”, “Revista Isto é”, “Revista Época”, “Revista Caras”, “Revista Cláudia” e “Revista Ana Maria”). Os dados diacrônicos, por sua vez, foram selecionados do *corpus* do projeto “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” – e do *corpus* do projeto “Tycho Brahe”. Na análise dos dados, descrevemos pontualmente os diferentes usos do verbo “esperar”, bem como seus possíveis padrões construcionais. Além disso, consideramos a distribuição e a frequência de uso do verbo “esperar”, uma vez que assumimos que o levantamento da frequência pode atuar como um subsídio relevante na definição de processos de gramaticalização (BYBEE, 2003). Os resultados apontam que o verbo “esperar”, na língua portuguesa, partiu da acepção inicial e [- subjativa] de “aguardar do tempo” e desenvolveu os usos [+subjativos] de “volição” e “ter expectativa/contraexpectativa”. Nesse processo, o verbo “esperar” deixa de atualizar a noção aspectual de duratividade, que caracteriza sua acepção inicial. Atuando como volitivo, “esperar” se configura como um verbo modal, passando a projetar o futuro e, por sua vez, ao manifestar as expectativas (ou não) do falante, passa a indicar suas crenças no campo da hipótese. O verbo “esperar”, conforme verificamos, também figura em outras construções, como a construção “espera aí/peraí”, a qual, dentre as diferentes funções que pode exercer, se apresenta como marcador discursivo, revelando um uso [+ intersubjetivo] do verbo.

Palavras-chave: Gramaticalização. (Inter)subjativização. Gramaticalização de construções. Verbo “esperar”.

ABSTRACT

The present work describes the synchronic and diachronic uses of the verb “esperar” in the Portuguese language, by assuming the hypothesis that the new grammaticalized uses would reveal an increasing way of (inter)subjectification (FINEGAN, 1995; TRAUGOTT, 1995; TRAUGOTT & DASHER 2005; DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010). And it also assumes that this process would be related to the emergence of possible constructional patterns (TRAUGOTT, 2003, 2008, 2009). In order to prove these hypotheses, we also accomplished a diachronic survey that tried to demonstrate, more appropriately, which uses would be earlier and [- (inter)subjective]. The synchronic *data* cover both the oral and written modalities. The oral *data* have been collected in three different *corpora*: the *corpus* of the “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, the *corpus* of “PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” and the *corpus* of “NURC/RJ - Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. The diachronic *corpora* were composed of written texts available on Internet, taken from blogs and magazines of wide national circulation (“Veja”, “Isto É”, “Época”, “Caras”, “Cláudia” e “Ana Maria”). The diachronic *data*, in its turn, were selected from the *corpus* of “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” and the *corpus* of “Tycho Brahe” project. In *data* analysis, we described the different uses of the verb “esperar”, as well as its possible constructional patterns. Moreover, we considered the distribution and use frequency of the verb “esperar”, since we assume that frequency can be an important tool to define processes of grammaticalization (BYBEE, 2003). The results indicate that the verb “esperar”, in the Portuguese language, came from the earlier and [- subjective] meaning of “waiting time” and developed the [+ subjective] uses of “volition” and “have expectations/counterexpectations”. In this process, the verb “esperar” restricts the durative aspect, which characterizes its original meaning. As a volitive verb, “esperar” acts as a modal verb, expressing an idea of future and, in its turn, when it presents the notion of expectation/counterexpectation, it indicates speaker’s hypothetical beliefs. As we could verify, the verb “esperar” can also appear in other constructions, such as the construction “espera aí/peraí”, which, among different functions, is presented as a discourse marker, revealing an [+ intersubjective] use of the verb.

Keywords: Grammaticalization. (Inter)subjectification. Grammaticalization of constructions. Verb “esperar”.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição das categorias gramaticais em categorias lexicais e categorias funcionais (cf. RADFORD, 1997, p. 38)	23
Quadro 2 - <i>Cline</i> de unidirecionalidade proposto por Traugott (2010, p. 35)	32
Quadro 3 - Sentidos de “esperar” retirados do <i>Diccionario etymologico, prosodico e orthographico da lingua portuguesa</i> (BASTOS, 1912, p. 502)	42
Quadro 4 - Sentidos de “esperar” retirados do <i>Dicionário Aurélio</i> (1988, p. 269)	42
Quadro 5 - Sentidos de “esperar” retirados do <i>Dicionário Houaiss</i> (2001, p. 1228)	43
Quadro 6 - Sentidos de “esperar” retirados de Neves (2003, p. 311)	44
Quadro 7 - Total de ocorrências do verbo “esperar” na modalidade oral	57
Quadro 8 - Total de ocorrências do verbo “esperar” na modalidade escrita	58
Quadro 9 - Total de ocorrências do verbo “esperar” no <i>corpus</i> sincrônico	58
Quadro 10 - <i>Corpora</i> sincrônicos utilizados	60
Quadro 11 - Total de número de palavras analisadas por <i>corpus</i> na modalidade oral sincrônica	61
Quadro 12 - Ocorrências do verbo “esperar” no <i>corpus</i> do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”)	61
Quadro 13 - Ocorrências do verbo “esperar” no <i>corpus</i> do “Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”	62
Quadro 14 - Ocorrências do verbo “esperar” no <i>corpus</i> do “Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”	62
Quadro 15 - Organização dos níveis de formalidade dos <i>corpora</i> escritos sincrônicos	63

Quadro 16 - <i>Continuum</i> proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o <i>corpus</i> sincrônico escrito	64
Quadro 17 - Total de número de palavras analisadas por <i>corpus</i> na modalidade sincrônica escrita	65
Quadro 18 - Ocorrências do verbo “esperar” no <i>corpus</i> sincrônico escrito correspondente ao nível de formalidade 1	65
Quadro 19 - Ocorrências do verbo “esperar” no <i>corpus</i> sincrônico escrito correspondente ao nível de formalidade 2	66
Quadro 20 - Ocorrências do verbo “esperar” no <i>corpus</i> sincrônico escrito correspondente ao nível de formalidade 3	67
Quadro 21 - Total de número de palavras analisadas nos <i>corpora</i> diacrônicos	68
Quadro 22 - Total de ocorrências do verbo “esperar” por século no <i>corpus</i> diacrônico	69
Quadro 23 - Outras construções em que figura o verbo “esperar”	77

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** - Distribuição do verbo “esperar” nos *corpora* sincrônicos analisados 78
- Tabela 2** - Distribuição do verbo “esperar” nos *corpora* diacrônicos analisados 80
- Tabela 3** - Distribuição dos modos/tempos verbais e formas nominais nas ocorrências sincrônicas de “esperar1”90
- Tabela 4** - Distribuição dos modos/tempos verbais e formas nominais nas ocorrências diacrônicas de “esperar 1” 91
- Tabela 5** - Distribuição dos complementos de “esperar 2” nas ocorrências sincrônicas ... 110
- Tabela 6** - Distribuição dos complementos de “esperar 2” nas ocorrências diacrônicas ... 111
- Tabela 7** - Distribuição sincrônica da primeira pessoa do presente do indicativo em “esperar 2” 120
- Tabela 8** - Distribuição diacrônica da primeira pessoa do presente do indicativo em “esperar 2” Quadro 23: Outras construções em que figura o verbo “esperar” 120
- Tabela 9** - Distribuição das noções de expectativa e contraexpectativa de “esperar 3” no *corpus* sincrônico 124
- Tabela 10** - Distribuição das noções de expectativa e contraexpectativa de “esperar 3” no *corpus* diacrônico 125
- Tabela 11** - Distribuição sincrônica dos marcadores de contraexpectativa em “esperar 3” 126
- Tabela 12** - Distribuição diacrônica dos marcadores de contraexpectativa em “esperar 3” 128
- Tabela 13** - Distribuição sincrônica do pretérito imperfeito do indicativo em “esperar 3” como contraexpectativa Quadro 23: Outras construções em que figura o verbo “esperar” 132
- Tabela 14** - Distribuição diacrônica do pretérito imperfeito do indicativo em “esperar 3” como contraexpectativa 133
- Tabela 15** - Distribuição dos usos da construção “espera aí/peraí” na sincronia 140

Tabela 16 - Distribuição das outras construções com o verbo “esperar” nos <i>corpora</i> sincrônicos	142
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	18
1.1. Abordagem funcionalista	19
1.2. Gramaticalização	21
1.2.1. Abordagem tradicional da gramaticalização: uma revisão teórica.....	22
1.2.2. A gramaticalização como processo de (inter)subjetivização.....	28
1.2.3. Mecanismos de mudança semântica.....	32
1.2.3.1. Metaforização e metonimização.....	34
1.2.3.2. O papel da inferência sugerida na mudança semântica	35
1.2.4. Gramaticalização de construções	37
1.3. Conclusões	39
CAPÍTULO II - DISCUSSÕES EM TORNO DO VERBO <i>ESPERAR</i>	41
2.1. Sentidos convencionalizados de <i>esperar</i>	41
2.2. Verbo <i>esperar</i> : uma revisão teórica.....	45
2.3. Conclusões	53
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	55
3.1. A constituição do <i>corpus</i>	55
3.1.1. Os <i>corpora</i> sincrônicos.....	59
3.1.1.1. Os <i>corpora</i> sincrônicos orais.....	60
3.1.1.2. Os <i>corpora</i> sincrônicos escritos	63

3.1.2. Os <i>corpora</i> diacrônicos	67
3.2. Metodologia qualitativa e o papel da frequência na análise de processos de gramaticalização	69
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS: A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO ESPERAR	72
<i>Esperar</i> 1	84
<i>Esperar</i> 2	103
<i>Esperar</i> 3	122
A construção <i>espera aí/peraí</i>	134
Outras construções com <i>esperar</i>	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
ANEXOS	159

INTRODUÇÃO

Uma das questões que impulsiona a investigação linguística está em entender e descrever como as línguas mudam. Nesse sentido, os estudos em gramaticalização se desenvolvem de maneira a configurar uma das principais abordagens para compreender tal fenômeno. A gramaticalização, de modo geral, é tida como o processo de mudança linguística em que novas formas são criadas para funções já existentes e/ou novas funções são atribuídas a formas que já existam, de tal forma que seja possível estabelecer certa regularidade nas diferentes mudanças identificadas.

Como usuários da língua portuguesa, percebemos – e utilizamos sem problemas, nas mais diversas situações comunicativas – que o verbo “esperar” possui diferentes usos, como se verifica a seguir:

(1) Pegou fogo no butijão pegou fogo na mangueira lá do butijão e eu cheguei esse dia bem mais tarde e tava os quatro sentadinhos lá no passeio na rua me **esperano** e a casa toda fedendo fumaça (“Projeto Mineirês”, entrevista 13, Belo Horizonte)

(2) **Espero** que eles mudem pra melhor ainda. Eu não sei com que tipo de pessoas eles vão se casar, e com que tipo de pessoas eles vão ter filhos. (“PEUL”, entrevista R11 Eve)

(3) Não falam sobre o que é ser mulher hoje. Estão mais preocupadas em expor seus valores e deixar claro o que **esperam** da filha do que em saber como ela se sente. (Revista “Cláudia”)

Como se observa acima, o verbo “esperar” apresenta uma multifuncionalidade, identificada pela coexistência de diferentes usos na língua portuguesa. Em (1), o verbo é utilizado para expressar o ato de “aguardar no tempo” por alguém. Já em (2), o falante codifica aquilo que “deseja/quer” que aconteça; assim, “esperar” é utilizado com sentido volitivo. Por fim, (3) manifesta uma “expectativa” que se tem em relação ao outro. No que se refere à noção de expectativa, essa, por sua vez, pode ser rompida/quebrada, caracterizando-se como uma contraexpectativa. Assim, em (4), o falante tinha a expectativa de passar o feriado de Corpus Christi com sua família, no entanto não foi o que ocorreu:

(4) é... feriado de Corpus Christi foi bom porque... inclusive nós... fui eu meu marido...esperávamos que a minha família fosse... mas mi/ meus filhos não puderam ir... (“NURC/RJ”, entrevista 18)

A existência de diferentes sentidos vinculados ao verbo “esperar” já foi defendida por Santos (2009). O trabalho da autora trata pontualmente da passagem desse verbo pelo processo de gramaticalização. No entanto, como se verificará nesta pesquisa, Santos (2009) se pauta em uma abordagem da gramaticalização diferente da que adotamos neste trabalho – a qual que denominamos de tradicional –, visto que ela compreende o processo estritamente como a passagem de um item [lexical/- gramatical] > [+ gramatical] (MEILLET, 1912; HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993]).

Acreditamos que, se estamos tratando de sentidos diferentes atribuídos ao verbo “esperar”, logo, parece-nos que, no processo de gramaticalização desse verbo, está envolvido um processo de mudança semântico-pragmática (TRAUGOTT & DASHER, 2005; DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010) que se caracteriza pela codificação de sentidos cada vez mais pautados nas perspectivas/crenças e nos julgamentos do falante, ou seja, sentidos subjetivos. Ainda acreditamos que esses sentidos podem se desenvolver de maneira a revelar uma preocupação do falante com seu interlocutor, vinculando sentidos intersubjetivos. Logo, estamos falando em um processo de (inter)subjetivização.

Nesta pesquisa, também assumimos a perspectiva da gramaticalização de construções, a qual parte do princípio de que as construções são as unidades básicas da língua, estabelecendo-se a partir do pareamento entre forma e sentido. Desse modo, o verbo “esperar” aparece vinculado a determinadas construções linguísticas, sendo possível identificar padrões (modelos prototípicos) diretamente relacionados aos usos identificados. Tal fato se torna ainda mais evidente ao encontrarmos construções convencionalizadas na língua, em que o verbo “esperar” figura associado a outros elementos – como, por exemplo, na construção “espera aí/peraí” –, determinando sentido(s) específico(s).

Assim sendo, este trabalho possui como objeto de investigação a gramaticalização do verbo “esperar” na língua portuguesa. Para tanto, partimos de duas hipóteses específicas:

i) diante do processo de mudança semântico-pragmático, o verbo “esperar” passaria por um processo de (inter)subjetivização;

ii) esse processo estaria vinculado à emergência de possíveis padrões construcionais.

A fim de melhor compreender esse processo, nossa análise se baseia, primordialmente, na metodologia qualitativa, visto que a intenção é levantar e descrever pontualmente os diferentes usos do verbo “esperar”. Essa descrição é de suma importância para trabalhos de cunho funcionalista – como o nosso –, os quais, procurando compreender o funcionamento da língua, preocupam-se em conhecer os diferentes usos do objeto sob análise. Assim, analisamos *in loco*, a partir das ocorrências encontradas nos *corpora* pesquisados, como se estabelece a interação entre os falantes para que os usos mais (inter)subjetivos sejam instanciados na língua.

No entanto, uma análise quantitativa também se mostra bastante relevante em nossa pesquisa. Como acreditamos, o levantamento da frequência de uso é um recurso importante para se atestarem os estágios do processo de gramaticalização. Portanto, a partir desse levantamento, a intenção é verificar quais usos do verbo “esperar” são precedentes em relação aos demais (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006).

Ainda destacamos que este trabalho se filia à perspectiva pancrônica, isto é, realiza tanto uma análise sincrônica quanto uma análise diacrônica. Assim, além de verificar e descrever os diferentes usos de “esperar” no português contemporâneo, também procura elucidar, com maior propriedade, quais usos seriam anteriores e [- (inter)subjetivos]. Com esse intuito, reunimos um banco de dados composto por um *corpus* sincrônico (oral e escrito) e um *corpus* diacrônico (escrito).

Em relação à sincronia, trabalhamos tanto com a modalidade oral quanto com a modalidade escrita. Os dados orais são compostos por três *corpora* orais bastante abrangentes, a saber: a) o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, constituído pela Profa. Jânia Martins Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais; b) o *corpus* do PEUL/RJ (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua); e amostras da década de 1990 do NURC/RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro). Os dados sincrônicos escritos, por sua vez, são compostos por textos disponíveis na *Internet* e se distribuem em três níveis de formalidade¹: a) nível de formalidade 1: textos retirados de *blogs*; nível de formalidade 2: textos que compõem as revistas “Caras”, “Cláudia” e “Ana Maria”; e c) nível de formalidade 3: textos que constituem as revistas

¹ No Capítulo III, explicaremos a partir de quais critérios foram compostos os três níveis de formalidade referentes aos dados sincrônicos escritos.

“Veja”, “Isto é” e “Época”. Com a preocupação de manter a uniformidade no tratamento dos dados, foram analisadas 300.000 palavras em cada *corpus*.

Também a fim de evitar o enviesamento dos resultados em relação à análise diacrônica, analisamos 100.000 palavras por século. Os textos selecionados estão compreendidos entre o século XIII e o século XIX e foram retirados dos seguintes *corpora*: CIPM (*Corpus Informatizado do Português Medieval*) e *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe.

Nesse sentido, a fim de cumprir os objetivos apontados acima, o presente trabalho se organiza de maneira a tratar: no Capítulo I, do aporte teórico utilizado para fundamentar as hipóteses aqui levantadas; no Capítulo II, das discussões já empreendidas acerca do verbo “esperar”, averiguando os sentidos já convencionalizados para esse verbo, bem como a pesquisa de Santos (2009); no Capítulo III, das especificidades metodológicas que subjazem à análise dos dados; e no Capítulo IV, da análise pontual das ocorrências de “esperar”, de maneira que se defenda uma proposta de um possível caminho de mudança do verbo na língua portuguesa e que se discutam as características dos padrões de uso que se encontram alinhados a padrões construcionais mais prototípicos.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem por objetivo apresentar o paradigma teórico que fundamenta esta pesquisa – o funcionalismo – bem como questões referentes ao processo de gramaticalização.

Ao assumir o funcionalismo como o paradigma que sustentará este trabalho, o presente capítulo se organiza de forma a caracterizar inicialmente essa abordagem. Portanto, partimos de um modelo que, ao considerar que a linguagem não é suficiente em si mesma, estuda como a comunicação entre os usuários de uma determinada língua se dá de maneira eficiente (NEVES, 1997). Para tanto, também contrapomos esse paradigma ao formalista, o qual, ao contrário do primeiro, concebe a língua como um objeto autônomo, realizando, conseqüentemente, estudos da forma linguística sem considerar seu uso (NEVES, 1997).

Em seguida, destacamos pontos relevantes no tratamento da gramaticalização. Primeiramente, trazemos uma revisão da abordagem tradicional² sobre a gramaticalização, apontando as referências teóricas que sustentam, até os dias atuais, essa perspectiva. Em um segundo momento, tratamos da gramaticalização como processo de (inter)subjativização – abordagem teórica na qual nos baseamos neste trabalho –, averiguando as principais questões dessa mais recente linha de análise. Nela, destaca-se a construção de sentidos gramaticalizados cada vez mais baseados na perspectiva dos falantes, ou seja, refere-se à construção de sentidos (inter)subjativos (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT & DASHER, 2005; DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010).

Na subseção seguinte, discutimos os mecanismos de mudança semântica, destacando o papel dos processos de metaforização e metonimização – que estariam relacionados à gramaticalização. Além disso, analisamos o papel que a inferência sugerida desempenharia nos processos de mudança semântico-pragmática (TRAUGOTT & DASHER, 2005).

² Neste trabalho, utilizamos o termo “tradicional” para nos referirmos à perspectiva que considera a gramaticalização como um processo de mudança linguística a partir do qual os itens lexicais ou com funções menos gramaticais se desenvolvem de maneira a se tornarem mais gramaticais.

Posteriormente, observamos a relevância de se trabalhar com a noção de construcionalidade na gramaticalização, visto que esta se daria a partir de uma mudança construção > gramática (TRAUGOTT, 2003, 2008, 2009).

Por fim, encerramos o primeiro capítulo apresentando as conclusões acerca do que foi exposto e destacando nosso posicionamento teórico.

1.1. Abordagem funcionalista

De acordo com Neves (1994, 1997), há certa dificuldade em determinar o que é o funcionalismo, visto que, a partir de um olhar mais sistemático, esse paradigma engloba diferentes abordagens que não são rotuladas dentro de uma mesma teoria. O funcionalismo abrange diferentes modelos, os quais possuem especificidades que os distinguem entre si. Contudo, como pontua a autora, existem também similaridades – isto é, um “denominador comum” – que caracterizam esses modelos dentro de uma perspectiva funcionalista da linguagem.

Mas qual seria, então, esse denominador comum? Segundo Neves (1997, p. 2), qualquer abordagem funcionalista visa à “verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente”. Nesse sentido, a autora prossegue observando que, em um tratamento funcionalista, a competência comunicativa dos falantes de uma língua natural é posta em análise, cabendo aos funcionalistas considerarem “as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração”.

Sobre a noção de função, Neves (2006, p. 17-18) observa que, tradicionalmente³, este termo refere-se à consideração do estrutural em relação aos diferentes modos de significação das expressões linguísticas no enunciado. Logo, operar com funções é ir além de uma preocupação apenas com a organização gramatical da frase e passar a verificar a multifuncionalidade dos itens organizados dentro de uma estrutura. Nesse sentido, a autora está de acordo com Halliday (1985), o qual entende que os objetivos da gramática funcional são, essencialmente, os usos da língua, responsáveis pela forma do sistema linguístico.

³ Não realizaremos, neste trabalho, uma discussão acerca da complexidade da noção de função.

Assim sendo, Kenedy e Martelotta (2003, p. 20) caracterizam o pólo funcionalista

[...] pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. (KENEDY e MARTELOTTA, 2003, p. 20)

Apesar de estarmos nos filiando ao funcionalismo, vale ressaltar que este não é o único paradigma vigente na Linguística moderna. O formalismo, diferenciando-se do primeiro, vê a língua como uma entidade autônoma, realizando investigações que desconsideram o uso. Ele é representado, primordialmente, pelo estruturalismo – que busca descrever as estruturas linguísticas das diversas línguas independentemente de seu uso – e pelo gerativismo – que se preocupa em entender, também desconsiderando o uso, como os falantes das diversas línguas aprendem a produzir, a interpretar e a julgar orações⁴.

Todavia, para compreendermos a inserção do funcionalismo como paradigma, é necessário mencionarmos o Círculo Linguístico de Praga, o qual se caracterizou por desenvolver, em um primeiro momento, estudos estruturalistas – dedicando-se, portanto, à análise da lógica interna do sistema linguístico. Entretanto, posteriormente, esse círculo se diferenciou das outras escolas estruturalistas, visto que começou a propor, em suas análises, a relevância da função na linguagem (KENNEDY & MARTELOTTA, 2003, p. 17-18). Assim, passou a observar “o uso das expressões linguísticas na interação verbal” (NEVES, 1997, p. 16). Dessa forma, suas pesquisas deram origem ao chamado estruturalismo funcional, que compreende a língua como “um sistema funcional, no qual aparecem, lado a lado, o estrutural (sistêmico) e o funcional” (NEVES, 1997, p.17). Essa nova concepção fez com que esse grupo se tornasse um dos mais representativos no desenvolvimento da visão funcionalista.

Nesse sentido, temos que o paradigma funcionalista prima pela integração dos componentes (ou níveis) de análise, isto é, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Isso porque, como pontuam Nichols (1984) e Beaugrande (1993), uma gramática

⁴ Neste trabalho, não serão abordadas as questões referentes à instanciação do formalismo como paradigma linguístico, bem como as especificidades do estruturalismo e do gerativismo. Para maiores considerações sobre tal paradigma e suas diferenças em relação ao funcionalismo, ver Neves (1997, p. 39-53).

funcional deve alinhar, em sua análise, a estrutura gramatical com a situação comunicativa, correlacionando, portanto, forma e significado dentro de todo o contexto discursivo.

Mesmo diante das diversas abordagens funcionalistas, temos que os estudos desse paradigma se voltam para a análise da língua em seu contexto de uso. Neste trabalho, comungamos com a ideia de que o uso motiva a emergência de novos padrões construcionais. Dessa forma, ao tratarmos da gramaticalização do verbo “esperar”, averiguaremos seus diferentes usos nos *corpora* pesquisados e descreveremos os diferentes contextos a partir dos quais tais usos são instanciados.

Tendo em vista nosso objetivo de descrever o processo de mudança pelo qual “esperar” passou, ou melhor, passa, é necessário considerar aspectos relevantes, para esta pesquisa, acerca da gramaticalização. Assim sendo, nas subseções a seguir, abordaremos duas perspectivas: a perspectiva tradicional acerca da gramaticalização e a perspectiva da gramaticalização como processo de (inter)subjativização.

1.2. Gramaticalização

A gramaticalização diz respeito a um processo de mudança linguística comum nas línguas em geral. Esse processo pode ser percebido por meio da necessidade de renovação do sistema linguístico, de modo que se postule que a gramática está em constante gramaticalização, não correspondendo, portanto, a um produto acabado. Seguindo essa perspectiva, há autores – dentre eles Hopper (1987), Hopper e Traugott (2008 [1993]), Traugott (1995, 2010), Traugott & Dasher (2005) e Bybee (2003) – que partem da premissa de que a gramática é emergente. Segundo Gonçalves *et al.* (2007, p.15), a gramaticalização pode ser percebida, sobretudo, “pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes”.

A pesquisa em gramaticalização teve início no século X, na China, e, nos séculos XVIII e XIX, chegou a alguns países europeus (França, Inglaterra e Alemanha) e aos Estados Unidos, porém foi somente no século XX que esse estudo ganhou destaque. Em 1912, Antonie Meillet introduziu o termo gramaticalização e o definiu como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912, p.131). Está nessa definição a base para

o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre esse tema, os quais se tornaram mais frequentes, instaurando a gramaticalização como paradigma, a partir do final da década de 1980.

Na próxima subseção, discutiremos a perspectiva decorrente da definição proposta por Meillet (1912), a qual denominamos, neste trabalho, de abordagem tradicional. Discutiremos as principais questões em torno dessa concepção – elencando suas contribuições para os estudos em gramaticalização – e apresentaremos o nosso posicionamento crítico frente a tal perspectiva, a fim de fundamentar a abordagem adotada neste trabalho.

1.2.1. Abordagem tradicional da gramaticalização: uma revisão teórica

A perspectiva tradicional concebe, a princípio, a gramaticalização como um processo de mudança linguística em que itens lexicais passariam a itens gramaticais, cabendo aos estudiosos identificar e analisar esse processo. Essa perspectiva é assim hoje concebida graças a Meillet (1912), cujo estudo sobre o surgimento das novas formas gramaticais constatou que este se daria por meio de dois processos, a saber: a analogia e a gramaticalização. O primeiro trata do aparecimento de novas formas por meio de mudanças superficiais nas formas que lhes deram origem. Já a gramaticalização é definida pelo autor, como dito anteriormente, como a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912, p. 131).

Assim sendo, cabe-nos, inicialmente, identificar quais são os itens compreendidos como lexicais e aqueles classificados como gramaticais. Abaixo, apresentamos um quadro retirado de Radford (1997, p. 38), em que o autor distribui as categorias gramaticais, isto é, as classificações gramaticais dos elementos da língua, em categorias lexicais (itens que possuem por si só conteúdo lexical e, por isso, tidos como palavras autônomas) e categorias funcionais (que correspondem às categorias gramaticais exercidas pelos elementos menos autônomos chamados de itens gramaticais).

Quadro 1 - Distribuição das categorias gramaticais em categorias lexicais e categorias funcionais (cf. RADFORD, 1997, p. 38)

CATEGORIAS GRAMATICAIS	
Categorias lexicais	Categorias funcionais
Nomes	Flexão
Verbos	Auxiliares
Adjetivos	Determinantes
Advérbios	Negação
Preposições	Complementizadores

Contudo, Meillet (1912)

[...] distinguia três classes de palavras, entre as quais era possível perceber uma certa gradualidade: as principais (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as acessórias e as gramaticais (preposições, conjunções e auxiliares). (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 21)

Adotando essa classificação, o autor se preocupou em traçar a origem dos itens gramaticais, deixando evidente sua perspectiva diacrônica sobre a gramaticalização. Seus resultados demonstraram que a fonte primária de uma forma gramatical é uma palavra lexical e que essa transição se daria numa espécie de *continuum* (MEILLET, 1912).

Com isso, os primeiros estudos posteriores aos de Meillet estavam preocupados em resgatar as transformações diacrônicas sofridas por um determinado elemento, isto é, queriam explicar como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua. Todavia, como observam Gonçalves *et al.* (2007), o desenvolvimento de trabalhos em gramaticalização fez com que tal fenômeno começasse a ser concebido sob diferentes formas, além da diacrônica, a saber: como paradigma, como processo, sob a perspectiva sincrônica e sob a perspectiva pancrônica. A gramaticalização vista como paradigma pressupõe que o pesquisador focalize a maneira como as formas gramaticais e construções surgem na língua. Já como processo, o estudo se volta para a identificação e a análise dos itens que se tornam mais gramaticais. O olhar sincrônico sobre a gramaticalização destaca a relevância de se identificarem os graus de gramaticalidade de uma forma desenvolvidos em decorrência de deslizamentos funcionais sofridos por meio de um

enfoque discursivo-pragmático. Por fim, a perspectiva pancrônica defende a conjugação das perspectivas diacrônica e sincrônica.

Mas qual seria, então, a contribuição da combinação das perspectivas diacrônica e sincrônica? Segundo Neves (1997), embasada em Burridge (1993), a pancronia corresponderia à perspectiva ideal, visto que possibilitaria o alinhamento entre o sistema linguístico e as questões discursivo-pragmáticas, o estudo da história para a compreensão da gramática sincrônica e enfatizaria o caráter interativo das forças inovativas e idiomatizantes. Conforme discutido no Capítulo III, assumimos, neste trabalho, a perspectiva pancrônica na análise do verbo “esperar”, uma vez que buscamos estabelecer o desenvolvimento de usos [+ (inter)subjetivos] ao longo do tempo.

Até o momento, verificamos que a perspectiva tradicional defende a gramaticalização como a passagem de item lexical a gramatical. No entanto, alguns autores, como Heine *et. al* (1991) e Hopper e Traugott (2008 [1993]), creem que não haja, necessariamente, um material lexical para a ocorrência do processo. A mudança poderia partir de um material gramatical para outro com uma função ainda mais gramatical. Nesse caso, podemos averiguar que há um grau de saliência entre as categorias, à medida que, mesmo dentro de categorias gramaticais, pode haver elementos que possuam um comportamento menos autônomo e, portanto, mais gramatical que outros. A esse respeito, Neves (1997, p.120-121), ao analisar os trabalhos de Heine *et al.* (1991), Lichtenberk (1991) e Hopper (1991), afirma o seguinte:

Heine et.al (1991) abrigam sob o termo *gramaticalização* tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Do mesmo modo, Lichtenberk (1991, p. 38) afirma que o fenômeno abriga não apenas a evolução de um morfema lexical para um morfema gramatical, como também a aquisição de novas propriedades por um elemento já gramatical. Ainda Hopper (1991, p. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes de gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização (NEVES, 1997, p.120-121).

Dessa forma, a gramaticalização, ainda respeitando a ideia do *continuum* proposta por Meillet (1912), é compreendida por Hopper e Traugott (2008 [1993]) como o processo pelo qual itens lexicais e itens gramaticais passam a exercer funções gramaticais, em determinados

contextos; uma vez gramaticalizados, esses itens continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Nas palavras de Gonçalves *et al.* (2007, p.20):

[...] palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos) podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares etc.), as quais, em momento posterior, podem vir até mesmo a se tornar afixos (GONÇALVES *et al.*, 2007, p.20).

Esse pensamento comunga com a ideia de gramática emergente (HOPPER, 1987), que diz respeito a uma gramática que não se caracteriza por uma pretensa estabilidade e nem é fechada. A gramática emerge das necessidades comunicativas dos falantes, sendo aberta e, conseqüentemente, passível de mudança. Assim, a gramática não pode ser vista como um produto acabado, mas sim em constante gramaticalização (GONÇALVES *et al.*, 2007).

Sobre o caráter contínuo da gramaticalização, a grande maioria dos estudiosos defende que ela seguiria um caminho unidirecional. A unidirecionalidade é tida “como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (NEVES, 1997, p. 121). Contudo, de acordo com Campbell (2001 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 38), não há um consenso entre os teóricos acerca de tal princípio. Como veremos, a seguir, Hopper e Traugott (2008 [1993]) defendem que a unidirecionalidade é uma hipótese passível de verificação empírica. Já Heine *et al.* (1991) pensam ser essa uma propriedade definidora do processo de gramaticalização em si.

Hopper e Traugott (2008 [1993]) observam que, na gramaticalização, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra. Esse processo se realiza de forma seriada, isto é, em camadas, e gradualmente. Essas camadas são chamadas de *clines* e indicam as transições categóricas de um item no decorrer da gramaticalização. Sob o ponto de vista diacrônico, os *clines*, então, representariam o caminho de mudança percorrido pelas construções da língua. Já sob o ponto de vista sincrônico, os *clines* representariam um contínuo que indica que, em um determinado momento, ou seja, em um determinado ponto do contínuo, a mesma construção poderia ser empregada tanto com seu estatuto lexical quanto com seu estatuto gramatical.

Os *clines* se organizam em um caminho unidirecional, de modo que exista “uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não o inverso”. (HOPPER &

TRAUGOTT, 2008 [1993], p. 95). Assim sendo, os autores, reconhecendo que a gramaticalização ocorre em contextos específicos, propõem que a mudança se dê através de uma escala, em que o que era, inicialmente, um item lexical com funções discursivas torne-se sintaticamente fixo e, posteriormente, um morfema. Assim, temos que: [item de significado pleno] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo].

Já Heine *et al.* (1991), apesar de também acreditarem na unidirecionalidade da gramaticalização, defendem que esta se desenvolveria por meio de categorias cognitivas rumo a uma abstração crescente: pessoa > objeto > processo > atividade > espaço > tempo > qualidade. De acordo com os autores, as categorias dessa escala, à maneira como estão organizadas, representam um processo unidirecional que parte do [+ concreto] para o [+ abstrato]⁵.

Não se pode deixar de falar que o princípio da unidirecionalidade não é uma unanimidade entre os estudiosos. No entanto, os defensores de tal princípio afirmam que os contraexemplos apresentados são poucos e não conseguem falsear a proposta.

Vale destacar, ainda, que muito do que vem sendo discutido em relação ao princípio da unidirecionalidade tem a ver, como pontua Neves (1997), com a questão sincronia *versus* diacronia, visto que a primeira está vinculada ao caráter gradual da mudança, isto é, aos fenômenos de variação; e a segunda estaria vinculada ao caráter instantâneo da gramaticalização, ou seja, ao ponto de vista cognitivo. Afirmando isso, Neves (1997), mais uma vez, expressa sua preferência por estudos pancrônicos.

Além da unidirecionalidade, outro tema debatido, em se tratando de gramaticalização sob a perspectiva tradicional, é a estipulação de critérios que ajudariam a delimitar o campo de investigação da gramaticalização dentro dos estudos em mudança linguística em geral. Nesse caso, dois estudiosos se destacam, a saber: Lehmann (1995 [1982]) e Hopper (1991)⁶.

Lehmann (1995 [1982]) propõe seis parâmetros formais, a partir dos aspectos *peso*, *coesão* e *variabilidade*, os quais determinariam o grau de autonomia e, conseqüentemente, o

⁵ Lima-Hernandes (2009 *apud* MARTELOTTA, 2010, p. 54) questiona o *cline* proposto por Heine *et al.* (1991): “[...] os questionamentos básicos se relacionam à natureza das categorias e aos movimentos que os itens linguísticos assumem, cumprindo extensões metafóricas de sentido”. Uma das dúvidas levantadas pela autora diz respeito à “possibilidade de existir um *processo* sem se ter implicada a categoria *tempo*”. Pela maneira como o *cline* é apresentado, fica pressuposto que a categoria *processo* ocorre antes da categoria *tempo*, o que a autora não crê.

⁶ Como o presente trabalho – o qual não se vincula à abordagem tradicional – não adota os critérios de análise propostos por Lehmann (1995 [1982]) e Hopper (1991), optamos por não nos aprofundarmos na descrição de tais critérios.

grau e a gramaticalidade de um item. Isso porque se entende que, quanto mais autônomo é um item, menos gramatical ele também o é.

Por sua vez, tendo em mente a concepção de gramática emergente, Hopper (1991) busca reconhecer os variados graus de gramaticalização que uma forma assume a partir do momento em que passa a executar novas funções. Focalizando suas análises nos estágios mais incipientes de gramaticalização, Hopper (1991) procura, nesse sentido, identificar tendências de gramaticalização. Para tanto, estipula cinco princípios (estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização) que demonstram o caráter gradual do processo, atribuindo, portanto, aos elementos analisados o grau de ‘mais’ ou ‘menos’ gramaticalizados.

Obviamente que essas questões foram apresentadas de maneira sucinta, sem recobrir toda a complexidade que incide sobre a perspectiva tradicional. O que esperamos que tenha ficado claro é que essa abordagem tem como premissas básicas: a) distinção entre itens lexicais (classes abertas) e itens gramaticais (classes fechadas) e b) itens gramaticais surgem a partir de itens lexicais.

A perspectiva tradicional foi de grande contribuição para a instauração e delimitação do campo da gramaticalização. A partir dela, surgiram conceitos como os de *cline* e unidirecionalidade e a ideia de gramática emergente, que ainda vigoram nas diferentes perspectivas, incluindo a que adotamos. Além disso, autores como Heine *et al.* (1991) e Hopper e Traugott (2008 [1993]) iniciaram as discussões sobre quais mecanismos conceptuais – metáfora e metonímia – operariam na gramaticalização⁷. Contudo, duas críticas podem ser feitas ao modelo. A primeira diz respeito à desconsideração das necessidades discursivas negociadas na interação, o que motivaria a gramaticalização. A segunda faz referência à distinção, adotada por essa perspectiva, entre item gramatical e item lexical, visto que qualquer elemento possui tanto propriedades discursivas e semânticas quanto gramaticais.

Com isso, acreditamos que uma abordagem teórica que considere as inferências realizadas pelos participantes da interação possa suprir as lacunas deixadas pela abordagem tradicional. Sendo assim, passamos agora à próxima subseção, em que discutiremos a gramaticalização enquanto processo de (inter)subjetivização.

⁷ Esta será uma discussão abordada na subseção 1.2.3.1.

1.2.2. A gramaticalização como processo de (inter)subjativização

Nesta subseção, apresentaremos os pontos que norteiam a compreensão da gramaticalização como um processo de (inter)subjativização. Para isso, destacaremos o papel da (inter)subjatividade na linguagem e a importância de uma abordagem fincada no pareamento entre forma-sentido. No tratamento da mudança linguística, consideraremos aspectos referentes à gramática, ao significado e à língua em uso. Posteriormente, passaremos à descrição dos processos de subjativização e intersubjativização. Logo em seguida, estabeleceremos a relação entre esses processos e a gramaticalização.

Segundo Traugott (2010), as noções de subjatividade e intersubjatividade são sincrônicas e podem ser teorizadas desde construtos cognitivos (LANGACKER, 1990, 2003) até as bases da interação humana e os procedimentos para a produção e compreensão da fala (SCHIFFRIN, 1990). Como destaca Finegan (1995), a noção de subjatividade no discurso já pode ser vista nos trabalhos de Benveniste (1971) e Lyons (1977). O primeiro considera a impossibilidade de se conceber uma língua sem a expressão pessoal: “a linguagem é tão fortemente marcada pela subjatividade que se pode pensar se ela funcionaria como, ou se chamaria linguagem se fosse organizada de forma diferente” (BENVENISTE, 1966 *apud* DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010, p. 2). Essa expressão pessoal, de acordo com Lyons (1977), diz respeito à expressão das crenças e atitudes do falante acerca do que diz. Traugott e Dasher (2005) destacam o trabalho de Stubbs (1986), o qual acredita que, quando os falantes dizem algo, eles codificam seu ponto de vista (ou seja, o que julgam ser razoável, irrelevante, óbvio, impolido etc.).

Além de expressões subjetivas, o modelo, ancorado no ponto de vista sincrônico, defende que as expressões também podem ser intersubjetivas ou objetivas (TRAUGOTT & DASHER, 2005). Já vimos que as subjetivas referem-se à expressão do *self*⁸ e à representação do ponto de vista do falante (FINEGAN, 1995). Já a intersubjatividade diz respeito à

⁸ Utilizamos, neste trabalho, a noção de *self* defendida por Erving Goffman. Para o autor, *self* não corresponde a uma propriedade da pessoa ou a uma dimensão psicológica interna ao indivíduo, mas sim ao resultado de um processo interacional, o qual se caracteriza pelo controle social exercido tanto pelo indivíduo quanto pelas pessoas que o cercam. Dessa forma, em uma determinada situação interativa, o falante reclama para si um *status* social específico, adequado para aquele momento, ou seja, um *self* específico (GOFFMAN, 1956,1961). Nesse sentido, é possível perceber o *self* como uma construção discursiva e situada; um produto dos relacionamentos interpessoais (RASERA, GUANAES & JAPUR, 2004). Assim, relativizamos a verdade sobre nós mesmos a depender de forças sociais, tornando-a momentânea e diversa.

codificação de expressões que revelam a atenção do falante para a imagem ou *self* do interlocutor, em sentido social ou epistêmico. Como exemplo, podemos citar os honoríficos (pronomes de tratamento) que codificam a relação hierárquica entre falante e ouvinte. Traugott e Dasher (2005) definem, por sua vez, as expressões objetivas como aquelas que não exigem tanta inferência por parte dos participantes do evento de fala – visto que elas são minimamente marcadas no que diz respeito à modalidade e à dêixis –, possuem todos os participantes do evento expressos na estrutura superficial e fornecem os contextos de significação, fazendo com que a interpretação seja fortemente determinada (TRAUGOTT & DASHER, 2005, p. 22-23).

Contudo, é difícil dizer o que é objetivo na linguagem. Para Traugott e Dasher (2005), tanto a (inter)subjetividade quanto a objetividade das expressões da língua não podem ser apreendidas de uma postura somente cognitiva, mas devem ser vistas como propriedades da linguagem que emergem na díade conversacional. Essa abordagem assume, portanto, que existe um pareamento entre a forma e o sentido das construções, entendendo que a possível polissemia⁹ existente nos lexemas é resolvida no contexto da interação: “a clareza é alcançada através da escolha de Ls [lexemas] em cadeias sintáticas específicas e em contextos linguísticos (e não-linguísticos) específicos” (TRAUGOTT & DASHER, 2005, p. 24).

Com uma perspectiva diferente, mas válida de ressalva, o cognitivista Langacker (2006 *apud* DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010, p. 3) defende que o significado de uma expressão sempre inclui elementos interpretados tanto subjetiva quanto objetivamente. Para o autor, os termos subjetividade e objetividade não pertencem ao conteúdo semântico de uma expressão linguística, mas se referem à perspectiva assumida para se interpretar um determinado conteúdo conceptual. Dessa forma, subjetividade e objetividade são relativamente caracterizadas pela assimetria entre o observador em uma situação perceptiva e a entidade observada. Como exemplo, Langacker (1990, p. 17-20) fornece as seguintes sentenças:

- i. Vanessa jumped across the table.
- ii. Vanessa is sitting across the table from Veronica.
- iii. Vanessa is sitting across the table from me.
- iv. Vanessa is sitting across the table.

⁹ Entende-se por polissemia “a associação de dois ou mais sentidos relacionados entre si a uma única forma linguística” (SILVA, 2006 p. 10).

Segundo Langacker (1990), a sentença (i) apresenta um uso mais objetivo, pois *across* (que, na língua portuguesa, significa *do outro lado*) representa um movimento que não envolve o posicionamento do falante-ouvinte. Já (ii) e (iii) são subjetivas porque o falante traçou um caminho mental para localizar o trajetor (Vanessa) em relação a um ponto de referência – em (ii), esse ponto de referência é “Verônica” e, em (iii), é “me” (nesse caso, a referência em primeira pessoa se dá de maneira menos subjetiva, pois o falante se representa como um participante do evento). No entanto, (iv) é ainda mais subjetiva, já que o ponto de vista utilizado é o do próprio falante, ou seja, ele é o ponto de referência.

As considerações feitas até aqui acerca dos sentidos (inter)subjetivos estão pautadas em uma perspectiva sincrônica, observando que as expressões linguísticas indexam significados baseados na perspectiva do falante. Todavia, cabe estudar como esses sentidos se estabilizam na língua, ou melhor, como eles se gramaticalizam. Dessa forma, Traugott (1995, 2010) e Traugott e Dasher (2005) defendem que a gramaticalização ocorre por meio dos processos de subjetivização e intersubjetivização, isto é, com o passar do tempo (portanto, estamos no campo da diacronia), os lexemas vão desenvolvendo sentidos cada vez mais subjetivos, podendo chegar a intersubjetivos.

A subjetivização é o processo natural em que os falantes, ao longo do tempo, desenvolvem significados que codificam ou externalizam suas perspectivas e atitudes a partir do evento de fala (TRAUGOTT & DASHER, 2005). Traugott (1989, p. 35) diz que a subjetivização corresponde, portanto, ao processo semântico-pragmático em que “os sentidos se tornam cada vez mais baseados na crença, atitude e estado do falante acerca da proposição”.

A intersubjetivização, por sua vez, é a mudança resultante do desenvolvimento de significados que exprimem a preocupação do falante com o endereçado, isto é, com o *self* do interlocutor, em sentido epistêmico e social. Dessa forma, o falante está atento às atitudes do interlocutor diante do que está sendo dito. Nesse sentido, tal processo se relaciona à noção de *face*, visto que esta, segundo Goffman (1980, p.76-77), corresponde a um valor social positivo reclamado pelo falante diante de um determinado padrão de atos verbais e não-verbais, os quais expressam sua visão e avaliação da situação e dos participantes. Assim, ainda de acordo com o autor, “*face* é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados”.

Portanto, temos que subjetivização e intersubjetivização são mecanismos pelos quais (TRAUGOTT, 2010, p.35):

I. os sentidos são recrutados pelo falante para codificar e regular suas atitudes e crenças (subjetivização) e,

II. uma vez subjetivados, podem ser recrutados para codificar sentidos centrados no interlocutor (intersubjetivização).

Assim, a autora defende um *cline* unidirecional de mudança, a saber:

Quadro 2 – *Cline* de unidirecionalidade proposto por Traugott (2010, p. 35)

não/menos subjetivo > subjetivo > intersubjetivo
--

Os autores também comentam sobre a possibilidade de a hipótese unidirecional ser contestada. Apesar de não se oporem a uma revisão sobre esse aspecto tão difundido na gramaticalização, como visto na subseção 1.1.1., eles concordam que não há, de fato, algo substancial em relação à contestação da unidirecionalidade na gramaticalização. Para os pesquisadores, os contraexemplos apresentados são questionáveis. Além do mais, há um ponto crucial que destacam: mesmo que a unidirecionalidade estrutural seja violada, a unidirecionalidade semântica não o é; ela sempre percorre um caminho de uma crescente (inter)subjetivização.

Traugott (2010) entende, portanto, que a (inter)subjetivização corresponde ao ambiente contextual no qual a mudança linguística acontece e para o qual essa mudança contribui. Contudo, nem todo processo de (inter)subjetivização corresponde necessariamente a um processo de gramaticalização. De acordo com Traugott e Dasher (2005), a (inter)subjetivização refere-se, portanto, a qualquer processo de mudança semântica. Ainda dentro desse raciocínio, Davidse, Vandelanotte e Cuyckens (2010) afirmam que o inverso também procede: nem todo processo de

gramaticalização envolve (inter)subjetivização¹⁰. Dessa forma, faz-se necessário entender o que é gramaticalização para essa perspectiva.

Traugott e Dasher (2005) entendem a gramaticalização como um fenômeno gradiente e variável, dissociado do processo de aquisição da linguagem em virtude de se exigirem inferências e funções discursivas complexas, as quais são adquiridas pelos falantes por meio de um prolongado processo de inferenciação. Desse modo, a gramaticalização enquanto (inter)subjetivização envolve uma reanálise dos sentidos pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor, caracterizando-se, portanto, como um processo de semanticização que exige que os novos significados (inter)subjetivos sejam convencionalmente codificados, resultando em um novo par forma-sentido (DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010, p.4). Logo, quando defende a (inter)subjetivização como precursora da gramaticalização, Traugott (1995, 2003, 2010) considera que esta ocorreria quando houvesse o desenvolvimento de uma expressão gramaticalmente identificável, a qual envolve a referência/perspectiva do falante, a partir da reiteração de seu uso.

Baseando-nos no que foi exposto, advogamos que o verbo “esperar”, na língua portuguesa, passou por um processo de (inter)subjetivização no desenvolvimento de novos usos, os quais, em contextos específicos, através da ritualização, foram incorporados à gramática da língua, sendo, portanto, gramaticalizados.

Defendemos, como observado, que os significados semânticos são desenvolvidos por meio da necessidade comunicativa de o falante se posicionar acerca do que diz e em relação ao seu interlocutor. Além da compreensão da gramaticalização enquanto processo de (inter)subjetivização – o que pressupõe um processo de mudança semântica –, é necessário esclarecermos como tal processo de mudança semântica opera. Logo, na próxima subseção, discutiremos os mecanismos conceptuais que subjazem à mudança semântica: a metaforização e a metonimização.

¹⁰ Cuckens, Davidse e Vandelanotte (2010, p. 6) observam que a mudança lexical pela qual passou a palavra inglesa *pig* (*porco*, em português) é um exemplo de subjetivização desvinculada do processo de gramaticalização. Tal palavra desenvolveu, com o passar do tempo, um sentido mais subjetivo, a saber: para se referir a alguém que come de maneira impolida. Já em relação à ocorrência de gramaticalização sem ser por meio do mecanismo da (inter)subjetivização, os autores apontam o desenvolvimento das preposições inglesas *to* como marcador de infinitivo e *by* como marcador de voz passiva. Outro critério que consideramos definidor para a comprovação da gramaticalização é a estipulação da frequência de uso (BYBEE, 2003), observando se, ao se tornar mais frequente, uma determinada construção apresenta um padrão construcional típico para determinado uso. No Capítulo III, discutiremos pontualmente o papel da frequência de uso no estabelecimento dos processos de gramaticalização.

1.2.3. Mecanismos da mudança semântica

Traugott e Dasher (2005) acreditam que a forma da gramática é modelada por aspectos estruturais e comunicativos da língua. Assim sendo, os autores defendem que os sentidos são construídos a partir do alinhamento entre as representações mentais, que se caracterizariam pela abstratização das estruturas conceptuais, e os eventos interacionais em que os falantes inovam no uso a partir de um alto poder criativo. Logo, caberia ao estudo da gramaticalização: a) identificar o momento em que um determinado lexema passa a desenvolver novos significados; b) estabelecer como se dá esse desenvolvimento (por meio de quais mecanismos); c) definir quando ele se encontra gramaticalizado, ou seja, codificado no sistema linguístico.

Traugott (2010), juntamente com Traugott e Dasher (2005), defende que a gramaticalização envolveria um processo de mudança semântica, pois, se estamos falando em novas formas ou no desenvolvimento de novos sentidos para formas já existentes, estamos, conseqüentemente, falando em construção de significados. No entanto, a autora frisa que nem sempre uma mudança semântica acarreta gramaticalização. Isso porque uma construção, para ser considerada gramaticalizada, precisa ter sido incorporada à gramática da língua através da sua frequência de uso¹¹. A mudança semântica, por sua vez, é regulada primordialmente pela pragmática: a dependência contextual de um significado abstrato permite que os falantes organizem usos dinâmicos de forma que ocorra mudança nas situações de uso. Logo, para que a mudança semântica de uma expressão seja considerada gramaticalização, é necessário que as inferências realizadas pelos participantes de um evento de fala se tornem ritualizadas, convencionalizadas (SCHWENTER & WALTEREIT, 2010).

Traugott e Dasher (2005) chamam atenção para o fato de que, em se tratando de mudança morfossintática, dois são os mecanismos reconhecidos nesse processo, a saber: a reanálise e a analogia. Já em relação à mudança semântica, temos como mecanismos vinculadores da gramaticalização a metaforização e a metonimização. No entanto, os autores frisam que a metonimização estaria na base da mudança semântica e propõem, a fim de descrever e argumentar a favor de sua proposta acerca da inferência sugerida.

¹¹ Conforme já destacamos anteriormente, no Capítulo III, trataremos do papel da frequência de uso, observando sua relevância para se aferirem processos de gramaticalização.

Sendo assim, realizaremos, a seguir, uma descrição dos mecanismos mencionados acima e, posteriormente, apresentaremos a proposta da inferência sugerida.

1.2.3.1. Metaforização e metonimização

Segundo Traugott & Dasher (2005), metaforização e metonimização correspondem a mecanismos dinâmicos de função processual, os quais se referem, respectivamente, à metáfora e à metonímia. Assim sendo, o processo de metaforização – isto é, um processo pelo qual os sentidos são construídos via metáfora – utiliza recursos linguísticos que se assemelham àquilo que se quer dizer, enquanto que a metonimização – que, assim como a metaforização, também é um processo pelo qual os sentidos são desenvolvidos – utiliza, por sua vez, palavras vizinhas àquilo que quer ser dito, ou seja, metonímias (NERLICH & CLARKE, 1992 *apud* TRAUGOTT & DASHER, 2005, p. 27).

Durante a maior parte do século XX, a metaforização foi considerada o principal mecanismo de mudança semântica. Ela consiste em um princípio analógico que envolve a conceptualização de um elemento de uma determinada estrutura em termos de um elemento de uma outra estrutura, sendo compreendida, portanto, como um mecanismo que opera entre domínios conceptuais distintos (SWEETSER, 1990 *apud* TRAUGOTT & DASHER, 2005, p. 28).

A abstratização por metáforas, segundo Gonçalves *et al.* (2007, p. 43), está diretamente relacionada ao modo “como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo que os cerca”. Assim, aquilo que reflete as experiências humanas mais elementares é tido como concreto e servirá de conceito-fonte para um outro conceito mais abstrato.

Heine *et al.* (1991), preocupando-se preponderantemente com o papel da metáfora na gramaticalização, destacam que ela seria motivada pragmaticamente e adotaria uma função gramatical. Para os autores, tal mecanismo permite que predicções já existentes operem em novos contextos por meio da expansão de seus significados. Com isso, eles estipulam a trajetória de mudança, observada na subseção 1.1.1., em que se abordam as categorias cognitivas básicas pelas quais ocorreria o desenvolvimento das estruturas gramaticais: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.

A metonímia, por sua vez, passou a ser mais focalizada em estudos recentes e, de acordo com Barcelona (2000 *apud* TRAUGOTT & DASHER, 2005, p. 29), tem se revelado um mecanismo de reanálise semântica mais basilar, em se tratando de linguagem e cognição, do que a metáfora. Stern (1968, [1931], p. 350 *apud* TRAUGOTT & DASHER, 2005, p. 29), ao falar sobre “permutação” e “adequação” – considerados, segundo Traugott e Dasher (2005), tipos de metonímia –, observa que essas noções dizem respeito à “apreensão subjetiva do referente”, ou seja, seriam uma associação conceptual. Já Anttila (1989 [1972] *apud* HOPPER & TRAUGOTT 2008 [1993], p. 88) sugere que a “metonímia é uma transferência semântica através da contiguidade e da indexalidade”.

Assim, a metonimização é interpretada como um mecanismo conceptual pelo qual as inferências sugeridas por associação, no fluxo do *continuum* da fala e da escrita, passam a ser semantizadas ao longo do tempo. Dessa forma, o falante, em meio às complexidades da comunicação, utiliza implicaturas que irão sugerir ao interlocutor inferências necessárias para que se estabeleça a comunicação (MARTELOTTA, 2010). Logo, a metonimização opera no mesmo domínio conceptual e está, por sua vez, baseada em processos de inferenciação. Considerando que, neste trabalho, nos basearemos, primordialmente, na noção de metonimização, trataremos, na próxima seção, do papel da inferência sugerida na mudança semântica.

1.2.3.2. O papel da inferência sugerida na mudança semântica

O presente trabalho almeja observar o processamento da mudança semântica e a consequente gramaticalização do verbo “esperar” por meio da metonimização. Isso decorre do fato de que acreditamos, assim como Martelotta (2010) e Traugott & Dasher (2005), que a proposta da metaforização não conseguiria explorar as questões que estão na base da mudança semântica. Como vimos, a mudança é motivada comunicativamente; e, crendo que essa mudança se daria pela necessidade de os falantes expressarem cada vez mais seu posicionamento diante da proposição, julgamos que a metonimização seria subjacente aos processos de mudança linguística: subjetivização e intersubjetivização.

Ambos os processos correspondem a mecanismos metonímicos, visto que um traço de uma expressão é projetado para um novo uso, fazendo com que o uso inicial seja expandido pragmaticamente.

Não queremos aqui dizer que as inferências realizadas por metáforas não são importantes na gramaticalização. Elas e as inferências via metonímia correspondem a processos complementares e atuam no nível pragmático. No entanto, de acordo com Hooper & Traugott (2008 [1993]), Traugott & Dasher (2005) e Martelotta (2010), a inferência sugerida, isto é, o processo de mudança metonímica, fornece um material mais adequado para que se possa entender a motivação da mudança semântica em seus estágios iniciais.

De acordo com Traugott e Dasher (2005), o principal objetivo da proposta da inferência sugerida é considerar os significados pragmáticos convencionalizados e sua reanálise como significado semântico. Assim sendo, o significado de um lexema que está inicialmente ligado a uma determinada estrutura conceptual é inovado, por um falante, para um novo uso. Esse novo uso é desenvolvido instantaneamente pelo falante e pode ser difundido e utilizado por outros falantes. Esse processo ocorre de maneira gradual dentro da comunidade linguística, por isso, fala-se que a gramaticalização se dá de maneira discreta, mas para cada indivíduo a mudança é instantânea.

Assim, observando que a mudança linguística é motivada comunicativamente e que a inferência sugerida “engloba as complexidades da comunicação que o falante utiliza para evocar implicaturas sugerindo que o ouvinte faça as inferências necessárias para que se dê a comunicação” (MARTELOTTA, 2010, p. 62), acreditamos que seja por meio de tal processo de inferenciação que os diferentes usos de “esperar” surgiram na língua. Diante das necessidades comunicativas, os falantes foram inovando o uso de “esperar”, sendo possível a compreensão dos sentidos emergentes devido à projeção de traços semânticos que possibilitaram a interpretação dos novos usos.

Até o momento, expusemos que os sentidos das construções vão se desenvolvendo em um *cline* [objetivo / -subjetivo] > [subjetivo / +subjetivo] > [intersubjetivo]. Tal desenvolvimento ocorre, em um momento basilar, por meio do mecanismo conceptual da metonimização. A reiteração dos novos usos faz com que as construções sejam gramaticalizadas na língua. E a (inter)subjektivização traz à tona as mudanças de significado de itens lexicais e construções específicas. Assim, a mudança semântica está sujeita a uma tendência de os falantes

(inter)subjetivizarem, o que explicaria a provável história dos lexemas e a existência de construções particulares. Diante disso, se o intuito é também descrever os usos simultâneos de “esperar” em cada estágio, devemos observar os possíveis padrões construcionais decorrentes do processo de gramaticalização. Nesse sentido, passaremos para a proposta defendida por Traugott (2003, 2008, 2009) sobre a gramaticalização de construções.

1.2.4. Gramaticalização de construções

Nesta seção, discutiremos os trabalhos de Traugott (2003, 2008, 2009) sobre o processo que a autora denomina de “gramaticalização de construções”. Amparada teoricamente em Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Croft e Cruise (2004), Traugott (2003, 2008, 2009) defende que as construções são as unidades básicas da língua, as quais – entendidas como objetos teóricos – se estabelecem a partir do pareamento entre forma e sentido. A esse posicionamento, alinha-se a concepção de gramaticalização como processos de uso da língua pelos quais ocorrem mudanças sistemáticas tanto na morfossintaxe quanto no significado (TRAUGOTT, 2008, p. 220).

Vale ressaltar que a presente pesquisa não busca estabelecer uma interface entre gramaticalização e Gramática das Construções, mas se restringe à proposta de Traugott (2003, 2008 e 2009) acerca da gramaticalização de construções, considerando os aspectos relevantes no que diz respeito ao tratamento dos padrões construcionais na mudança linguística.

Traugott (2003) destaca que os trabalhos de Lehmann (1995 [1982], 1992) e Hopper e Traugott (2008 [1993]) já observavam a noção de integridade presente nas expressões gramaticalizadas. Lehmann (1995 [1982]) afirma que a gramaticalização envolve um conjunto de processos semânticos, sintáticos e fonológicos que interagem na gramaticalização de morfemas e de construções inteiras. Posteriormente, o autor assume que a gramaticalização de um elemento apreende toda a construção formada pelas relações sintagmáticas que ele estabelece (LEHMANN, 1992). Hopper e Traugott (2008 [1993]) já frisavam que também cabia à gramaticalização estudar as construções que passariam a atuar em certos contextos, a fim de desempenhar funções gramaticais.

Ainda recuperando o tratamento dado à noção de construção em relação à gramaticalização, Traugott (2008, 2009) aponta o trabalho de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994).

Esses autores partem do princípio de que a fonte do sentido gramatical é a construção inteira, e não as suas partes composicionais. Com isso, Traugott (2003, 2008) salienta o que Goldeberg (1995) chamou de princípio da fraca composicionalidade. Nesse princípio, se assume que as construções de uma língua não apresentam um significado independente das palavras que a compõem numa dada sentença. Logo, essas unidades não podem ser tomadas nem pela soma de suas partes individualmente nem por construções pré-existentes na língua. Um exemplo latente desse princípio está nas expressões idiomáticas das línguas, já que elas são uma forte evidência de que uma análise puramente composicional não dá conta de explicar os usos linguísticos.

Em se tratando de gramaticalização de construções, Traugott (2008, p. 225), baseada em Croft (2001), observa que: (i) em um processo de gramaticalização, toda a construção muda o sentido; (ii) uma nova construção passa por mudanças na estrutura gramatical e no comportamento de acordo com sua nova função; e (iii) a expansão de construções para novos usos corresponde a uma mudança na distribuição daquela construção. Dessa forma, a autora salienta que há um pareamento entre a forma e o sentido no decorrer do desenvolvimento de uma construção – visto que a mudança na totalidade da construção opera de maneira a estabelecer padrões construcionais para determinados usos – e a gradualidade da mudança linguística.

Traugott (2003, 2008, 2009) defende, portanto, que os estudos em gramaticalização devem observar a mudança a partir da incorporação de uma construção na gramática de uma língua. Esta, por sua vez, atua na estruturação dos aspectos cognitivos e comunicativos da linguagem (TRAUGOTT, 2003).

A partir da noção de construção, Traugott (2009, p. 91) propõe a seguinte definição para a gramaticalização:

[...] a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (partes de) uma construção com uma função gramatical ou designam uma nova função gramatical para uma construção gramatical já existente. (TRAUGOTT, 2009, p. 91)

Dessa forma, o escopo de análise da gramaticalização é ampliado, visto que, além de observar os diferentes usos – averiguando se houve mudança, qual sua motivação e como esta se processou –, esse estudo também deverá considerar os ambientes linguísticos que possibilitam tais usos, acarretando a identificação de padrões construcionais.

O trabalho com padrões construcionais implica o alinhamento entre a estrutura da construção e o seu uso. Isso só vem a auxiliar a abordagem da gramaticalização como (inter)subjativização, já que esta se preocupa em não separar os aspectos tidos como estruturais dos aspectos semântico-pragmáticos. Assim, temos que nenhum nível da gramática é tido como autônomo ou central. Em uma construção, os níveis semântico, morfossintático, fonológico e pragmático – este ainda não é incluído em todos os modelos que operam com a noção de construção – trabalham juntos (TRAUGOTT, 2008).

Em relação à expansão de uso, Traugott (2003, 2008, 2009) ainda defende o fortalecimento pragmático das construções. Nesse sentido, a autora considera que as construções novas da língua permanecem com traços das construções que lhes deram origem e seus usos são expandidos para novos domínios pragmáticos.

Dessa forma, Traugott (2009) afirma que a gramaticalização de construções, além de trazer como resultados a compreensão da mudança como um processo dinâmico, gradiente e variável e a defesa do pareamento entre padrões de uso e padrões gramaticais via significado, também defende a incorporação das micro-construções – tipos individuais de construção – em uma rede de gramaticalizações integradas/interligadas. Nesse sentido, Traugott (2009), embasada em Goldberg (1995), propõe que são estabelecidas, entre as construções, relações, as quais são responsáveis pela motivação de diversas propriedades nas construções em análise.

Assim sendo, tendo em vista a gramaticalização de construções, pretendemos averiguar e descrever os possíveis padrões construcionais vinculados aos diferentes usos de “esperar” nos *corpora* analisados.

1.3. Conclusões

Neste capítulo, procurou-se defender que a abordagem tradicional da gramaticalização apresenta lacunas no que diz respeito ao estudo da língua em uso. Mais do que descrever os possíveis sentidos atribuídos ao objeto de análise e traçar um caminho de mudança em que se focaliza somente a estrutura ([item lexical] > [item gramatical] > [item + gramatical]) ou possíveis categorias cognitivas que interfeririam na mudança (pessoa > objeto > processo > atividade > espaço > tempo > qualidade), a gramaticalização compreendida como processo de

(inter)subjetivização visa a englobar os aspectos formais, cognitivos e interativos da linguagem. Assim, defende que a motivação da gramaticalização se dá em um contexto *in loco*, devido às necessidades comunicativas dos falantes em determinado evento de fala. A partir da atribuição de uma nova função a uma determinada forma, os participantes processariam, por meio de inferências sugeridas, esse novo sentido. A partir da reiteração desse uso e sua, conseqüente, difusão entre os membros da comunidade linguística, tal uso seria, assim, incorporado à gramática da língua, sendo, portanto, gramaticalizado. Sobre o desenvolvimento desses novos usos, vale dizer que este se dá em uma crescente subjetivização, chegando a incorporar, possivelmente, sentidos intersubjetivos.

Tendo em vista esse aparato teórico, procuraremos averiguar se o verbo “esperar”, ao passar pelo processo de gramaticalização, sofreu uma mudança semântico-pragmática, a partir da instanciação de novos usos na gramática. Com isso, é também nosso objetivo averiguar os possíveis padrões construcionais vinculados à gramaticalização de “esperar”. Dessa forma, comungamos com a perspectiva da gramaticalização de construções, a qual visa a complementar nossa análise.

Descrita de maneira sucinta a abordagem aqui defendida, acreditamos que ela dê conta de explicar o processo de gramaticalização do verbo “esperar”, dentro de uma perspectiva funcionalista.

CAPÍTULO II

DISCUSSÕES EM TORNO DO VERBO *ESPERAR*

Este capítulo dedica-se a apresentar os sentidos que são comumente atribuídos ao verbo “esperar” e a verificar a existência de estudos anteriores. Com o intuito de cumprir o primeiro objetivo do capítulo, buscamos os sentidos convencionalizados atribuídos ao verbo nos dicionários – Bastos (1912), Aurélio (1988) e Houaiss (2001) – e no *Guia de Uso do Português* (NEVES, 2003). Dessa forma, procuramos obter um panorama de suas acepções, tendo em vista os usos encontrados em nossa análise. Além disso, a fim de cumprir o segundo objetivo, pesquisamos trabalhos que possuíssem tal verbo como objeto de estudo, sendo encontrada a dissertação de mestrado de Santos (2009). Esta trata pontualmente da gramaticalização de “esperar”, porém, como veremos, sob uma perspectiva distinta da nossa.

Nesse sentido, o presente capítulo organiza-se de maneira a abordar, inicialmente, os sentidos convencionalizados de “esperar” e, posteriormente, o trabalho de Santos (2009). Ao final, apresenta as conclusões a partir das considerações realizadas.

2.1. Sentidos convencionalizados de *esperar*

O verbo “esperar”, na língua portuguesa, possui uma multiplicidade de sentidos, os quais são utilizados – a depender daquilo que se quer dizer –, inconscientemente e sem esforço, pelos os falantes por meio de pistas contextuais.

Os dicionários, principalmente, preocupam-se em reunir os diferentes sentidos assumidos por determinada palavra. No entanto, tal listagem varia, de dicionário para dicionário, tanto no número de sentidos quanto no agrupamento dado a eles. Neves (2003) também destaca a existência de diferentes acepções atribuídas a determinados vocábulos e construções, dentre eles o verbo “esperar”.

Assim sendo, apresentamos abaixo os sentidos do verbo “esperar” retirados de Bastos (1912), Aurélio (1988), Houaiss (2001) e de Neves (2003). Com isso, procuraremos observar, nessas obras, as similaridades e diferenças no tratamento de “esperar”. Além disso, verificaremos quais acepções – dentre as que foram propostas pelos autores – foram encontradas em nossos *corpora*.

O primeiro dicionário verificado foi o *Diccionario etymologico, prosodico e orthographico da lingua portuguesa* (BASTOS, 1912). Nele, foram encontrados os seguintes sentidos para “esperar”:

Quadro 3 - Sentidos de “esperar” retirados do *Diccionario etymologico, prosodico e orthographico da lingua portuguesa* (BASTOS, 1912, p. 502)

ESPERAR: [es-pe-rár], v. tr. Ter esperança de ou em; ter como provável; aguardar; aguardar em emboscada; confiar; –, v. intr. Estar à espera de alguém ou de alguma coisa; aguardar; ter esperança. (Do latim <i>sperare</i>).

Como podemos notar, “esperar” é tido tanto como verbo transitivo quanto como intransitivo, possuindo os sentidos de “ter esperança” e “aguardar”. Somente como verbo transitivo, ainda significa “ter como provável”, “aguardar em emboscada” e “confiar”, enquanto que, como intransitivo, apresenta o uso “estar à espera de alguém ou de alguma coisa”. Verifica-se que já lhe é atribuído um sentido mais basilar de “aguardar” e outros com valores [+ subjetivos]: “ter esperança”, “ter como provável” e “confiar”.

Em relação ao dicionário Aurélio (1988), temos:

Quadro 4 - Sentidos de “esperar” retirados do *Dicionário Aurélio* (1988, p. 269)

ESPERAR: [Do lat. <i>sperare</i>]. V.t.d. 1. Ter esperança em; contar com: <i>Os fiéis esperavam um milagre</i> . 2. Estar ou ficar à espera de; aguardar: <i>Esperou o amigo horas a fio</i> . 3. Supor, conjecturar, presumir, imaginar: <i>Jamais poderiam esperar aquele procedimento</i> . 4. Ter esperança em; contar com a realização de (coisa desejada ou prometida): <i>Esperava encontrá-lo dentro de poucos dias</i> . 5. Estar reservado ou destinado a: <i>Sabia que ali o esperava a fama</i> . 6. Aguardar em emboscada. T.d. e i. 7. Contar obter: <i>Costuma esperar tudo de seus amigos</i> . t.i. 8. Ter fé; confiar: <i>esperar em Deus</i> . 9. Ter esperança; contar com a realização (de coisa desejada): <i>“Nuvens que vêm. / nuvens que vão... / Esperar por um bem, / ai, esperar em vão!”</i> (Onestaldo de Pennafort. Poesias, p. 216). In. 10. Estar na expectativa: <i>“ante seus olhos cravados na penumbra, fatigados de esperar, surgiam, então, imagens estranhas.”</i> (Eça de Queirós, Últimas Páginas, pp. 264-265). 11. Ter fé; confiar: <i>“Quem espera sempre alcança.”</i> (prov.)
--

A partir da leitura do quadro acima, podemos observar um maior número de sentidos atribuídos ao verbo “esperar”. No dicionário Aurélio (1988), além das acepções “ter esperança”, “contar com/obter”, “confiar” (“ter fé”), “aguardar”, ainda verificamos três outros usos, a saber: “supor, conjecturar, presumir, imaginar” – sentidos relacionados à crença/julgamento do falante – , “estar reservado ou destinado a” e “estar na expectativa”.

Já no dicionário Houaiss (2001), foram encontrados os seguintes sentidos para “esperar”:

Quadro 5 - Sentidos de “esperar” retirados do *Dicionário Houaiss* (2001, p. 1228)

ESPERAR. v. (sXIII cf. FichIVPM) 1 t.d., t.i.int. ter esperança (em), contar com, confiar em <e. um milagre> <e. em Deus> <e. uma ajuda de alguém> <coragem, é preciso e.> 2 t.d., t.i.int. não agir, não tomar decisões, não desistir de algo, não ir embora etc, até a efetuação de um evento que se tem por certo, ou muito provável, ou muito desejável <e. a (ou pela) volta do filho> <e. abrir um empréstimo da Caixa para comprar um apartamento> <e. na fila do cinema> 3 t.d., t.i.int. estar ou ficar à espera (de); aguardar <esperava as visitas à porta da entrada> <espere por mim, volto logo> <só lhe restava esperar> 4 t.d., t.i. contar com a realização de algo; desejar, torcer para <espero que tudo corra bem> <e. pela sua recuperação> 5 t.d. estar reservado ou destinado a <um futuro promissor o espera> 6 t.d. considerar (algo) como provável, com base em indícios; supor, presumir, conjecturar, imaginar <nunca esperamos que tal fosse suceder> 7 t.d. int. ser gestante <ela espera o segundo filho> <quando está esperando, ela passa muito mal os três primeiros meses> - ETIM lat. Spēro, as, āvi, ātum, āre ‘espera, ter esperança; contar com, ter confiança de que’, der. de <i>spes</i> , ei ‘esperança, expectativa’; ver <i>esper-</i> ; f. hist. sXIII esperar, sXIV asperar, sXV sperado - ANT desesperar, desistir.

Como se pode notar, o dicionário Houaiss (2001) engloba os sentidos já mencionados nos dicionários anteriores. No entanto, ainda observa que “esperar” pode ser utilizado como “não agir, não tomar decisões, não desistir de algo, não ir embora etc., até a efetuação de um evento que se tem por certo, ou muito provável, ou muito desejável”, “desejar, torcer para” – uso mais explicitamente volitivo – e “ser gestante”.

Neves (2003), por sua vez, aponta os seguintes sentidos para “esperar”:

<p>ESPERAR</p> <p>Usa-se:</p> <ul style="list-style-type: none">- significando “sofrer adiamento”, sem complemento. * <i>Nessa reunião, Figueiredo decidiu que as medidas de emergência não podiam ESPERAR.</i> (VEJ)- significando “estar ou ficar à espera de”, “aguardar a chegada de”, com complemento sem preposição (objeto direto) ou com complemento iniciado pela preposição por. * <i>Eu ESPERO a morte.</i> (CHR) * <i>Uma manhã ESPEROU-a, como de costume, junto à muralha, mas ela não apareceu.</i> (CEN) * <i>ESPEREI por um outro miado que não veio.</i> (BL)- significando “ter expectativa de”, com um complemento sem preposição (objeto direto) oracional. * <i>Como você ESPERAVA casar comigo?</i> (I) * <i>ESPERO que a senhora me honre com novas visitas.</i> (ACM)- significando “ter expectativa de obter”, com um complemento sem preposição (objeto direto), podendo ocorrer outro complemento (referente a pessoa) iniciado pela preposição de. * <i>Pedia-lhe planos, definições, era como se dissesse, não ESPERE nada de mim.</i> (CP) * <i>(...) os flagelados ESPERAVAM uma solução e um destino.</i> (TER)

Sobre os usos de “esperar” presentes em Neves (2003), destacamos que eles, basicamente, correspondem a “sofrer adiamento”, “aguardar”, “ter a expectativa de” – que revela o julgamento do falante, levando-se em consideração o que ele sabe sobre o mundo – e “ter a expectativa de obter”.

É possível verificar que o tratamento dado ao verbo “esperar” diverge a depender da obra consultada. Salientamos que o dicionário Houaiss (2001) apresentou o maior número de deslizamentos funcionais sofridos pelo verbo, apesar de não mencionar – assim como as outras obras consultadas – construções específicas em que “esperar” pode figurar. Deve-se, contudo, ressaltar que os diferentes sentidos podem não se encontrar em um mesmo nível de difusão na língua, o que poderia ser acarretado por questões de ordem variacionista ou por terem caído em desuso. Ainda há o fato da descrição das diferentes acepções: como podemos observar, elas podem ser tomadas como sinônimas por um dicionarista e englobadas em uma mesma categoria e, já para outro, serem separadas em diferentes sentidos¹².

Dessa forma, procuramos arrolar, nesta seção, os diferentes sentidos convencionalizados atribuídos ao verbo “esperar”. Esse fato permitiu que verificássemos os sentidos por nós encontrados e pudéssemos categorizá-los. De acordo com nosso levantamento – o qual será

¹² Em nossa análise, por exemplo, atribuímos à acepção “aguardar no tempo” os sentidos “aguardar”, “aguardar em emboscada”, “ser gestante” e “não agir até que determinado evento ocorra” diferenciados pelos dicionaristas. Para tanto, utilizamos como critério a noção de aspectualidade, que, acreditamos, relacionaria todos esses usos à mesma acepção.

analisado no Capítulo IV –, o verbo “esperar” possui três acepções básicas, a saber: 1) ideia de “aguardar no tempo”; 2) expressão da volição; e 3) manifestação de uma expectativa e de uma contraexpectativa. Além dessas, como também mostrará o Capítulo IV, ainda figura em outras construções, dentre as quais se destaca a construção “espera aí/ peraí”.

2.2. Verbo *esperar*: uma revisão teórica

Na pesquisa que realizamos sobre estudos referentes ao verbo “esperar”, encontramos a dissertação de mestrado de Santos (2009), a qual trata pontualmente da gramaticalização desse verbo. Nesta seção, discutiremos tal estudo, destacando os pontos que divergem da nossa pesquisa – o que salienta, inclusive, a relevância do trabalho que desenvolvemos – e observando tanto questões teórico-metodológicas quanto referentes à análise.

Em relação à abordagem teórica apresentada, a autora se filia à perspectiva que denominamos, neste trabalho, de tradicional. Para Santos (2009),

A gramaticalização é um processo que pode ser entendido como a passagem de itens lexicais (palavras, orações e construções) que designam entidades, ações, qualidades, como nomes, verbos, para itens gramaticais, sendo que estes serviriam para organizar os elementos lexicais do discurso. Na maioria dos textos, encontramos referência a preposições, conectores e pronomes como exemplos de elementos gramaticais, os quais, originados de elementos lexicais, assumiriam um novo *status* como categoria gramatical. (SANTOS, 2009, p. 22)

Além disso, operamos com a noção de construção, pensando na integridade presente nos possíveis padrões construcionais decorrentes da gramaticalização do verbo “esperar”. Santos (2009), por outro lado, tem por objetivo averiguar o caminho de mudança percorrido por “esperar” – [lexical] > [gramatical] > [+ gramatical] –, realizando, paralelamente, a descrição dos diferentes usos atribuídos ao verbo. Em sua análise, não figura uma abordagem sistemática da relação entre o par forma-sentido.

Sobre o ponto de vista metodológico, destacamos que não houve, por parte da autora, um controle sobre o número de palavras utilizadas nas diferentes amostras selecionadas. Acreditamos

que esse seja um fator importante para evitarmos uma discrepância que poderá interferir na quantidade de ocorrências e nos diferentes usos encontrados, comprometendo, assim, a análise (VITRAL, 2006).

Outro fator metodológico que julgamos ser de suma importância em trabalhos sobre gramaticalização e que não foi levado em consideração na pesquisa de Santos (2009) é o levantamento da frequência de uso. Como acreditamos, esse é um critério que permite atestar os estágios de gramaticalização, bem como verificar, por meio do aumento da frequência de uso, a padronização de uma nova construção. De acordo com Bybee (2003), a repetição de palavras e morfemas permite que eles sejam interpretados como uma unidade única de processamento, e não como partes isoladas que compõem um todo.

A pesquisa de Santos (2009) investiga a gramaticalização do verbo “esperar” no falar culto de São Paulo. No entanto, a autora realizou, em 2006, um estudo-piloto, o qual investigou a mudança linguística percorrida por esse verbo no falar popular carioca, tendo como *corpus* a Amostra de Recontato (Amostra 00) do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). Conforme seu texto destaca, a escolha por um outro dialeto se deu devido à escassez de material confiável na época para a realização de uma análise da fala paulista, visto que os bancos de dados paulistas encontravam-se em processo de refinamento (SANTOS, 2009). De acordo com Santos (2009), esse estudo foi fundamental na elaboração de sua pesquisa de mestrado, principalmente no que se refere ao agrupamento das ocorrências em termos de suas classes/funções.

Assim sendo, tendo em vista uma análise funcionalista – a qual pressupõe, como observado no Capítulo I, uma interrelação entre os fatores tidos como estruturais e as motivações comunicativas –, Santos (2009) defende que o verbo em questão se desenvolveu de acordo com o seguinte *cline* de mudança: verbo pleno > verbo quase-auxiliar > marcador conversacional. A partir desse caminho, Santos (2009, p. 54-58) inicialmente descreve as diferentes categorias de “esperar” por ela encontradas no estudo-piloto realizado anteriormente¹³:

¹³ Santos (2009), ao relatar seu estudo-piloto, não oferece uma descrição/explicação das ocorrências selecionadas. A autora se restringe a apresentá-las.

a) **Categorias de verbo pleno:**

- 1) **Esperar 1**¹⁴: parafraseável por “aguardar, torcer para, aguardar no tempo desejando que algo ocorra (mas pode não ocorrer)”. De acordo com a análise da autora, tal acepção admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter circunstancial temporal.

(5) Eu queria muito tê um filho, eu **esperei** dois anos de casada. (exemplo 31, SANTOS, 2009, p. 55)

- 2) **Esperar 2**: possui o sentido de “aguardar num local por alguém que certamente chegará”. Também admite sujeito nas mais variadas pessoas gramaticais, no entanto seu complemento é de caráter locativo.

(6) Quando chegava minha mãe tava me **esperando** na porta” (exemplo 33, SANTOS, 2009, p. 55)

- 3) **Esperar 3**: apresenta a acepção de “aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá”. Nesse sentido, admite complemento [+/- humano] representado pela categoria evento, a qual sinaliza a duração do tempo da espera e, assim como “esperar 1” e “esperar 2”, sujeito de variadas pessoas gramaticais.

(7) Olha, com uns quatro meses, eu tava na cama, ia ficá deitado até **esperá** o Daniel nascer. (exemplo 34, SANTOS, 2009, p. 55)

- 4) **Esperar 4**: manifesta a expressão de uma volição, de um desejo. Santos (2009) observa que tal acepção admite sujeito e complemento oracional.

(8) **Espero** que seja melhor do que o antigo, porque se ensinava muito errado antigamente (exemplo 36, SANTOS, 2009, p. 55)

¹⁴ Destacamos que, neste capítulo, os termos “esperar 1”, “esperar 2”, “esperar 3”, “esperar 4”, “esperar 5”, “esperar 6”, “esperar 7” e “esperar 8” correspondem aos usos identificados, descritos e nomeados por Santos (2009). Logo, esses termos não são equivalentes, no que se refere a sua conceituação, aos utilizados nesta pesquisa.

b) Categoria de verbo quase-auxiliar:

- 1) **Esperar 5:** verbo auxiliar com a acepção de “torcer para, ter esperança”. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais, o qual é compartilhado tanto por V1 quanto por V2.

(9) Eu **espero** continuar morando aqui. (exemplo 37, SANTOS, 2009, p. 56)

c) Categoria de marcador conversacional:

- 1) **Esperar 6:** “marcador conversacional, sem resquícios da categoria verbal, que pode articular a conversa, sinalizar a mudança de turno ou codificar o estranhamento do falante frente a uma situação ou informação” (SANTOS, 2009, p. 57). Possui o sujeito fixado na segunda pessoa do discurso.

(10) Pra você tê filho assim, e deixá com os outro. **Peraí**, minha mãe já me criou. Ainda vô deixá filho com os outro (exemplo 39, SANTOS, 2009, p. 57)

A partir dos resultados alcançados, Santos (2009) desenvolveu sua pesquisa de mestrado, tendo como alvo, conforme já dito, o falar culto paulista. Para tanto, a autora utilizou diferentes amostras, as quais compuseram seu *corpus*, a saber: Amostra NURC/SP – Projeto da Norma Oral Culta da São Paulo –, Amostra CAPH – Centro de Apoio à Pesquisa em História/FELCH-USP –, Amostra IEA – Instituto de Estudos Avançados da USP – e Amostra PHPP – Projeto História do Português Paulista/Projeto Caipira.

Sobre a análise, Santos (2009) ressalta que, no falar culto de São Paulo, não foram encontrados usos correspondentes ao “esperar 2” e ao “esperar 6” do falar popular carioca. No entanto, outros dois novos padrões foram detectados pela autora em sua pesquisa de mestrado. Esses foram classificados como “esperar 7” e “esperar 8”. Abaixo, transcrevemos as acepções de “esperar” na fala culta de São Paulo (SANTOS, 2009, p. 73-80), exemplificando-as¹⁵ e realizando algumas considerações, tendo em vista nossa interpretação sobre elas.

¹⁵ Ressaltamos aqui que, também neste caso, Santos (2009) não oferece uma descrição/explicação das ocorrências apresentadas.

Dentro da categoria de verbo pleno, Santos (2009) apresenta os padrões funcionais denominados por “esperar 1” – parafraseável por “aguardar, torcer para, aguardar no tempo desejando que algo ocorra (mas pode não ocorrer)” – e “esperar 3” – que apresenta a acepção de “aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá”. Como exemplo dos dois usos, a autora oferece, respectivamente, as seguintes ocorrências:

(11) L2: ah eu se / é é então ele fo /
L1: ele foi ele entrou por primeiro
[
L2: é o terceiro concur /
L1: é o primeiro con /
[
L2: é o terceiro concurso
L1: *espera* quatorze não acho que quinze anos” (exemplo 47, SANTOS, 2009, p. 73)

(12) Doc.: e dá muito trabalho pra fazer esses pratos? como é que prepara?
Inf.: bom esses pratos não são mu :: ito trabalhosos ... agora se você souber :: ...
preparar a massa em casa ... se você quiser prepará-la mesmo ... então o negócio é fazer a massa ... e ::
ir colocando na assadeira ... e :: com camadas de recheio ... e quando estiver bem arrumadinha com um
molho de tomate ... por cima assim :: intercalado também ... você põe no forno ... e *espe :: ra* a vontade
de comer ... (exemplo 50, SANTOS, 2009, p. 74)

Sobre o “esperar 1”, o “esperar 2” (no falar carioca) e o “esperar 3”, questionamos em que medida os complementos de caráter “temporal”, “locativo” e “eventual” são específicos de cada um desses padrões, respectivamente. Ou seja, questionamos se, de fato, a presença ou não desses complementos permite diferenciar o verbo “esperar” – com o sentido de “aguardar” – em três usos distintos. Acreditamos que, para a validação de tal afirmação, seria necessária a averiguação da frequência de uso, mostrando, por exemplo, que todas as ocorrências de “esperar 1” apresentaram um complemento de caráter temporal. Ao comprovar que há uma distinção entre os complementos, Santos (2009), conseqüentemente, justificaria a separação entre essas três acepções. Para nós, de um modo geral, tais usos poderiam ser tomados de dentro da categoria de “aguardar no tempo”, visto que essa ideia está presente nos três sentidos defendidos pela autora. Acreditamos, ainda, que tal acepção estaria relacionada à noção de duratividade, conforme discutiremos no Capítulo IV.

Ainda dentro da mesma categoria de verbo pleno, Santos (2009) identifica um uso relacionado à manifestação da expressão de uma volição, de um desejo (chamado de “esperar 4” pela autora). Como exemplo, temos a seguinte ocorrência:

(13) L2: entende? quer dizer ... o que eu vejo :: ... na moça é que ela quer :: bastante títulos entende? ... o posto dela está no ... ela está na mesma coisa ela ... não :: *espera atingir mais nada* ... (exemplo 54, SANTOS, 2009, p. 76)

Sobre tal função discursiva, concordamos com a autora, que observa a presença do complemento oracional. Todavia, baseando-nos na perspectiva da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008, 2009), demonstraremos, no Capítulo IV, que “esperar” volitivo apresenta como complemento preferencial uma oração encaixada finita.

Por fim, Santos (2009) apresenta o “esperar 7” – parafraseável por “ter expectativa de obter” – na categoria de verbo pleno. A autora defende que esse uso possui um complemento sem preposição. No que se refere à noção de construção, mais uma vez, questionamos se o padrão defendido acima seria típico do uso em questão, visto que, sistemática e empiricamente, a autora não assume um posicionamento. Abaixo, segue um exemplo retirado de Santos (2009):

(14) Doc.: e que profissões? que profissões elas exercem? desculpe a pergunta foi mal feita. Que profissões exercem essas pessoas?

Inf.: essas profissões assim mais :: ... por exemplo balconista ... ou pessoas (o) que (eles) servem em restaurante entende? ... são essas profissões ... mais :: ... sem escolaridade que leva a isso né? que não exige da pessoa ... porque é uma coisa mais mecânica ... ela não tem que comunica :: r ... ela ... então o pessoal inclusive não *espera* nada dela ... não *espera espera* só atos mecânicos ... então é são essas profissões ... (exemplo 56, SANTOS, 2009, p. 76)

A próxima categoria identificada por Santos (2009) é a de “quase-auxiliar”, a qual, segundo a autora, seria representada pelo “esperar 5”. Nessa categoria, ela defende que o verbo “esperar” atuaria em uma perífrase verbal com o sentido de “torcer para, ter esperança”. É o que podemos notar no seguinte exemplo retirado de Santos (2009):

(15) Doc.: escuta ... e quando você tem problema dentário você escolhe um :: dentista com uma determinada especialidade ou qualquer um serve?

Inf.: eu ... pro / ... em geral a gente pro – cura um ... o dentista de quem a gente tem recomendação de :: recomendações de colegas ... ou de familiares ... o que seria o eu caso inclusive que frequento um dentista há mais de quinze anos porque ... me foi recomendado por pessoas ... ora não entro num consultório dentário ... qualquer às vezes eu prefiro até suportar um pouquinho de dor ... *esperando* (que) chegar o meu dentista ... do que entrar em qualquer clínica ... (exemplo 57, SANTOS, 2009, p. 76-77)

Contudo, o que podemos verificar é a presença de um encaixamento de orações, em que “esperar” figura na oração predicadora, sendo complementado, no caso do exemplo acima, por

uma oração infinita. Logo, “esperar” e “chegar” são verbos de orações diferentes, visto que, neste caso, não apresentam o mesmo sujeito – “esperar” possui como sujeito a primeira pessoa do singular do discurso (“eu”) e “chegar” apresenta o sujeito “meu dentista” –, como defendido por Santos (2009) ao dizer que tanto V1 (“esperar”) quanto V2 (no exemplo, “chegar”) possuem o mesmo sujeito quando “esperar” funciona como verbo quase-auxiliar.

Sobre a acepção “torcer para, ter esperança”, adiantamos que não a encontramos nos dados que analisamos.

Por fim, temos a última categoria adotada por Santos (2009): a de marcador conversacional. Segundo a análise do falar culto paulista, nessa categoria, encontra-se, para a autora, o “esperar 8”. Nela, o item, fixado na segunda pessoa do discurso, se comporta como um “marcador conversacional de interrupção com resquícios da categoria verbal ainda, que pode articular a conversa, sinalizar a mudança de turno ou codificar o estranhamento do falante a uma situação ou informação” (SANTOS, 2009, p. 77). Como exemplo, a autora apresenta a seguinte ocorrência:

(16) Doc.: que ... acho que a gente nós já conversamos bastante viu? Sobre vestuário parece
[
L1: só que ...
Doc.: que cobriu todo ((riu))
L2: *espera aí deixa eu (sentar) um pouco...* (exemplo 61, SANTOS, 2009, p. 78)

De acordo com Santos (2009), o “esperar 8” difere do “esperar 6” – o qual também é tido como marcador conversacional, mas só encontrado no falar popular carioca – pelo fato de este, representado pela forma “perai”, não apresentar resquícios da categoria verbal, enquanto que aquele, representado pelas formas “espera” ou “espera aí”, por sua vez, apresenta. A autora observa que, no “esperar 6”, o marcador conversacional “perai” sofreu uma erosão fônica, fazendo com que [esperar] > [pera]. Além disso, está agregado ao dêitico “aí”, sinalizando a posição ocupada pelo interlocutor, o qual está longe do falante, e justificando o padrão fixado na segunda pessoa do discurso. Tal padrão sofre um processo metafórico e pode ser interpretado como “mantenha sua ideia, seu argumento, o fato que me conta longe de mim porque pensamos de modo diverso” (SANTOS, 2009, p. 57). Sobre o “esperar 8”, a autora limita-se a oferecer alguns exemplos, pelos quais se pode chegar à conclusão de que esse uso possibilita a

organização do discurso pelo falante. No Capítulo IV, realizamos considerações acerca a construção “espera aí/peraí”¹⁶ sob a ótica da gramaticalização de construções. Assim, defendemos que o sentido da construção é percebido através de sua totalidade. Nesse sentido, abordaremos a multifuncionalidade dessa construção, demonstrando que “espera aí/peraí” pode sinalizar um pedido de tempo propriamente dito por parte do falante bem como organizar o discurso, o que revela a preocupação do falante frente ao seu interlocutor.

Santos (2009) ainda propõe que a recategorização de [verbo pleno] > [verbo auxiliar] tem como base a passagem da categoria cognitiva tempo > processo. Dessa forma, a autora questiona o *cline* proposto por Heine *et al.* (1991), que estabelecem que a noção de tempo deriva da noção de processo. No entanto, esse ponto só é mencionado pela autora, ao tratar do estudo-piloto, como um critério para organizar os dados, ou seja, ela não o retoma em sua análise.

Como conclusão de seu trabalho, Santos (2009) aponta o seguinte caminho para as mudanças ocorridas no estatuto categorial do verbo “esperar”: verbo pleno > verbo quase-auxiliar > volitivo > marcador conversacional. Para nós, entretanto, não ficou claro em que momento o “esperar” volitivo – o qual foi analisado como “esperar 4”, a princípio, dentro da categoria de verbo pleno – passou a ser compreendido fora dessa categoria e, posteriormente, ao “esperar” tido como quase-auxiliar (“esperar 5”). Nesse sentido, Santos (2009) estaria indo contra o *cline* defendido em sua dissertação – [item lexical] > [item gramatical] > [item + gramatical] –, uma vez que postula que um item que, para ela, seria lexical (“esperar 4” – acepção volitiva –) se desenvolveu a partir de um gramatical (“esperar 5” – como quase-auxiliar –).

Até o presente o momento, analisamos a pesquisa de Santos (2009) a partir de questões que divergem do nosso posicionamento teórico-metodológico e que, conseqüentemente, implicam o levantamento de considerações na análise e seus resultados. Preocupando-se em observar os padrões gramaticais vinculados ao verbo, a autora realiza uma classificação a partir das categorias “lexical”, “quase-auxiliar” e “marcador conversacional”, tendo em vista o *cline* de mudança linguística por ela adotado. Além disso, ainda se ocupa em relacionar tais categorias a determinados padrões de uso, o que demonstra uma preocupação funcionalista em se alinhar

¹⁶ Destacamos que, ao analisarmos o *corpus* sincrônico reunido neste trabalho, verificamos a ocorrência da construção “espera aí/peraí”, bem como de outras construções em que o verbo “esperar” figura – as quais serão apontadas no Capítulo IV. Contudo, não realizamos, nesta pesquisa, uma análise aprofundada dessas construções. Acreditamos que, diante da complexidade relacionada ao desenvolvimento de tais padrões construcionais, se faz necessário um estudo pontual e específico sobre eles. Nesse sentido, nos restringimos a oferecer uma breve descrição de seus usos e não averiguamos, pontualmente, questões referentes à gramaticalização dessas construções.

forma e uso. No que se refere à estipulação desses padrões de uso, seu trabalho apresenta um variado número de acepções para o verbo, se aproximando da descrição realizada pelos diferentes dicionários. Com isso, procuramos, nesta seção, descrever, de maneira minuciosa, a pesquisa realizada por Santos (2009). Com base nesse trabalho, pudemos tomar conhecimento de um estudo recente, o qual trata do nosso objeto de estudo, averiguando possíveis contribuições e lacunas.

2.3. Conclusões

O presente capítulo ocupou-se de considerar os sentidos atribuídos a “esperar” e o estudo realizado por Santos (2009) sobre o processo de mudança linguística percorrido pelo verbo em questão. Assim, a partir das considerações realizadas, destacamos as ligações estabelecidas com a análise empreendida nesta pesquisa.

No que se refere ao levantamento dos diferentes sentidos atribuídos ao verbo “esperar”, descritos na seção 2.1, e à análise das acepções por nós encontradas – as quais serão descritas detalhadamente no Capítulo IV – a partir dos *corpora* selecionados, concluímos que os usos de “esperar” podem se organizar de maneira a:

- (i) manifestar a ideia de “aguardar”, a qual se caracteriza por sua noção de duratividade;
- (ii) expressar o *self* do falante, diante de seus desejos/vontades, crenças e expectativas/contraexpectativas.

Já em relação ao estudo de Santos (2009) sobre “esperar”, destacamos o objetivo principal de sua pesquisa – mesmo que fundamentada em outra perspectiva e com considerações que questionamos –, a qual aborda o verbo em análise a partir do processamento de sua mudança linguística. Dessa maneira, a autora reconhece e tenta comprovar a gramaticalização de “esperar” e sua relação com os diferentes padrões de uso por ela levantados.

Assim, verificando os diferentes usos de “esperar” e sua instanciação na língua por meio de mudanças sofridas ao longo do tempo, esta pesquisa se propõe a investigar o desenvolvimento

dos sentidos observados acima – além de outros identificados por nós nos *corpora* utilizados neste trabalho – e sua incorporação na gramática. Portanto, analisa a mudança semântico-pragmática sofrida pelo verbo “esperar” e sua gramaticalização.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Logo, preocupa-se em: a) descrever os *corpora* – sincrônicos (oral e escrito) e diacrônicos (escritos) – que constituem nosso banco de dados para a análise do verbo “esperar” na língua portuguesa –; b) evidenciar o método de pesquisa adotado – o qual, apesar de ser, primordialmente, qualitativo, também verifica a frequência de uso dos possíveis padrões funcionais e construcionais encontrados.

3.1. A constituição dos *corpora*

A análise, neste trabalho, desenvolve-se a partir da perspectiva pancrônica, a qual, como visto no Capítulo I, alinha as perspectivas sincrônica e diacrônica. De acordo com Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999), há uma forte tendência em se consolidar a pancronia em estudos funcionalistas, principalmente em se tratando de gramaticalização. Assim, além de se investigarem as construções gramaticais enquanto um fenômeno discursivo-pragmático – observando os diferentes estágios linguísticos –, realiza-se um exame sobre a origem e a trajetória dessas construções – verificando a incorporação da mudança na gramática.

Portanto, nesta pesquisa, temos como principal objetivo desenvolver uma análise sincrônica, identificando e descrevendo os diferentes padrões funcionais de “esperar” no português contemporâneo e, a partir de uma análise diacrônica, buscar elucidar, com maior propriedade, quais usos seriam anteriores e [- (inter)subjetivos].

Os dados sincrônicos se distribuem de maneira a constituir dois *corpora* distintos, a saber: um referente à modalidade oral, constituído por entrevistas, e o outro referente à modalidade escrita, formado por textos retirados de *blogs* e revistas, disponíveis na *Internet*,

enquanto que os dados diacrônicos foram reunidos a partir de textos escritos tanto do português europeu (doravante também PE) quanto do português do Brasil (doravante também PB)¹⁷.

Um dos critérios utilizados para a seleção/constituição dos *corpora* foi a manutenção da uniformidade no número de palavras – cada *corpus* sincrônico utilizado tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita é composto por 300 mil palavras e cada século que recobre a diacronia é composto por 100 mil palavras. Como será esclarecido na seção 3.2. deste capítulo, estamos operando, em nossa análise, com o levantamento da frequência de uso. Assim sendo, de acordo com Vitral (2006), para que se evitem possíveis enviesamentos, ou seja, assimetrias no levantamento de tal frequência, é necessário que cada *corpus* apresente o mesmo tamanho, mesmo que aproximadamente.

Outro ponto que destacamos na constituição dos *corpora* diz respeito à seleção do gênero/tipo textual selecionado. Marcuschi (2009 [2008], p.155) observa que os gêneros textuais correspondem a textos materializados, os quais apresentam

[...] padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2009 [2008], p. 155).

Por outro lado, os tipos textuais (ou sequências) são definidos “pela natureza linguística de sua composição¹⁸” (MARCUSCHI, 2009 [2008], p. 154-155). Assim, as sequências tipológicas são entendidas como esquemas de interação dentro de um gênero e se realizam mediante pressões discursivas. O autor defende que, no geral, se utiliza um conjunto de categorias limitado e sem tendência a aumentar – narração, argumentação, exposição, descrição, injunção – para designar os tipos textuais. Tal fato não procede em se tratando de gêneros textuais, visto que esses, por serem entidades empíricas nas situações comunicativas, são inúmeros tanto em diversidade quanto em forma.

Como pode ser depreendido, determinados aspectos linguísticos estariam relacionados, mais prototipicamente, a determinadas sequências tipológicas. Apesar de reconhecermos a contribuição de tal perspectiva para os estudos linguísticos, não nos adentraremos, nesta

¹⁷ Os diferentes *corpora* serão descritos detalhadamente nas subseções a seguir.

¹⁸ Por natureza linguística de sua composição entendem-se os aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo.

pesquisa, nas especificidades das diferentes sequências tipológicas, para fins de análise. Apoiando-nos em Vitral (2006), procuramos reunir diferentes gêneros textuais que proporcionassem ambientes semânticos diversos. Com isso, procuramos obter uma maior representatividade da língua, visto que julgamos ser esta uma questão fundamental em estudos sobre gramaticalização.

Nesse sentido, nossa análise se restringe a observar a gramaticalização do verbo “esperar” na língua portuguesa, averiguando seus diferentes usos e possíveis padrões construcionais. No que se refere a uma análise qualitativa sobre a relevância das sequências tipológicas na padronização dos usos de “esperar”, acreditamos ser esse o escopo para um trabalho futuro mais aprofundado.

Em relação ao fato de estarmos utilizando na sincronia tanto dados orais quanto dados escritos, frisamos que não é nosso intuito contrapormos as duas modalidades, nos limitando a oferecer pistas de possíveis discrepâncias entre elas no levantamento dos dados. Mais uma vez, tivemos por objetivo obter um número de ocorrências de “esperar” considerável para que pudéssemos, com maior propriedade, analisar seu fenômeno de mudança linguística.

Durante o processo de constituição do *corpus* sincrônico, tivemos, inicialmente, a intenção de nos restringirmos à oralidade. Assim sendo, reunimos três diferentes *corpora*, obtendo o total de 231 ocorrências de “esperar”, distribuídas nos diferentes usos¹⁹:

Quadro 7 – Total de ocorrências do verbo “esperar” na modalidade oral

	Total de ocorrências de “esperar”
<i>Corpus sincrônico oral</i>	231 ocorrências

No entanto, verificamos, como se pode notar no quadro acima, uma baixa frequência do nosso objeto de análise, principalmente em relação aos seus usos [+ (inter)subjativos]. Assim sendo, reunimos um *corpus* sincrônico escrito, buscando uma maior representatividade dos dados:

¹⁹ Como já observado, no Capítulo IV, trataremos dos diferentes usos de “esperar” encontrados. Nossa intenção, neste capítulo, é somente demonstrar como se efetuou a constituição do nosso banco de dados.

Quadro 8 – Total de ocorrências do verbo “esperar” na modalidade escrita

<i>Corpus sincrônico escrito</i>	Total de ocorrências de “esperar”
	432 ocorrências

Como se observa no quadro acima, a frequência do verbo “esperar” foi bem maior neste caso. Dessa maneira, com a inserção da modalidade escrita, julgamos possuir um considerável número de ocorrências do verbo – total de 663 ocorrências – para a realização da análise. O quadro a seguir apresenta, nesse sentido, o total de ocorrências analisadas sincronicamente:

Quadro 9 – Total de ocorrências do verbo “esperar” no *corpus* sincrônico

<i>Corpus sincrônico oral</i>	Total de ocorrências de “esperar”
	231 ocorrências
<i>Corpus sincrônico escrito</i>	432 ocorrências
Total	663 ocorrências

Em relação aos dados diacrônicos, estamos operando somente com textos escritos, mais especificamente com textos ficcionais e documentos notariais. Tal fato decorre da indisponibilidade de dados reais de fala. Logo, precisamos lançar mão de critérios metodológicos específicos para se aferir mudança linguística a partir de textos escritos. Nesse sentido, nos apoiamos em Schneider (2004), o qual defende que a escrita não está desassociada da evolução linguística e, conseqüentemente, no que se refere a textos que recobrem séculos passados – em que não havia uma rígida normatização da escrita –, podemos identificar as marcas do falar de determinada comunidade em determinado tempo.

Assim sendo, Schneider (2004) propõe, para que se possa aferir o vernáculo, os seguintes critérios metodológicos, os quais foram empreendidos nesta pesquisa, tendo em vista os objetivos de nossa análise:

- a) o *corpus* deve ser o mais próximo possível da fala, revelando, inclusive, registros de usos diferentes;
- b) o *corpus* deve ser amplo o suficiente para possibilitar o levantamento da frequência de uso;
- c) o *corpus* deve ser representativo da comunidade linguística de forma geral, de forma que se tenha acesso aos mais diferentes discursos.

Com isso, a partir dos critérios metodológicos expostos acima, reunimos os diferentes *corpora* selecionados em nossa análise. No entanto, embora tenhamos buscado uma representatividade da língua portuguesa – constituindo um banco de dados com um grande número de palavras –, temos consciência de que os *corpora* selecionados nos oferecem um recorte parcial da língua.

3.1.1. Corpora sincrônicos

Em relação aos dados sincrônicos, como já destacado, trabalhamos tanto com a modalidade oral quanto com a modalidade escrita. Para tanto, reunimos um *corpus* oral, a partir de entrevistas retiradas de três diferentes bancos de dados, a saber: a) “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”; b) Projeto “PEUL” – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua; c) Projeto “NURC/RJ” – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro)²⁰. Já o *corpus* escrito foi constituído a partir de textos de *blogs* e revistas retirados da *Internet*, organizados em três níveis de formalidade²¹.

Visando a manter a uniformidade dos dados, cada modalidade apresenta 900 mil palavras, as quais se distribuem pelos diferentes bancos de dados selecionados. Tal divisão pode ser visualizada no quadro abaixo:

²⁰ Os *corpora* sincrônicos orais serão descritos na subseção 3.1.1.1.

²¹ A organização dos *corpora* sincrônicos escritos será esclarecida na subseção 3.1.1.2. Também descreveremos, na subseção 3.1.1.2., os critérios que fundamentaram a composição dos *corpora* sincrônicos escritos a partir dos diferentes níveis de formalidade.

Quadro 10 - *Corpora* sincrônicos utilizados

	<i>Corpus</i>	Total de número de palavras analisadas
Modalidade Oral	“Projeto Mineirês”	300.000
	“PEUL”	300.000
	“NURC/RJ”	300.000
Modalidade Escrita	Nível de formalidade 1	300.000
	Nível de formalidade 2	300.000
	Nível de formalidade 3	300.000
Total		1.800.000 palavras

Como se pode verificar, cada modalidade (oral e escrita) é composta por três bancos de dados de 300 mil palavras cada um. Sendo assim, cada modalidade é representada por um *corpus* de 900 mil palavras, o que totaliza 1 milhão e 800 mil palavras para os dados sincrônicos. Acreditamos que, com esse total, obtivemos um *corpus* sincrônico com bastante representatividade.

Nas duas subseções a seguir, descreveremos detalhadamente os *corpora* sincrônicos selecionados.

3.1.1.1. *Corpora* sincrônicos orais

Para a oralidade, como já mencionado na subseção anterior, selecionamos três *corpora* bastante abrangentes – O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”²², o projeto “PEUL” (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua)²³ e o projeto “NURC/RJ” (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro)²⁴, com 300 mil palavras para cada um. No quadro abaixo, podemos visualizar o total de número de palavras analisado na modalidade oral sincrônica:

²² Disponível em <http://www.letas.ufmg.br/mineires/>. Acesso em nov. de 2010.

²³ Disponível em <http://www.letas.ufrj.br/peul/amostras%201.html>. Acesso em jan. de 2011.

²⁴ Disponível em <http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em mar. de 2011.

Quadro 11 - Total de número de palavras analisadas por *corpus* na modalidade oral sincrônica

<i>Corpus</i>	Total de palavras analisadas
“Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”	300.000
Projeto “PEUL”	300.000
Projeto “NURC/RJ”	300.000
Total de palavras do <i>corpus</i> sincrônico oral	900.000 palavras

O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” é coordenado pela Professora Jânia Martins Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais, e visa a descrever o dialeto belo-horizontino contemporâneo, contrapondo-o aos dialetos de Arceburgo, Mariana, Ouro Preto, Piranga e São João da Ponte. Para tanto, utiliza entrevistas que datam do início do século XXI.

Nesta pesquisa, utilizamos todas as entrevistas disponíveis no *site* do “Projeto Mineirês” (ANEXO 1), sendo encontradas 85 ocorrências do verbo “esperar”:

Quadro 12 – Ocorrências do verbo “esperar” no *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”

<i>Corpus</i> do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”	Total de ocorrências do verbo “esperar”
	85 ocorrências

O Projeto “PEUL” é composto por pesquisadores que se dedicam ao estudo da variação e da mudança linguística na variedade falada e escrita no Rio de Janeiro. A maior parte dos professores-pesquisadores que desse grupo fazem parte atua na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo a sede do programa localizada nesta instituição. Há mais de vinte anos, o projeto vem se dedicando a analisar a língua em uso e sua interrelação com seus aspectos sociais, estruturais e funcionais. Seu banco de dados é composto tanto por textos orais – os quais apresentam entrevistas e gravações de fala espontânea, denominadas de “amostra interacional” – quanto escritos.

Neste trabalho, foram utilizadas as entrevistas que compõem a “Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000) e o “Censo” (2000) (ANEXO 2), as quais totalizaram 93 ocorrências do nosso objeto de análise:

Quadro 13 – Ocorrências do verbo “esperar” no *corpus* do “Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”

Corpus do “Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” (PEUL)	Total de ocorrências do verbo “esperar”
	93 ocorrências

O projeto “NURC/RJ”, coordenado pela Professora Dinah Maria Isensee Callou, disponibiliza entrevistas com informantes cultos cariocas, de nível superior, que apresentam, preferencialmente, pais também cariocas. Tais entrevistas foram realizadas na década de 1970, com o intuito de caracterizar a modalidade culta da língua falada no Rio de Janeiro. Posteriormente, ao final da década de 1980 e início da de 1990, houve a necessidade de se confrontarem as gravações feitas nos anos 1970 para que se pudessem analisar processos de mudança linguística. Com esse intuito, foram realizadas entrevistas de recontato, bem como entrevistas com novos informantes.

Para a nossa pesquisa, foram selecionados dados de ambas as décadas (ANEXO 3). Com isso, obtivemos 53 ocorrências de “esperar”:

Quadro 14 – Ocorrências do verbo “esperar” no *corpus* do “Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”

Corpus do “Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro” (NURC/RJ)	Total de ocorrências do verbo “esperar”
	53 ocorrências

Sobre o uso de “esperar” nos diferentes *corpora* orais, temos que, em relação ao “Projeto Mineirês” e ao “PEUL”, não há uma distância muito grande entre o número de ocorrências do

verbo – no primeiro, temos 85 ocorrências e, no segundo, 93 ocorrências. Já o “NURC/RJ” apresenta uma queda em relação aos outros dois *corpora*, uma vez que foram encontradas apenas 53 ocorrências. Entretanto, nesta pesquisa, não observaremos questões referentes a uma possível variação diatópica²⁵. Destacamos, a partir desses dados, a baixa incidência do verbo na modalidade oral (composta por entrevistas), totalizando somente 231 ocorrências, as quais se encontram distribuídas em diferentes usos. Diante desse fato, julgamos necessária a seleção de um outro banco de dados, o que nos levou a constituir os *corpora* sincrônicos escritos. A seguir, apresentamos sua descrição.

3.1.1.2. *Corpora* sincrônicos escritos

Como observado anteriormente, os *corpora* sincrônicos escritos foram distribuídos em três níveis de formalidade, sendo utilizados, para tanto, textos de *blogs* e revistas, os quais circulam na *Internet* e datam do início do século XXI. Nesse sentido, os níveis de formalidade se organizam da seguinte forma:

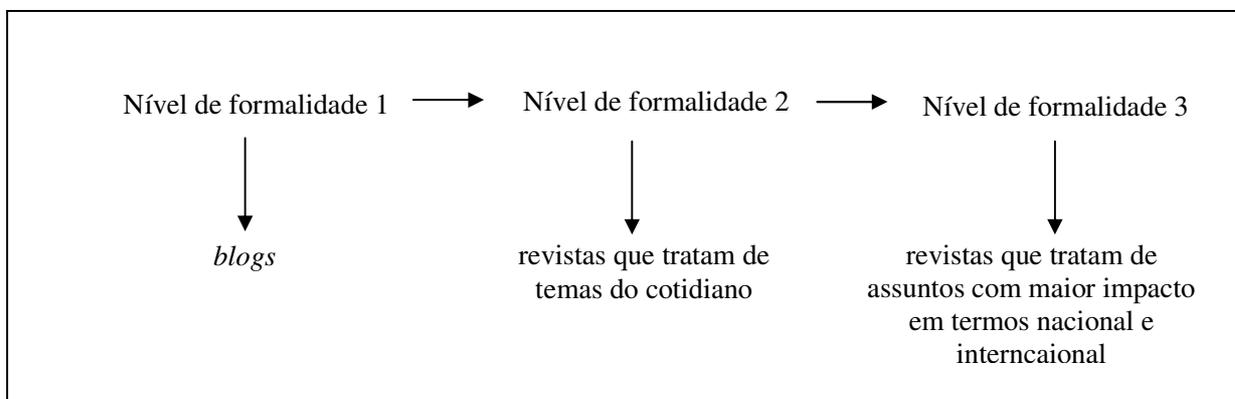
Quadro 15 - Organização dos níveis de formalidade dos *corpora* escritos sincrônicos

Nível de formalidade	Descrição
Nível de formalidade 1	Textos publicados em <i>blogs</i> pessoais que tratam sobre assuntos cotidianos
Nível de formalidade 2	Textos publicados em revistas que observam questões diárias e mais triviais
Nível de formalidade 3	Textos publicados em revistas que tratam de assuntos com maior impacto em termos nacional e internacional

A partir dessa distribuição, propomos, a seguir, um *continuum* de formalidade:

²⁵ A variação diatópica (do grego: *dia* + *topos* = “através de” + “lugar”) corresponde à variação da língua de acordo com o espaço, ou seja, a depender da região, a língua apresenta variabilidade. Tal variação está relacionada a fatores históricos, como fluxos migratórios e imigratórios e contatos linguísticos (COSERIU, 1980).

Quadro 16 - *Continuum* proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o *corpus* sincrônico escrito



A noção de formalidade para a elaboração do *continuum*, o qual foi utilizado na constituição dos *corpora* sincrônicos escritos, advém da perspectiva da variação diafásica²⁶. Esta observa que, a depender da situação comunicativa, os falantes mudam seus registros linguísticos. Assim, a variação decorre das diferentes situações comunicativas que o sujeito vivencia e que, portanto, exigem comportamentos linguísticos distintos. Nesse caso, questões como o assunto tratado, o tipo de interlocutor, a relação entre os interlocutores, o estado emocional dos falantes etc. são levados em consideração.

Outro ponto que nos chamou atenção está na questão do suporte²⁷ – vinculado aos textos que compõem cada nível de formalidade –, que se relaciona à maneira como cada assunto é abordado. Assim, textos fixados em *blogs* (nível de formalidade 1) permitem uma maior flexibilidade em sua abordagem, uma vez que tal ambiente virtual possibilita uma linguagem menos policiada e menos padronizada de acordo com critérios formais da escrita. No entanto, a publicação em revistas de circulação nacional e vinculadas a editoras, como é o caso dos outros dois níveis de formalidade analisados, exige uma maior preocupação formal, inclusive, uma preocupação em se evitarem colocações que possam comprometer a credibilidade da revista. Porém, o grau de formalidade entre os dois níveis – nível de formalidade 2 e nível de formalidade 3 – varia devido aos temas/assuntos abordados, como destacado acima.

²⁶ A variação diafásica (do grego: *dia* + *phasis* = "através de" + "discurso") diz respeito à variação linguística observada na fala de um mesmo indivíduo ocasionada pelas condições extraverbais que cercam o ato de fala (COSERIU, 1980).

²⁷ Segundo Marcuschi (2009 [2008], p 174), suporte de um gênero é "um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto".

Nesse sentido, mantendo o mesmo critério de equidade no número de palavras, temos a seguinte distribuição em relação ao total de número de palavras utilizado na modalidade escrita sincrônica:

Quadro 17 - Total de número de palavras analisadas por *corpus* na modalidade sincrônica escrita

<i>Corpus</i>	Total de palavras analisadas
Nível de formalidade 1	300.000
Nível de formalidade 2	300.000
Nível de formalidade 3	300.000
Total de palavras do <i>corpus</i> sincrônico escrito	900.000 palavras

Conforme destacado anteriormente, o primeiro nível de formalidade corresponde aos textos selecionados de *blogs*. Podemos observar que, apesar de nesses ambientes circularem diferentes gêneros textuais, a escrita de tais textos caracteriza-se, no geral, por um grau maior de informalidade. Obviamente, sabemos que colunistas de renome, jornalistas, instituições etc. utilizam tais ambientes para divulgar ideias, artigos, notícias, reportagens e, até mesmo, produtos. No entanto, nosso *corpus* é composto, preferencialmente, por *blogs* que correspondem à ideia prototípica do gênero de ser um diário pessoal. Logo, selecionamos textos narrativos que tratam das experiências dos falantes, que observam seu dia-a-dia, que narram suas viagens, passeios, que falam sobre processos empreendidos (como dietas, intercâmbios culturais etc.); também reunimos textos em que o falante imprime seu posicionamento, argumentando a favor ou contra algo por ele mencionado.

Nesse levantamento, foi possível encontrarmos 207 ocorrências do verbo “esperar”.

Quadro 18 - Ocorrências do verbo “esperar” no *corpus* sincrônico escrito correspondente ao nível de formalidade 1

Nível de formalidade 1	Total de ocorrências do verbo “esperar”
	207 ocorrências

Já o segundo nível de formalidade apresenta textos retirados de revistas da Editora Abril. Tal editora apresenta um variado número de revistas de circulação nacional. Para compor esse *corpus*, optamos por aquelas que se comprometem com assuntos mais cotidianos, tendo, basicamente, o público feminino como alvo. Assim, temos as seguintes revistas: “Ana Maria”²⁸, “Caras”²⁹ e “Cláudia”³⁰, das quais selecionamos notícias, reportagens e entrevistas a respeito de moda, decoração, culinária, relação entre pais e filhos, fofoca etc.

Para o *corpus* referente ao nível de formalidade 2, foram encontradas 127 ocorrências do verbo em questão:

Quadro 19 - Ocorrências do verbo “esperar” no *corpus* sincrônico escrito correspondente ao nível de formalidade 2

Nível de formalidade 2	Total de ocorrências do verbo “esperar”
	127 ocorrências

Por fim, o *corpus* que caracteriza o terceiro, e último, nível de formalidade é composto por textos das revistas “Veja”³¹, “Isto é”³² e “Época”³³. Acreditamos que as revistas selecionadas, dentro do *continuum* de formalidade proposto, são mais formais, no sentido de que se dedicam a tratar de temas de interesse nacional e internacional. Assim, apresentam notícias, reportagens e entrevistas sobre política, economia, educação, saúde, cultura, tecnologia e lazer. Na maioria das vezes, recorrem a opiniões de especialistas para discorrerem sobre determinado assunto.

No *corpus* descrito acima, obtivemos 98 ocorrências de “esperar”:

²⁸ Disponível em <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/anamaria/>. Acesso em ago. de 2011.

²⁹ Disponível em <http://caras.uol.com.br> Acesso em ago. de 2011.

³⁰ Disponível em <http://claudia.abril.com.br/>. Acesso em ago. de 2011.

³¹ Disponível em <http://veja.abril.com.br/>. Acesso em ago. de 2011.

³² Disponível em <http://www.istoe.com.br>. Acesso em ago. de 2011.

³³ Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/>. Acesso em ago. de 2011.

Quadro 20 – Ocorrências do verbo “esperar” no *corpus* sincrônico escrito correspondente ao nível de formalidade 3

Nível de formalidade 3	Total de ocorrências do verbo “esperar”
	98 ocorrências

Ao compararmos o total de ocorrências sincrônicas do verbo “esperar” entre as modalidades, observamos que houve um aumento no uso nos dados escritos. Porém, como já destacado neste capítulo, o presente trabalho não tem por objetivo investigar, aprofundadamente, as possíveis questões que estariam na base de tal discrepância.

3.1.2. *Corpora* diacrônicos

Como vimos anteriormente, esta pesquisa apóia-se na perspectiva pancrônica. Logo, a fim de comprovar que os usos do verbo “esperar” seguem um caminho de crescente (inter)subjetivização, em caso de gramaticalização, também realizaremos uma análise diacrônica, o que, como acreditamos, poderá contribuir no estabelecimento do processo de mudança do verbo “esperar”.

Sendo assim, nos comprometendo com a uniformidade da amostra, analisamos o período entre os séculos XIII e XIX.

Quadro 21 – Total de número de palavras analisadas nos *corpora* diacrônicos

Século	Total de palavras analisadas
Século XIII	100.000
Século XIV	100.000
Século XV	100.000
Século XVI	100.000
Século XVII	100.000
Século XVIII	100.000
Século XIX	100.000
Total	700.000 palavras

Para reunir o *corpus* diacrônico, o qual totaliza 700 mil palavras distribuídas em sete séculos, ou seja, 100 mil palavras por século, foram selecionados textos – mais especificamente textos ficcionais e documentos notariais – do “CIPM” (*Corpus* Informatizado do Português Medieval)³⁴ e do projeto “Tycho Brahe”³⁵ (ANEXO 4).

O “CIPM” corresponde a um projeto de constituição de *um corpus* do Português Medieval, estabelecido a partir da necessidade de se investigar, linguisticamente, o período mais antigo da língua portuguesa. Sendo assim, oferece um banco de dados que vai do século XII³⁶ ao século XVI. A partir desse projeto, está sendo desenvolvido o Dicionário do Português Medieval.

Para recobrir o período entre os séculos XVII e XIX, foram utilizados textos do “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe”. Tal *corpus* é desenvolvido junto ao projeto “Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística” e disponibiliza, eletronicamente, 53 textos em português, escritos por autores nascidos entre 1380 e 1845.

Dessa forma, foram encontradas 274 ocorrências do verbo “esperar” dentro de um universo de 700 mil palavras, distribuídas entre os diferentes séculos. No quadro abaixo, apresentamos o total de ocorrências por século nos dados diacrônicos:

³⁴ Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso jan. 2011.

³⁵ Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/>. Acesso jan. 2011.

³⁶ Neste trabalho, não utilizamos os dados referentes ao século XII por serem pouco abrangentes, uma vez que o *corpus* referente a este século totaliza apenas 1.115 palavras.

Quadro 22 – Total de ocorrências do verbo “esperar” por século no *corpus* diacrônico

	Total de ocorrências do verbo “esperar”
Século XIII	1
Século XIV	4
Século XV	13
Século XVI	24
Século XVII	118
Século XVIII	54
Século XIX	60
Total de ocorrências	274 ocorrências

O quadro acima nos mostra a distribuição de “esperar” por século no *corpus* diacrônico. Verificamos que, até o século XVI, há uma baixa ocorrência do verbo (1 ocorrência para o século XIII, 4 ocorrências para o século XIV, 13 ocorrências para o século XV e 24 ocorrências para o século XVI), mas, ao mesmo tempo, um aumento gradual de seu uso. No século XVII, esse aumento é considerável, apresentando o total de 118 ocorrências. A partir de então, há uma estabilização no número de ocorrências, distribuindo-se de maneira a totalizar 54 ocorrências, no século XVIII, e 60 ocorrências, no século XIX.

Com esses dados, procuraremos descrever os diferentes usos do verbo “esperar”, como já observado, averiguando seu processo de gramaticalização, e a instanciação de possíveis padrões construcionais. Tal fato também se aplica à análise dos *corpora* sincrônicos.

3.2. Metodologia qualitativa e o papel da frequência na análise de processos de gramaticalização

De acordo com Schiffrin (1987), é comum o equacionamento de análises qualitativa e quantitativa – mesmo que em graus diferentes –, uma vez que é necessária a descrição prévia das categorias nas quais os dados serão enquadrados e a elaboração de generalizações analíticas

a partir da quantificação dos dados. Segundo a autora, dentro da perspectiva qualitativa, se acredita que um número elevado de ocorrências de determinados padrões permite uma análise correta da estrutura, enquanto que, na perspectiva quantitativa, é importante um índice elevado de ocorrências para que a análise tenha significância estatística.

Baseando-nos em Bryman (1998, p.139), destacamos que a metodologia qualitativa enfatiza a perspectiva do pesquisador sobre o objeto de análise. Além disso, preocupa-se em: a) oferecer uma descrição detalhada do que está sendo observado; b) compreender o contexto; c) considerar que os conceitos – em nosso caso, os usos e os possíveis padrões construcionais – surgem a partir dos dados, e não de conceitos pré-estabelecidos.

Nesse sentido, nossa intenção é levantar e descrever, pontualmente, os diferentes usos do verbo “esperar”, bem como seus possíveis padrões construcionais. Essa descrição é de suma importância para trabalhos de cunho funcionalista, os quais, procurando compreender o funcionamento da língua, preocupam-se em conhecer os diferentes usos das construções. Assim, verificaremos *in loco*, a partir das ocorrências encontradas, como se constrói a interação entre os falantes para que os usos mais (inter)subjetivos sejam instanciados/codificados na língua.

No entanto, como acreditamos, o levantamento da frequência de uso é fundamental para se atestarem os estágios do processo de gramaticalização do verbo “esperar” bem como o grau de gramaticalização dos usos identificados (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006). Assim, conforme mostraremos, a partir do aumento da frequência de uso, temos o indício não somente do resultado da gramaticalização de “esperar”, mas também o reconhecimento do processo a partir da regularização/recorrência dos novos padrões de uso.

Ao tratar do papel da frequência na gramaticalização, Vitral (2006) defende que esse é um dos critérios para a identificação dos processos de gramaticalização, assim como os critérios sintáticos, morfofonéticos e semânticos³⁷. Para o autor, “a apreciação da frequência de ocorrência [...] e a comparação dos valores encontrados é, como veremos, o instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização” (VITRAL, 2006, p. 155).

Já Bybee (2003) afirma que o aumento da frequência de uso é um traço definidor do processo de gramaticalização, remetendo também à padronização da nova construção que se instaura na língua. Assim sendo, ela defende a importância da repetição, já que, segundo a

³⁷ Acreditamos ainda serem importantes critérios de ordem pragmática e critérios discursivo-funcionais.

autora, quando as sequências de palavras e morfemas são frequentemente usados, eles automaticamente começam a ser interpretados como uma “unidade única de processamento” (ou seja, como uma construção), e não como partes isoladas que compõem um todo, o que é denominado por *princípio da fraca composicionalidade* – já discutido no Capítulo I. Dessa forma, a autora propõe o seguinte:

Defenderei uma nova definição de gramaticalização, a qual reconhece o papel crucial da repetição na gramaticalização e a caracteriza como o processo pelo qual uma sequência de palavras ou morfemas frequentemente usada se torna autônoma como uma unidade única de processamento. (BYBEE, 2003, p. 603)

Além do aumento da frequência de uso possibilitar a interpretação dos itens como unidades construcionais, ela também acarreta, de acordo com Bybee (2003), mudanças fonológicas de redução e fusão nas construções gramaticalizadas. Em nossa análise, a qual será apresentada no Capítulo IV, destacamos a construção “espera aí” > “per aí” que passa por tal processo. Outra consequência da alta frequência, destacada pela autora, é a expansão funcional, ou seja, o desenvolvimento de novas associações pragmáticas da construção gramaticalizada. Dessa forma, os ambientes em que figuram os novos usos de “esperar” também serão abordados em nossa análise.

A partir do equacionamento da metodologia qualitativa e do levantamento da frequência de uso (procedimento quantitativo), procederemos à análise dos nossos dados, retirados dos *corpora* descritos anteriormente.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS:

A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO “ESPERAR”

Este capítulo, dedicado à análise dos dados, organiza-se de modo a tratar: a) inicialmente, dos diferentes usos atribuídos ao verbo “esperar”, defendendo o caminho de mudança [- subjetivo] > [+ subjetivo] > [+ intersubjetivo]; b) em seguida, dos seus possíveis padrões construcionais.

Primeiramente, descreveremos os diferentes usos do verbo “esperar” identificados nos *corpora* sincrônicos orais e escritos, averiguando sua frequência. Posteriormente, observaremos a distribuição desses usos no *corpus* diacrônico. Neste trabalho, a análise diacrônica tem por objetivo fundamentar a trajetória de desenvolvimento dos diferentes usos de “esperar”.

A presente pesquisa ainda se propõe, como já destacado anteriormente, a analisar os possíveis padrões construcionais desenvolvidos para os diferentes usos. Para tanto, trataremos individualmente de cada um dos três usos que identificamos em nossos *corpora*. Além disso, dedicaremos uma análise à construção “espera aí/peraí” e a outras construções em que figura o verbo “esperar”.

Nesse sentido, demonstraremos que o verbo “esperar” expressa, primeiramente, a ideia de “aguardar no tempo”; em seguida, já gramaticalizado, apresenta a noção de volição e de expectativa/contraexpectativa. Também evidenciaremos que o verbo passa a atuar em outras construções – as quais veiculam sentidos específicos construídos no uso –, podendo operar como marcador discursivo, como no caso da construção “espera aí/peraí”.

Logo, recobrando de forma mais abrangente os usos encontrados nos *corpora* analisados, os organizamos em três categorias, denominadas, neste trabalho, de “**esperar 1**”, “**esperar 2**” e “**esperar 3**”. Abaixo as descreveremos e as exemplificaremos:

a) **“Esperar 1”**: o verbo “esperar” é utilizado com a acepção de “aguardar no tempo”, a qual, comparada com as próximas acepções encontradas, possui um sentido [-subjetivo]. Tal fato pode ser comprovado nos exemplos (17) e (18), os quais seguem abaixo:

(17) na hora de saí mesmo de dá tchau dispidi por um ano da minha família foi assim bem difícil e:: aqueles últimos abraços chorei bastante cheguei dentro do avião choranu fui até São Paulo choranu e e u vôu de BH até São Paulo foram só foi só uma hora de vôu mas eu tive que ficar em São Paulo **esperando** seis horas porque o meu vôu pru Panamá demorava bastante e lá enquanto isso essas seis horas eu fui passear pelo aeroporto liguei pra minha família aqui de Minas Gerais pra conta que tava tudo bem entrei na interne::t conheci umas mininas da da França que tavam voltanu (“Projeto Mineirês”, entrevista 15-BH)

(18) Há dois motivos para considerar que proporcionamos mais transparência. Em primeiro lugar, nós olhamos para além dos nutrientes. Nós avaliamos os ingredientes, verificamos se é orgânico, se usa ingredientes modificados, quais os impactos do produto no meio ambiente e na questão social. Ou seja, avaliamos mais do que o impacto do alimento na saúde. O segundo motivo é que nosso serviço está todo online. Você pode pesquisar sobre qualquer produto às 3h da manhã. Não precisa **esperar** ninguém ligar de volta para você com a informação que você quer. E você pode saber na hora por que um determinado produto levou determinada nota no nosso sistema. (Nível de formalidade 3: Revista “Época”)

Em (17), o entrevistado está relatando a sua viagem para o Panamá e comenta o tempo (seis horas) que teve de aguardar para embarcar, no aeroporto de São Paulo. Já em (18), o representante da *GoodGuide* – em entrevista à revista *Época* –, salientando a transparência da empresa, destaca que o usuário não precisa aguardar até o contato de determinada prestadora de serviço para obter a informação que deseja, bastando consultá-la na *Internet* por meio do *GoodGuide*. Como se observa, os períodos de espera são delimitados, em (17), por um adjunto adverbial de tempo (“seis horas”) e, em (18), por um evento.

b) **“Esperar 2”**: o verbo “esperar” é usado para expressar a volição do falante, marcando, assim, sua vontade, sua intenção ou seu desejo em relação a um fato possível. O verbo, nesse caso, pode ser parafraseável por “querer”/“desejar”, como se verifica em (19) e (20):

(19) E (entrevistador): assim, é: pro seu futuro, assim, que que você espera, sei lá, seja lá pra o ano 2000 mesmo agora pra esse ano, é: e todos os outros que virão assim, diga uma coisa boa que você acha que, sabe? tá faltando na sua vida que você tem fé que vai mudá e tal, cê é uma pessoa assim, otimista? Cê tem muitos planos?

F (falante): Tê mais é responsabilidade, eu **espero** que eu seja mais responsável, tenha mais responsabilidade e aí eu...Vai vê se as coisa muda mais pra mim (est). (“PEUL”, entrevista T06 Ale)

(20) Estou com saudades de uma pessoa q foi para longe e a quase um mês q n sei nada dela. Neste caso dele. **Espero** q dê notícias ra+idamente estamos todos a ficar preocupados e com o coração aos pulos. (Nível de formalidade 1: *blog* <http://girlnaadolescencia.blogspot.com/>)

A partir do julgamento que realiza, o falante, em (19), projeta seus desejos para o ano 2000, expressando, assim, o que quer mudar, no que se refere as suas características pessoais. Em (20), o falante manifesta a vontade de receber notícias sobre uma determinada pessoa. É possível observar, em ambas as ocorrências, uma projeção daquilo que se deseja, caracterizando, dessa forma, um uso [+ subjetivo] do verbo “esperar”.

c) “**Esperar 3**”: o verbo “esperar”, nesta acepção, expressa as expectativas ou não do falante sobre o que diz. Como exemplo desse uso também [+ subjetivo], destacamos as ocorrências (21) e (22), abaixo:

(21) Em grande estilo, o Paulínia Festival de Cinema fez a alegria dos cineastas brasileiros no encerramento de sua quarta edição, no Theatro Municipal da cidade, a 120km de SP. Com a amada, Bruna Lombardi (58), Carlos Alberto Riccelli (65) ficou emocionado ao ouvir o seu terceiro trabalho atrás das câmeras, *Onde Está a Felicidade?*, ser anunciado o Melhor Longa de Ficção pelo Júri Popular. “*Não **esperávamos** esse prêmio, que é o maior que se poderia receber*”, garante ele. “*É ótimo ver o carinho do público e ainda vencer nessa categoria*”, emenda Bruna, que, além de estrelar o filme, assina a produção e o roteiro. (Revista “Caras”)

(22) Se o ritmo de crescimento de passageiros de primeira viagem for mantido com a expansão econômica do país, até a Copa o número de novatos será ainda maior. Mas Marçal Goulart, superintendente de Gestão Operacional da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) afirma que os aeroportos das cidades-sedes serão melhorados, para atender os novos passageiros, os antigos e os estrangeiros. “**Esperamos** um crescimento de 30% no movimento das principais pistas, mas descarto completamente a possibilidade de um novo caos aéreo durante a Copa.” (Revista “Isto é”)

Em (21), o falante, diante da avaliação que realizou, aponta que não tinha a expectativa de receber um prêmio pelo trabalho cinematográfico desenvolvido. Logo, houve uma quebra da expectativa que se criou. Já em (22), diante do crescente aumento de passageiros nos aeroportos

brasileiros, o superintendente da Infraero anseia que, na Copa do Mundo, a qual será realizada no país em 2014, haverá um aumento de 30% no movimento das principais pistas do Brasil. Assim, seja diante daquilo que se acredita, ou seja, diante de fatos, o falante cria determinadas expectativas, as quais podem ser comprovadas ou não.

Além disso, foram verificadas outras construções em que figura o verbo “esperar”. Dentre as construções encontradas, a que apresentou maior frequência de uso foi “espera aí/peraí”. Abaixo a descrevemos e a exemplificamos.

Nessa construção, o verbo “esperar”, juntamente ao advérbio “aí”, funciona como a construção “espera aí”, a qual também se apresenta por meio da construção “peraí”. Essa construção revela uma multifuncionalidade, sinalizando um pedido de tempo propriamente dito por parte do falante (como em (23)), bem como organizando o discurso, o que revela a preocupação do falante frente ao seu interlocutor. Logo, ao organizar o discurso, apresenta um sentido [+ intersubjetivo]. Funcionando, dessa forma, como marcador discursivo, a construção em questão se manifesta tanto por meio da sinalização de uma necessidade de tempo para que se possa (re)formular o discurso, como em (24), quanto através da codificação do ponto de vista contrário do falante diante de uma situação ou informação, como em (25).

(23) *E qual a escola que você frequentou?*

(*Segunda interferência*)

NP! Ta boa?

Olá! Tudo bem?

Continuação

NP é a NP. **Espera aí** deixa eu atender aqui. (“Projeto Mineirês”, entrevista 11, Arceburgo)

(24) **E:** De qual jogador jogador do Flamengo você mais gosta?

F: Ah, **espera aí**, deixa eu vê... Romário, tem o (inint.), mas agora ele saiu do Flamengo.

E: Edmundo não é mais do Flamengo não?

F: Não. Edmundo é do Vasco. (“PEUL”, entrevista R08 LEI)

(25) **F:** Produtor:, tudo. Incluindo tudo. Produtor pega o dinheiro, compra apartamento, compra carro e não faz o filme bom, [num]... não acrescenta em nada e o Ministério perde o dinheiro todo, nosso Brasil perde o dinheiro todo. E tá acontecendo mui:to, já acontecia há muito tempo, mas a bomba começou a explodir mermo com o Guilherme Fonte, com o filme que ele tá fazendo agora, do Chateu, ele comprou apartamento em Ipanema, comprou carro, comprou muita coisa mesmo. (est) Enriqueceu com o filme. [Não]... Os investidores que é investiram no filme dele começaram a cobrar. Por exemplo, se eu vou na Brahma, peço a Brahma pra investir no meu filme, a Brahma vai e me dá quinhentos mil reais pra ajudar eu a fazer o filme. Eu vou na:... outras coisas aí, começo a captar o dinheiro bastante, e no final não faz filme. E pra onde

foi esse dinheiro? Aí eles começam a pressionar o Ministério da Cultura: “Olha, eu investi naquele filme lá, até agora não saiu o filme, por quê?”. Aí eles tem que dar o detalhe de tudo, quanto gastou de tudo, e não bate. Não tá batendo, entendeu? Por exemplo, o meu marido também trabalha em cinema e ele disse que um desses filme aí desse cara, é: (hes) eles botaram lá que pra uma mulher pentear uma peruca oito mil reais que ela cobrou (risos). Tu acha isso? **Pera aí**, é brincadeira com a cara do povo, é brincadeira. Pentear uma peruca oito mil reais. Eles fazem isso pensando que a pessoa é um otário, é um palhaço, entendeu? Que vai cair naquilo ali. Pô, então eu acho que eles têm que ser severo em dar dinheiro. (“PEUL”, entrevista R01 Eri- 1)

Primeiramente, temos que, em (23), o falante realiza um pedido de tempo para seu interlocutor, o qual não está relacionado à necessidade de se organizar o discurso. Nesse caso, temos um pedido de tempo para que se realize outra atividade, interrompendo, assim, a conversa. Por sua vez, em (24), o falante sinaliza para seu interlocutor a necessidade de pensar na resposta para a pergunta por este realizada. Dessa maneira, preenche o vazio acarretado por tal necessidade, demonstrando sua preocupação interacional e, posteriormente, oferece o nome de jogador do Flamengo de quem mais gosta. Já (25) reflete um contexto altamente argumentativo, em que o falante critica a apropriação ilícita de determinados produtores de filme, que se utilizam do dinheiro concedido pelo governo para a produção de filmes nacionais em benefício próprio. Assim, ao contestar o alto faturamento dos produtores – relatando o suposto gasto de oito mil reais com a atividade de “pentear uma peruca” –, o falante introduz sua avaliação. Nesse sentido, “perai” funcionaria como a manifestação de um posicionamento do falante, relacionando aquilo que vem sendo exposto – que não é de acordo com o que o falante pensa – à inserção do ponto de vista acerca de tal fato.

Além da construção “espera aí/perai”, encontramos, em menor frequência, outras construções em que figura o verbo “esperar”. Oferecemos abaixo um quadro em que as apontamos e as exemplificamos:

Quadro 23 - Outras construções em que figura o verbo “esperar”

(Quando) (a gente/ você) menos espera	(26) Você se acostuma a não ficar na defensiva e, quando menos espera , leva uma bela rasteira da vida. Eu vivo sempre em alerta, em estado de atenção. (Revista “Cláudia”)
Não perde por esperar	(27) Tô tratano ela bem demais! Agora, tamém ela num perde por esperá o que vem, né? (“PEUL”, entrevista T12 AND)
Mal (posso) esperar	(28) Fiquei sabendo que minha vó e minha mãe compraram chocolate pra me dar de páscoa quando eu voltar, mal posso esperar hihi. (blog http://sendointercambista.blogspot.com/)
É/era de (se) esperar	(29) Agora, realmente Paris, eu, achei já bem mais movimentado, como era de se esperar . (NURC/RJ, entrevista 48)
Esperar para (pra) ver	(30) Segundo ela, o site criado por J.K.Rowling para o anúncio de um novo produto ligado a Harry Potter deve se transformar no endereço de um game sobre o bruxinho. É esperar para ver . (Revista “Veja”)

Tais construções correspondem a sequências maiores, estabilizadas, em que o verbo “esperar” estabelece uma relação de integridade com os outros elementos que a compõem para que se vincule um determinado sentido. Assim, “(quando) (a gente/ você) menos espera”, “não perde por esperar”, “mal (posso) esperar”, “é/era de (se) esperar”, “esperar para (pra) ver” revelam um julgamento do falante frente ao que diz, um comentário avaliativo acerca da situação descrita. Mais adiante, descreveremos esses usos pontualmente.

Acima, como se observa, realizamos a descrição dos diferentes usos sincrônicos do verbo “esperar” e apresentamos as outras construções em que o verbo figura. Contudo, como frisamos no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, um de nossos objetivos é comprovar o *cline* de mudança percorrido pelo verbo “esperar” (sentidos de “aguardar no tempo”, “volição”, “ter expectativa (ou não)”). Desse modo, julgamos que, ao longo do tempo, o verbo, o qual já possuía uma acepção [- subjetiva], desenvolveu sentidos [(inter)subjetivos]. Além disso, paralelamente, passou a figurar em sequências mais específicas. A fim de comprovar tal hipótese e com base na perspectiva pancrônica que adotamos – abordada nos Capítulos I e III –, acreditamos ser necessária uma análise sincrônica acompanhada por um levantamento diacrônico.

Assim sendo, disponibilizamos, inicialmente, uma tabela com a distribuição dos diferentes usos do verbo “esperar” nos *corpora* sincrônicos:

Tabela 1 - Distribuição do verbo “esperar” nos *corpora* sincrônicos analisados

		<i>Esperar 1</i>		<i>Esperar 2</i>		<i>Esperar 3</i>		<i>Construção espera aí/peraí</i>		<i>Outras construções com esperar</i>		Total
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Modalidade oral	<i>Corpus do Projeto Mineirês</i>	60	70,6%	6	7%	9	10,6%	9	10,6%	1	1,2%	85
	<i>Corpus do Projeto PEUL</i>	61	65,6%	13	14%	5	5,4%	12	12,9%	2	2,1%	93
	<i>Corpus do Projeto NURC-RJ</i>	27	50,9%	12	22,6%	5	9,4%	8	15,1%	1	2%	53
Modalidade escrita	Nível de formalidade 1	71	34,3%	94	45,4%	32	15,5%	0	0%	10	4,8%	207
	Nível de formalidade 2	64	50,4%	34	26,8%	26	20,5%	0	0%	3	2,3%	127
	Nível de formalidade 3	32	32,6%	43	43,9%	19	19,4%	0	0%	4	4,1%	98
Total		315	47,5%	202	30,5%	96	14,5%	29	4,4%	21	3,1%	663

Primeiramente, ao analisarmos a tabela acima, podemos notar que os usos sincrônicos do verbo “esperar” encontram-se distribuídos em um total de 663 ocorrências. É possível verificarmos que a maior parte dessas corresponde ao verbo “esperar” com o sentido de “aguardar no tempo” (“**esperar 1**”). Assim, totaliza 315 ocorrências dentro do universo mencionado, o que corresponde a 47,5%. Já “**esperar 2**”, isto é, o uso volitivo, aparece como o segundo mais frequente (202 ocorrências), com 30,5% do total da frequência de uso. Em seguida, temos “**esperar 3**”, o qual diz respeito à expressão das expectativas ou não do falante, totalizando 96 ocorrências e correspondendo, nesse sentido, a 14,5% do total. A construção “espera aí/”peraí” diz respeito a 4,4% das ocorrências, isto é, ocorre 29 vezes nos *corpora* sincrônicos analisados. Já as outras construções em que o verbo “esperar” figura totalizam 3,1% das ocorrências, correspondendo, portanto, a 21 ocorrências.

Para nós, os resultados obtidos por meio do levantamento da frequência de uso dos dados sincrônicos – tendo em vista a trajetória de mudança percorrida pelo verbo “esperar” –, se mostram relevantes à medida que:

a) apontam, diante das 315 ocorrências encontradas, a predominância do verbo “esperar” com o sentido de “aguardar no tempo” (“**esperar 1**”), o que revela o alto grau de estabilidade e difusão de tal uso na língua;

b) demonstram que, por ser o segundo uso mais frequente, o “esperar” volitivo (“**esperar 2**”) – o qual se caracteriza pelo posicionamento do falante diante de um certo estado de coisas, verificando as chances de ele ocorrer – já se encontra em um estágio bastante avançado de gramaticalização, sendo, entretanto, posterior ao “**esperar 1**”;

c) destacam que o “**esperar 3**” – o qual, assim como o “**esperar 2**”, também se baseia em evidência mais subjetiva –, comparado ao “esperar 4”, apresenta um estágio mais avançado no processo de gramaticalização, visto que totaliza 96 ocorrências das 663 identificadas, enquanto que este corresponde somente a 29 ocorrências. Contudo, ao realizarmos a comparação com o “**esperar 2**”, verificamos que esse, a princípio, encontra-se menos gramaticalizado;

d) indicam ser a construção “espera aí/peraí” – em relação aos quatro usos descritos neste trabalho – mais recente. Portanto, como acreditamos, a construção “espera aí/peraí” se encontraria em um estágio mais incipiente de gramaticalização, apresentando-se como marcador discursivo e, desse modo, projetando um uso [+ intersubjetivo];

e) evidenciam a baixa ocorrência do verbo “esperar” nas outras construções, já mencionadas no quadro 23.

Realizadas as considerações sobre os dados sincrônicos, passamos para a descrição da frequência dos usos identificados no *corpus* diacrônico³⁸, buscando observar sua distribuição. Para tanto, será disponibilizada, logo abaixo, uma tabela.

Tabela 2 - Distribuição do verbo “esperar” nos *corpora* diacrônicos analisados

	<i>Esperar 1</i>		<i>Esperar 2</i>		<i>Esperar 3</i>		<i>Construção espera aí/peraí</i>		<i>Outras construções com esperar</i>		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Século XIII	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1
Século XIV	4	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	4
Século XV	4	40%	5	50%	1	10%	0	0%	0	0%	10
Século XVI	12	52,2%	1	4,3%	8	34,8%	0	0%	2	8,7%	23
Século XVII	27	23,3%	47	40,5%	42	36,2%	0	0%	0	0%	116
Século XVIII	18	33,3%	11	20,4%	24	44,4%	0	0%	1	1,9%	54
Século XIX	34	58,6%	12	20,7%	12	20,7%	0	0%	0	0%	58
Total	100	37,6%	76	28,6%	87	32,7%	0	0%	3	1,1%	266

A partir da análise das 266 ocorrências diacrônicas do verbo “esperar”, observamos que, nos séculos XIII e XIV, o verbo apresenta somente a acepção de “aguardar no tempo” (“**esperar 1**”), sendo encontrada, no século XIII, somente 1 ocorrência do verbo e, no século XIV, 4 ocorrências.

³⁸ Além dos usos estudados neste trabalho, também foram encontradas, no *corpus* diacrônico, ocorrências do verbo “esperar” (acompanhado pela preposição “em”) com a acepção de “confiar em”. Tal sentido se manifesta primordialmente em contextos religiosos (“esperar em Deus” = “confiar em Deus”) e se distribui da seguinte maneira no *corpus*: nenhuma ocorrência para os séculos XIII e XIV, 3 ocorrências para o século XV, 1 ocorrência para o século XVI, 2 ocorrências para o século XVII, nenhuma ocorrência para o século XVIII e 2 ocorrências para o século XIX (total de 8 ocorrências diacrônicas). Lembramos que tal uso não foi encontrado na sincronia. Logo, como a intenção é utilizar a diacronia para comprovar o *cline* de mudança dos usos sincrônicos identificados, optamos por não analisar tal acepção com as demais.

No século XV, temos que os usos volitivo (“**esperar 2**”) e manifestação da expectativa ou não do falante (“**esperar 3**”) passam a ocorrer. Em um total de 10 ocorrências do verbo “esperar”, neste século, 4 correspondem a “**esperar 1**” (40%), 5 a “**esperar 2**” (50%) e 1 a “**esperar 3**” (10%).

Em relação ao século XVI, temos que este totaliza 23 ocorrências dentro das 266 encontradas. Assim, distribui-se de forma que “**esperar 1**” ocorre 12 vezes (52,2%), “**esperar 2**” manifesta-se somente 1 vez (4,3%), “**esperar 3**” aparece 8 vezes (34,8%) e – inserindo um novo padrão de uso – duas ocorrências da construção “(quando) (a gente) menos espera” ocorrem neste século (8,7%).

Observamos que, no século XVII, o verbo torna-se bastante recorrente na língua, totalizando 117 ocorrências. Os usos “**esperar 2**” e “**esperar 3**” estão bem difundidos, apresentando, respectivamente, 47 (40,5%) e 42 (36,2%) ocorrências. Já “**esperar 1**”, não tão recorrente neste século, apresenta 27 ocorrências (23,3%).

Para o século XVIII, encontramos 54 ocorrências do verbo “esperar”, distribuídas da seguinte forma: 18 ocorrências para “**esperar 1**” (33,3%), 11 ocorrências para “**esperar 2**” (20,4%), 24 ocorrências para “**esperar 3**” (44,4%) e 1 ocorrência de “(quando) (a gente) menos espera” (1,9%).

Por fim, no século XIX, temos 58 ocorrências dentro do total – já mencionado – de 266 ocorrências para os sete séculos. Assim, verificamos 34 ocorrências para “**esperar 1**” (58,6%) e 12 ocorrências tanto para “**esperar 2**” quanto para “**esperar 3**” (20,7%).

Assim, observando a frequência de uso do verbo “esperar” entre os diferentes séculos, em um total de 266 ocorrências, temos: a) 100 ocorrências para “**esperar 1**”; b) 76 ocorrências para “**esperar 2**”; c) 87 ocorrências para “**esperar 3**”; d) nenhuma ocorrência para a construção “espera aí/peraí”; e d) 3 ocorrências de “esperar” em outras construções.

Nesse sentido, observando a distribuição do verbo “esperar” entre os séculos, no *corpus* analisado, podemos concluir que:

a) nos séculos XIII e XIV, o verbo “esperar” era utilizado somente com a acepção de “aguardar no tempo” (“**esperar 1**”), o que nos leva a crer que, na língua portuguesa, o “**esperar 1**” é anterior aos outros usos descritos neste trabalho;

b) comungando com a conclusão acima, somente no século XV, os usos [+subjativos] – “esperar 2” e “esperar 3” – são introduzidos na língua, sendo “esperar 2” mais recorrente (totaliza 5 ocorrências enquanto que “esperar 3” somente 1);

c) no século XVI, há um aumento da frequência de uso de “esperar 3”, revelando o processo de fixação do novo padrão de uso. Os resultados ainda apontam a utilização de outras construções com o verbo “esperar” (no caso, “(quando) (a gente) menos espera”), a partir da já instanciação das diferentes acepções do verbo;

d) no século XVII, há um aumento do número de ocorrências do verbo “esperar” (116 ocorrências, no total) em relação aos séculos anteriores, principalmente no que se refere aos seus usos [+ subjativos] – como anteriormente destacado, já que foram encontradas 47 ocorrências de “esperar 2” e 42 ocorrências de “esperar 3”;

e) no século XIX, a partir da equidade no número de ocorrências de “esperar 2” e “esperar 3” (12 ocorrências para cada uso), ocorre uma possível estabilização dos dois usos;

f) assim como na sincronia e considerando o total de 266 ocorrências diacrônicas, há o predomínio de “esperar 1”, o que, mais uma vez, salienta sua anterioridade em relação aos outros usos;

g) ao compararmos tais resultados com os encontrados sincronicamente, “esperar 3” (total de 87 ocorrências diacrônicas) apresenta uma maior frequência que “esperar 2” (total de 76 ocorrências diacrônicas), o que não ocorre, como observado, na sincronia (em que “esperar 2” apresenta um número maior de ocorrência – 202 ocorrências – do que “esperar 3” – 96 ocorrências). Também averiguamos, como já destacado, que esses usos [+ subjativos] são introduzidos no século XV, embora “esperar 2” seja mais frequente (5 ocorrências). Nesse sentido, diante de tais fatos e conscientes da limitação dos *corpora* analisados – apesar de termos, criteriosamente, buscado uma representatividade na língua –, acreditamos ser mais prudente não realizarmos uma afirmação categórica em relação à anterioridade entre os usos referentes a “esperar 2” e “esperar 3”. Assim sendo, acreditamos poder afirmar, a partir de

nossos dados, que os usos representados por “**esperar 2**” e “**esperar 3**” são posteriores e [+ subjetivos] que “**esperar 1**”;

h) diante do fato de não termos encontrado ocorrências referentes à construção “espera aí/peraí”, tal padrão seja mais recente na língua.

A partir das conclusões sincrônicas e diacrônicas, verificamos que o verbo “esperar”, na língua portuguesa, desenvolveu usos [+ (inter)subjetivos] – a partir de uma reanálise semântico-pragmática (metonimização), a qual acarretou uma expansão pragmática dos usos anteriores – durante seu processo de mudança, visto que:

(i) a partir do levantamento da frequência de uso, tanto no que se refere à diacronia quanto à sincronia, e diante do fato de ser o único uso encontrado nos séculos XIII e XIV, “**esperar 1**” corresponde à acepção mais basilar do verbo;

(ii) por ocorrerem somente a partir do século XV e por serem menos frequentes sincrônica e diacronicamente do que “**esperar 1**”, os usos [+ subjetivos] do verbo “esperar” – “**esperar 2**” e “**esperar 3**” – mostram-se ser posteriores no processo de mudança;

(iii) devido à não-ocorrência nos dados diacrônicos e à baixa frequência nos dados sincrônicos, a construção “espera aí/peraí” corresponde a um uso bastante recente na língua.

A partir do exposto, verificamos o processo de mudança semântico-pragmática percorrido pelo verbo “esperar”. No entanto, os desenvolvimentos dos diferentes sentidos abordados acima – “aguardar no tempo”, “volição”, “ter expectativa (ou não)” – estão relacionados a possíveis padrões construcionais, como viemos reiterando nesta pesquisa. As seções a seguir se propõem, desse modo, a descrever pontualmente os diferentes usos do verbo “esperar”, além das outras construções identificadas, as quais já foram mencionadas anteriormente.

Esperar 1

Acima, demonstramos que “esperar 1” – parafraseável por “aguardar no tempo” – corresponde ao maior número de ocorrências encontradas do verbo “esperar” tanto sincrônica quanto diacronicamente (315 ocorrências sincrônicas, em um total de 663 ocorrências, e 100 ocorrências diacrônicas, em um total de 266 ocorrências). Nesse sentido, defendemos que tal uso seria, comparado aos demais encontrados, anterior e [-subjetivo], levando-se em conta o desenvolvimento das diferentes acepções do verbo “esperar” na língua portuguesa. Ocorrências desse uso podem ser verificadas abaixo:

(31) Aí é... Aí tro[u]xe um micro sisten lá, tro[u]xe uma fita lá. Era o casamento de NP, né? Aí todo mundo tava lá, eu tava voltano, né? Com a NP e com a minina na frente, e cá... é o pai de NP junto com o NP **esperano** lá em cima, né? Aí nós tava ino, aí foi chegô lá no altar eu mais a minina ficô sentado num... eu nu[m]a cadera e a minina na outra, né? Aí,... aí tava celebrano o casamento, né? Todo mundo olhano! Aí na hora de saí, e... eu chucheí o braço da minina no meu braço... E[la] tava sainu. E[le]s tava filmano, né? (“Projeto Mineirês”, entrevista 045, Mariana)

(32) Na nova escolinha, a indicação foi **esperar** um pouco para mandar ele sem fralda, já que seria todo um processo de adaptação, que não combinava muito com desfralde. Assim, ele ia de fralda pra escola, e logo que chegava em casa tirávamos. Eu realmente ignorei a também famosa regrinha “se tirou em casa, tem que tirar na escola também, pra não confundir”: expliquei pra ele a situação, e fomos levando assim, até sentirmos, junto com as professoras, que daria pra tentar deixar ele um pouco sem fralda na escola também. E assim foi. Lá, ele ficava bastante no parquinho, e tinha um banheiro acoplado à sala de aula, o que facilitou as coisas. Mas não foi uma coisa super disciplinada, a gente sentia o clima em casa e elas toparam fazer o mesmo na escola. Se não rolava muito bem, fralda nele. (*blog* <http://aprendiz-de-mae.blogspot.com/>)

As duas ocorrências acima foram retiradas do *corpus* sincrônico. Tanto em (31) quanto em (32), nota-se que os falantes não baseiam as situações envolvidas nas proposições em evidência subjetiva, isto é, eles não procuram avaliar as situações descritas de acordo com suas crenças pessoais. Em (31), o falante, ao narrar uma cerimônia de casamento, descreve a atitude de “esperar”, isto é, de “aguardar”, durante um determinado tempo, no altar, utilizando, para tanto, o verbo “esperar” na forma nominal do gerúndio. Já em (32), o verbo é usado, no infinitivo, para expressar a recomendação dada por uma escola/creche a uma mãe: “aguardar” (“um pouco”) para enviar o filho sem fraldas às aulas. Como se pode perceber, o verbo “esperar” indica, em ambos os enunciados, a duração de uma determinada situação – a qual

evidencia um processo de “espera”, de “aguardar no tempo”. Essa característica – a duratividade – foi encontrada em todas as ocorrências sincrônicas e diacrônicas de “esperar 1”. A seguir, ilustramos a presença desse aspecto em uma ocorrência diacrônica:

(33) O conselho avudo, posero~no logo per obra e mandou el rey chamar o iffante que lhe vesse falar. E o iffante veo e entrou no curral hu fora falado que entrassem. E todas suas gentes que o aguardavo~ ficaron en outras casas per hu avyam entrado, que eram muy arredadas donde o iffante estava. E, estando aly con el rey, disse el rey que o **sperasse** ally e que logo vi~iria a el e sayusse daquel curral. E, como el rey foy fora, soltaron per outra parte dous leo~oes a feuza que o mataryam. O iffante, como os vyo, tyrou a espada que tragia consigo, que nu~ca partia de sy, e tornou contra eles e os leo~oes no~ foron a el. E elle se foy aa porta e sayusse do curral. E, en quanto el estava en esto, prendero~ os mouros as gentes do iffante. E, depois que el foy fora do curral, no~ quis el rey que o matassen nem o quis veer. (Século XIV, Crônica de Afonso X)

O exemplo acima – assim como os exemplos sincrônicos dados anteriormente –, remete ao uso do verbo “esperar” como “aguardar no tempo”. Em (33), o falante narra a punição dada ao “infante”. Foi pedido a este, pelo rei, que permanecesse no curral e aguardasse. A duração da espera é inferida por meio da oração subsequente, a qual diz que logo o rei retornará ao local. Assim, o infante deverá aguardar até o retorno do rei.

Nesse sentido, como defendemos neste trabalho, “esperar 1” atualiza a noção aspectual de duratividade, em que se evidencia o desenvolvimento da ação. Assim sendo, nesta pesquisa, tratamos o aspecto como uma categoria de análise fundamental para a descrição desse uso, fazendo-se necessária, portanto, uma breve consideração teórica a respeito de tal noção.

O aspecto verbal é um tema bastante debatido em estudos linguísticos, mesmo que indiretamente, ou seja, quando não há referência a tal categoria de maneira explícita, são abordadas noções que dizem respeito a ela. Nesse sentido, Travaglia (2006) destaca trabalhos como os de Dias (1970), Said Ali (1971), Cunha (1975), Azevedo Filho (1975), Câmara Jr. (1970, 1974a, 1974b) dentre outros³⁹.

A partir desses estudos, o autor observa que, embora haja certa variação nos conceitos de aspecto, três noções – as quais julga realmente corresponder a noções aspectuais –, sempre estão presentes, a saber: a) aspecto é uma categoria verbal ligada à noção de “tempo” de maneira geral e abstrata, sem implicar a indicação pelo verbo ou qualquer elemento da frase (a qual o

³⁹ Nesta pesquisa, não nos basearemos nos trabalhos destes autores, mas sim nas postulações propostas por Travaglia (2006).

autor denomina de TEMPO); b) o aspecto marca a duração, ou seja, o espaço temporal ocupado por uma determinada situação; e c) o aspecto não diz respeito a uma categoria dêitica, sendo o TEMPO interno à situação. Além dessas considerações, Travaglia (2006) também frisa que a categoria aspecto indica o grau de desenvolvimento da realização da situação.

Assim sendo, propõe uma definição para aspecto, a qual é adotada nesta pesquisa:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (TRAVAGLIA, 2006, p. 40)

Nesse sentido, Travaglia (2006, p.43) defende que a primeira noção semântica aspectual – a qual se relaciona à noção de duração da situação ou à sua fase – é a duratividade. Para ele, a duratividade se opõe à pontualidade, visto que a última marca uma situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou são separados por um intervalo de TEMPO muito curto, de maneira que se conceba a situação como pontual. O autor ainda destaca que a duratividade estaria diretamente relacionada à progressividade, que não se caracteriza por ser uma noção aspectual, mas está ligada ao valor durativo, visto que “é a indicação de que a situação tem um desenvolvimento gradual” (TRAVAGLIA, 2006, p. 52).

Realizando tal diferenciação, o autor passa, então, para a caracterização da noção aspectual de duratividade, observando as diferentes maneiras pelas quais ela pode ser referida. Segundo Travaglia (2006), a duração pode ser:

- a) Limitada: sabe-se, de maneira implícita ou explícita, os limites da duração da situação, isto é, a duração é tida como finita. Como exemplo, apresentamos abaixo as ocorrências (34-35) de “esperar 1”:

(34) Antes de eu ter filho, eu pensei em tudo, entendeu? Eu queria muito tê um filho, eu **esperei** dois anos de casada, mas, eu pensei em tudo, não foi assim:: “Ah! quero tê filho, aí, ai que merda!”. Não é isso não. Tem que sê, sabe [tem que ser pensado], é unzinho só, por enquanto. Se a minha vida melhorá, eu vô tê outro; se não melhorá também, sei lá, um só, eu sei que um é ruim, mas o que eu posso fazê. Se eu quero dá um conforto pra ela, mas, uma escola boa, curso de inglês, e o que eu puder dá pra ela de bom, eu vô podê tê dois, <pra num...> acho que não é por aí, não. (“PEUL”, entrevista R01 Eri- 1)

(35) Uma fonte do governo francês disse que Paris é a favor de um encontro, enquanto o presidente do Conselho Europeu, Herman Van Rompuy, disse não descartar uma reunião. Mais cedo, o ministro das Finanças alemão disse que um segundo pacote de resgate para a Grécia teria de **esperar** até setembro, depois de os ministros das Finanças da zona do euro efetivamente terem aceitado que o envolvimento do setor privado provavelmente significaria um default seletivo. O Banco Central Europeu (BCE) se opõe a uma moratória. "Temos que desatar o nó, um nó muito difícil", disse o ministro das Finanças holandês, Jan Kees de Jager, a jornalistas. (Revista "Veja")

Nos exemplos acima, podemos observar que a duração da situação é delimitada através das expressões "dois anos", em (34) – em que o falante afirma ter esperado durante dois anos após o casamento para ter um filho –, e "até setembro", em (35) – em que o ministro alemão diz ser necessário esperar até o mês de setembro para resolver a crise financeira pela qual passa a Grécia. Vê-se, portanto, através dessas duas ocorrências, que, no caso da duratividade, pode ser estabelecido o limite de tempo em que se instaura uma determinada situação.

- b) Ilimitada: desconhecem-se os limites da duração, o que pode acarretar enunciados indicativos de verdades "eternas" ou sentidas como tal em dada época:

(36) *-Ah sei, intão agenti precebi qui namorar naquela época era bem diferenti du qui hoje em dia né?*

Mu::itu diferenti, era muito diferenti, muito bom porque essi momentu di ixpectativa qui você cria ao longo du tempu, cê vivencia issu assim + muito bem i muito bom, porque são boas lembranças, são boas recordações, você fica ali naquela ixpectativa i você fica **esperanu** a coisa acontecê, num é igual hoje qui:: cê já bateu o olho a coisa já acontece i amanhã já num é aquilo mais, intão eu achu qui:: o pessoal mais antigu disfrutó muito dissu. ("Projeto Mineirês", entrevista 11, Belo Horizonte)

(37) *-I é com essa com toda essa essa violência qui ixisti hoji nu mundo ô nas nas grandis cidadisBel'orizonti principalmenti qui tá muito vilenta cê acha qui as pessoas tão sofrendu mais di síndrome du pânico di di medo mesmo di sair di casa?*

Olh'eu achu qui achu qui involvi um poco di tudu porque como a síndrome du pânico a síndrome du pânico num precisa di ser só o estresse só uma ansiedadi porque a síndrome du pânico acaba sendo uma coisa qui você é uma coisa invisível qui você fica **isperanu** o restu da vida intão eu não vou saí di casa porque eu posso saí de casa posso fica com falta de [rep] respiração eu posso morrer intão a pessoa vai si privanu das coisas i com esse estresse com esse negócio di trabalhá di istudá ninguém tem tempo pra nada ninguém tem ninguém dia di semana tem uma hora pra podê almoçar tranquilo falá com a família dormir oito horas di sono tranquilo ninguém tem essi tempo mais eu achu que influência sim dá um suportu porque tem genti qui não tem não é tão ativo quanto o sistema capitalista di hoji im dia exige. ("Projeto Mineirês", entrevista 10, Arceburgo)

Os exemplos (36) e (37) indicam que os falantes, ao relatarem situações em épocas específicas, ressaltam o caráter durativo e infinito do ato de espera. Assim, em (36), o falante observa o processo prolongado de conquista nos relacionamentos de antigamente, em que não se sabia quando o namoro aconteceria de fato. Já em (37), o falante destaca que uma pessoa com síndrome do pânico encontra-se em uma situação de eterna espera por algo ruim, justificando o seu isolamento. Desse modo, verifica-se que, na duratividade ilimitada, os falantes projetam que determinadas situações seriam, para eles, verdades absolutas e sempre ocorreriam em contextos específicos.

- c) Contínua: caracteriza-se pelo fato de a situação não sofrer interrupções no decorrer do seu tempo de existência, como se verifica nos exemplos que seguem:

(38) Eu usei primeiramente 2 camadas do esmalte Momento Penélope – Risqué da linha Penélope cor de rosa, **esperei** a unha secar uns 5 minutinhos e coleí as florzinhas. (*blog* <http://www.viciadasemesmaltes.com/>)

(39) Eu e o João contratamos uma advogada que resolveu tudo em uma única tarde. Reunimos a papelada necessária e fomos todos para o cartório: eu, o João, meu ex-marido, a ex-esposa do João e, claro, nossa advogada. **Esperamos** uma hora e 40 minutos para providenciar os dois divórcios. (Revista “Ana Maria”)

Em (38) e (39), os processos de espera – secar as unhas após a utilização do esmalte e providenciar dois divórcios – ocorreram de maneira a não sofrer interrupção dentro de determinados intervalos de tempo – cinco minutos e uma hora e quarenta minutos. No caso da duratividade contínua, percebe-se que há um limite para a duração da ação e, dentro desse limite, a situação à qual o falante se reporta ocorre de forma progressiva.

- d) Descontínua: caracteriza-se, em oposição à noção de continuidade, pelo fato de a situação sofrer interrupções, de modo que se estabeleça uma ideia de repetição/iteração⁴⁰, como se observa em (40) e (41)⁴¹:

⁴⁰ Segundo Travaglia (2006), entende-se por iteração a situação que apresenta a duração descontínua limitada, evidenciado uma noção de repetição. Sob essa perspectiva, para o autor, “da ideia de repetição vem a caracterização que se dá desse fato [a ocorrência de interrupções na duração], como representando uma coleção de situações” (TRAVAGLIA, 2006, p. 44).

(40) É, de repente, é até isso, de repente ela sabe que ela quando criança né ficava meio triste, né, **esperando** o pai, o pai não vinha, o pai não visita não sei quanto tempo e tal, não sei quê, talvez até pelas filhas ela ature coisas assim que ela, por exemplo, uma delas ela até cobra, ela cobra, ela cobra da mãe pelas atitudes dela, entendeu. (“NURC/RJ”, entrevista 11)

(41) E:: esse bichinho foi realmente assim a primeira e:: primeira [ex] coisa boa que eu tive em relação a criação de animal. Ele me **esperava** chega do serviço, ele fazia mô festa, eu tive com ele assim uma relação muito gostosa de amizade, de carinho, e eu acho que muito a partir disso eu realmente comecei a gostar e me afeiçoar cada vez mais aos animais. Mais essa primeira experiência pra mim foi muito boa, foi gratificante, embora a briga com o síndico tenha sido muito maior porque ele realmente não aceitava, mas eu não achava justo porque o outro tinha ficado doente e morrido eu não poderia matar o meu. (“Projeto Mineirês”, entrevista 17, Belo Horizonte)

Em (40), o falante, ao tecer considerações acerca do comportamento de uma mãe em relação a suas filhas, relata – para fins comparativos – que ela, quando criança, aguardava a visita do pai que nunca acontecia. Já (41) frisa a atitude de um animal de estimação que, todo dia, aguardava o retorno do dono em casa. Percebe-se que tais atitudes não se desenrolam de maneira a atender a uma continuidade até sua realização, mas sim se repetem, corriqueiramente, tornando-se, nos casos acima, hábitos⁴². Portanto, observa-se que a duratividade descontínua envolve situações que, dentro de contextos específicos, ocorrem de maneira reiterada.

Travaglia (2006) prossegue suas considerações sobre a aspectualidade, destacando que a duratividade – assim como outras noções aspectuais – pode se manifestar linguisticamente por meio de alguns modos/tempos verbais e de algumas formas nominais em particular. Como já destacado anteriormente, defendemos, nesta pesquisa, que “esperar 1” atualiza a noção aspectual de duratividade. Sendo assim – e a fim de definir um padrão prototípico⁴³ para esse uso –, levantamos a frequência dos modos/tempos verbais e das formas nominais das ocorrências de “esperar 1”. Primeiramente, fornecemos abaixo uma tabela referente aos dados sincrônicos:

⁴¹ Travaglia (2006) ainda observa que as noções de “limitação” e “ilimitação” se relacionam às de “continuidade” e “descontinuidade”, de modo que a duração de uma situação pode, por exemplo, ser tida como “descontínua ilimitada”.

⁴² De acordo com Travaglia (2006), a habitualidade em si – assim como a progressividade – não corresponde a uma noção aspectual. No entanto, a partir do momento em que nasce da duração descontínua ilimitada, ela se relaciona ao aspecto.

⁴³ A noção de prototipia advém da Linguística Cognitiva e propõe que a categorização linguística se processaria por meio de protótipos. Esses são entendidos por representações mentais de entidades, configurando-se em exemplares mais representativos (típicos) dessas entidades. Nesse sentido, as categorias linguísticas estariam relacionadas a estruturas prototípicas, as quais se baseariam nos protótipos.

Tabela 3 - Distribuição dos modos/tempos verbais e formas nominais nas ocorrências sincrônicas de “esperar 1”

Modo Verbal / Forma Nominal	Tempo Verbal	n.º	%
Indicativo	Presente	48	15,2%
	Pretérito Imperfeito	22	7%
	Pretérito Perfeito	30	9,5%
	Futuro do Pretérito	01	0,3%
Subjuntivo	Pretérito Imperfeito	01	0,3%
Imperativo	–	20	6,3%
Gerúndio	–	110	35%
Particípio	–	01	0,3%
Infinitivo	–	82	26,1%
Total de ocorrências de “esperar 1”		315 ocorrências	

A partir da tabela acima, verificamos que, sincronicamente, “esperar 1”:

a) manifesta-se, primordialmente, por meio do gerúndio (seja em perífrase verbal ou não), totalizando 110 ocorrências dentre as 315 verificadas, ou seja, esse resultado diz respeito a 35% das ocorrências desse uso;

b) apresenta-se com certa frequência por meio de perífrases verbais, em que figura na forma infinitiva, correspondendo, nesse sentido, a 82 ocorrências (26,1%);

c) através do modo verbal indicativo, distribui-se da seguinte maneira entre os tempos verbais encontrados: i) em primeiro lugar, o presente (48 ocorrências, isto é, 15,2%); ii) em seguida, o pretérito perfeito (30 ocorrências, isto é, 9,5%); iii) posteriormente, o pretérito imperfeito (22 ocorrências, isto é, 7%); e iv) o futuro do pretérito (1 ocorrência, isto é, 0,3%). Sobre os tempos verbais pretérito-mais-que-perfeito e futuro do presente do indicativo, destacamos que, nos dados, tais usos não foram encontrados, sendo comum a utilização de tempos compostos para se referir a eles;

d) no imperativo, corresponde a 6,3% das ocorrências, já que ocorre 20 vezes;

e) ocorre somente 1 vez no particípio (por meio de perífrase verbal) e também 1 vez no subjuntivo, o que corresponde, para cada modo, a 0,3% das ocorrências.

Ainda levantamos a frequência dos modos/tempos verbais e das formas nominais nas ocorrências diacrônicas de “esperar 1”, como se verifica abaixo:

Tabela 4 - Distribuição dos modos/tempos verbais e formas nominais nas ocorrências diacrônicas de “esperar 1”

Modo Verbal / Forma Nominal	Tempo Verbal	n.º	%
Indicativo	Presente	20	20%
	Pretérito Imperfeito	10	10%
	Pretérito Perfeito	7	7%
	Pretérito Mais-que-perfeito	1	1%
	Futuro do Presente	1	1%
	Futuro do Pretérito	2	2%
Subjuntivo	Pretérito Imperfeito	07	7%
Imperativo	–	04	4%
Gerúndio	–	19	19%
Particípio	–	03	3%
Infinitivo	–	26	26%
Total de ocorrências de “esperar 1”		100 ocorrências	

A partir da tabela acima, verificamos que, diacronicamente, “esperar 1”:

a) é mais frequente no infinitivo, totalizando 26 ocorrências dentre as 100 verificadas, ou seja, diz respeito a 26% das ocorrências desse uso;

b) apresenta-se com certa frequência no gerúndio, correspondendo, nesse sentido, a 19 ocorrências (19%);

c) por meio do modo verbal indicativo, distribui-se entre os tempos verbais encontrados da seguinte forma: i) em primeiro lugar, o presente (20 ocorrências, ou seja, 20%); ii) em seguida, o pretérito imperfeito (10 ocorrências, isto é, 10%); iii) posteriormente, o pretérito perfeito (7 ocorrências, isto é, 7%); iv) depois, o futuro do pretérito (2 ocorrências, ou seja, 2%); v) por fim, o pretérito-mais-que-perfeito e o futuro do presente, com 1 ocorrência para cada um (1 % em cada caso);

d) no subjuntivo, ocorre 7 vezes (7% das ocorrências);

e) no imperativo, corresponde a 4% das ocorrências, já que ocorre 4 vezes;

f) finalmente, no particípio, apresenta 3% das ocorrências.

Com a distribuição dos diferentes modos/tempos verbais e formas nominais de “esperar 1”, tanto na diacronia quanto na sincronia, discutiremos pontualmente a manifestação da duratividade nesse uso.

Em relação ao modo verbal indicativo, como podemos verificar através da tabela 3, temos os seguintes tempos verbais: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito e futuro do pretérito. Já na tabela 4, ainda encontramos o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do presente. Sobre a manifestação da duratividade a partir desses tempos verbais, Travaglia (2006, p. 117-140) realiza as respectivas considerações:

a) o presente do indicativo pode apresentar uma situação durativa – aspecto durativo –, desde que em conjunto com outros meios (adjuntos adverbiais, valor do semantema, complemento oracional etc.);

b) o pretérito imperfeito é essencialmente durativo;

c) o pretérito perfeito em si não expressa o aspecto durativo; isso só ocorrerá por meio de um adjunto adverbial, uma oração adverbial temporal, um semantema verbal e a repetição do verbo;

d) o futuro do pretérito e o futuro do presente em si não marcam nenhuma noção aspectual, visto que indicam um tempo futuro, o qual “atribui à situação uma realização virtual, até certo ponto abstrata, que enfraquece as noções aspectuais que estão sendo atualizadas” (p. 138); e apresentam um valor modal, “proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão do aspecto” (p. 138). Logo, assim como ocorre com o presente e o pretérito perfeito, somente a interferência de outros recursos atualizará aspecto – no caso, o durativo – nestes tempos;

e) o pretérito mais-que-perfeito apresenta um comportamento idêntico ao pretérito perfeito na atualização de aspecto, exceto pelo fato de marcar, prototipicamente, o aspecto acabado. Assim, cabe também, neste caso, uma investigação do complemento que o segue.

Diante de nossos dados – os quais revelaram um alto índice de ocorrência de tempos verbais que não atualizam, em princípio, a noção aspectual da duratividade – e das considerações de Travaglia (2006) a respeito do aspecto verbal no português, passamos a observar os complementos de “esperar 1” que pudessem atualizar tal noção aspectual. Nesse sentido, foram identificados dois tipos de complementos, a saber: complemento com valor temporal – através de advérbios de frequência (ex.: “esperar *geralmente*”), locuções adverbiais de tempo (ex.: “esperar *por uma semana*”) ou advérbios de intensidade (ex.: “esperar *um pouco*”) – e complemento em que há, de maneira explícita ou implícita, a realização de um evento⁴⁴ (ex.: “esperar *o projeto que você prometeu*”).

O presente do indicativo é relativamente frequente em nossos dados – se comparado aos outros modos/tempos verbais –, correspondendo, como mencionado anteriormente, a 15,2% das ocorrências sincrônicas (48 ocorrências) e 20% das ocorrências diacrônicas (20 ocorrências). Como exemplo desse tempo verbal, temos as ocorrências – uma sincrônica e outra diacrônica – a seguir:

(42) O chefe, Antonio Olim, garante que as crianças são prioridade. Ali trabalham 43 funcionários, entre delegados, atendentes, agentes e investigadores. Fazendo a conta, cada um

⁴⁴ Não realizamos o levantamento da frequência desses complementos por julgarmos que eles não são relevantes para a estipulação de um padrão construcional prototípico de “esperar 1”. Tal defesa será explicitada ao longo desta subseção.

teria, em tese, 465 apurações sob seu comando. O modelo é a delegacia do Paraná, criada em 1996 com foco exclusivo nos pequenos e índice de 99% de solução dos casos. O segredo? Não **esperamos** um minuto. A denúncia chega, a busca começa”, diz a delegada Ana Claudia Machado. Além disso, ela afirma, há verba para viagens para outros estados se surgem indícios de que a criança está lá. Uma novidade pode aliviar o problema. (Revista “Cláudia”)

(43) O que me anuncias do Navarro, enche-me de curiosidade por ver o que ele faz em chegando. Talvez o nomeiem par. E bem vêes tu... **Espero** o Prado todos os dias. Vem talvez em velocípede, de chapéu alto através da Espanha, o nosso pitoresco amigo. Adeus. (Século XIX, Cartas de Eça de Queirós e Oliveira Martins)

Em (42), “esperar 1” apresenta-se no presente do indicativo. Nessa ocorrência, há o relato do chefe da delegacia responsável pelos casos de criança desaparecida. Ao falar sobre o sucesso de suas operações, o falante afirma que ele e sua equipe não aguardam nem por um minuto para iniciar as buscas. Assim, eles negam – por meio do advérbio de negação “não” - o enunciado “esperamos um minuto”, o qual apresenta o caráter durativo da ação. Desse modo, a duratividade da ação está marcada pela integridade entre o verbo (“esperamos”) e a locução adverbial de tempo (“um minuto”), sendo a noção aspectual entendida como limitada e contínua. Já em (43), “esperar 1”, no presente do indicativo, apresenta como complemento o evento inferido a chegada do amigo “Prado” e a locução adverbial de frequência “todos os dias”. A duratividade da ação de aguardar o amigo se dá de maneira descontínua, de modo que a locução presente reforça o caráter iterativo da situação. Vê-se, portanto, comungando com a noção de integridade entre as partes do enunciado e, conseqüentemente, com a de construcionalidade que os elementos que coocorrem com “esperar 1” são fundamentais para a atualização de duratividade no verbo no tempo verbal do presente do indicativo.

O pretérito imperfeito do indicativo, ao contrário do presente, atualiza, essencialmente, o aspecto durativo (TRAVAGLIA, 2006), como já destacado anteriormente. No entanto, essa flexão verbal não é tão frequente em nossos *corpora*, apresentando 22 ocorrências sincrônicas e 10 ocorrências diacrônicas. Os exemplos abaixo demonstram essa atualização aspectual:

(44) Encontrei-a no gabinete invadido pelo cheiro adocicado de flores enviadas em sua homenagem. Martha acabara de comprar em Ipanema um vestido e um par de sapatos para a cerimônia de posse. **Esperava** a manicure. Dito assim, pode parecer que a nova chefe da Polícia Civil é vaidosa. Não é verdade. A maquiagem é leve. “Sou uma pessoa básica, posso dizer isso?” Seu adereço essencial é um pingente de Nossa Senhora da Conceição, de quem se diz devota.

“Ela representa a Anunciação, era a que vinha à frente, protegendo os outros”, diz. (Revista “Época”)

(45) A barca da lagoa com o guarda **esperava-nos** para nos levar para o prediozinho de Dom Pedro V para onde nós íamos. E devíamos ser pitorescos para quem nos visse àquela hora, ainda sem sol, por uma grande serenidade, dentro de um barquinho varino remado por duas grandes pás, levando-nos a nós, aos nossos alforjes, às nossas mantas brancas com riscas castanhas e aos nossos cães. (Século XIX, Ortigão, Ramalho)

O primeiro exemplo de “esperar 1” no pretérito imperfeito do indicativo – (44) – foi retirado do *corpus* sincrônico. Através dessa ocorrência, pode-se notar que, no momento da entrevista concedida à revista *Época*, a nova chefe de polícia encontrava-se aguardando uma manicure. Percebe-se, pela própria flexão verbal, o caráter durativo da situação. Essa mesma consideração pode ser feita para ocorrência diacrônica (45), uma vez que o sujeito [- animado], “a barca da lagoa”, acompanhado do adjunto “com o guarda”, estava aguardando os passageiros. Veem-se, portanto, nos dois exemplos, ações que ocorrem progressivamente – de maneira contínua e ininterrupta dentro dos contextos em que se realizam.

O pretérito perfeito (30 ocorrências sincrônicas e 7 ocorrências diacrônicas), por sua vez, apresenta complementos fundamentais na atualização da duratividade, como se verifica em (46) e (47).

(46) Desde criança, queria desbravar o mundo. Tracei meus objetivos e fui atrás", orgulha-se ela, na Ilha de CARAS. Juliana não **esperou** muito para lutar por seus sonhos. Aos 11 anos viajou para o Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar como assistente de palco do programa Xou da Xuxa. (Revista “Caras”)

(47) Em os assuntos há pouca variedade, porque sempre o humor da sorte estava fixo na melancolia. Aquelas que com melhor pena se escreveram não **esperou** a tempestade da desgraça que as levasse outro vento; porque, enfim, como obra de penas e de palavras, haviam de ter no ar sua sepultura, bem que no fogo tivessem seu nascimento. Por todas cintila o queixume, apesar da modéstia, que procura embaraçá-lo e desmenti-lo; mas a dor é tão atrevida, como quem nunca lhe falta coração, de avezada a viver nele. (Século XVII, D. Francisco Manuel de Melo)

Nos exemplos acima, como visto, “esperar 1” encontra-se no pretérito perfeito do indicativo. A ocorrência sincrônica – (46) – destaca, ao comentar sobre a vida profissional da atriz Juliana Baroni, que a entrevistada não aguardou durante muito tempo para iniciar sua carreira. Já a ocorrência diacrônica – (47) – mostra que não se aguardou até a melhora do estado

emocional para que se voltasse a escrever e, dessa forma, os textos não apresentariam tanta melancolia. Observa-se, nesses exemplos, que a presença de pretérito perfeito do indicativo cria a expectativa de se encontrar uma noção de pontualidade. No entanto, a duratividade nesse tempo verbal se atualiza devido à presença dos complementos que o acompanham. Nas ocorrências descritas acima, a atualização aspectual se dá diante da relação estabelecida entre o verbo e o advérbio de intensidade “muito” em (46), e o complemento oracional, o qual indica um evento, “que as levasse outro vento”, em (47).

Assim como o pretérito perfeito, o futuro do pretérito também necessita de outros recursos que interfiram na atualização de aspecto durativo em “esperar 1”. Essa necessidade também foi confirmada em nossos dados:

(48) Qual é a melhor forma de investir o pouco dinheiro que tenho? – *Juliana*
Eu não **esperaria** cinco anos. Tentaria comprar quanto antes um apartamento usado, financiado pelo Sistema Financeiro da Habitação (SFH). (Revista “Época”)

(49) Como as coisas daquele tempo andavam embaraçadas por causa das guerras, e não concediam repouso, não teria El-rei Dom Afonso lugar para fazer a mudança nas armas, e aperfeiçoar o escudo real na forma que por Deus lhe fora mandado, e **esperaria** ocasião acomodada, e tempo em que pudesse convocar seus vassallos a cortes, para então com mais solenidade ordenar aquela obra. (Século XVI, A vida de D. Frei Bertolameu)

Em (48), a presença da locução adverbial de tempo “cinco anos” junto ao verbo no futuro do pretérito atualiza a noção aspectual de duratividade. Como se verifica, a entrevistada responde que não aguardaria, durante o intervalo de cinco anos, para investir seu dinheiro. Já na ocorrência diacrônica (49), a atualização do aspecto se dá devido à presença do evento que complementa o verbo “esperar”. Assim, o rei, para realizar o que lhe fora ordenado por Deus, deveria aguardar por uma ocasião melhor. Novamente, tem-se que a integridade entre o verbo e seu complemento opera de modo a evidenciar a progressividade da situação, explicitando, nos exemplos acima, os limites da duração.

Como já destacado, os tempos pretérito-mais-que-perfeito e futuro do presente só foram encontrados nos dados diacrônicos. E, mesmo assim, cada um apresentou apenas uma ocorrência no século XVI e outra no século XVIII:

(50) E quando chegou a dizer "mando a Vossa Reverência que aceite", levantou a voz (como que tivera o laço na garganta e esperara o garrote) e disse: - Deus seja comigo! Bem representado temos aqui o que se escreve de outro Santo, também desta Ordem, que assi foi levado ao bispado, como se fora a ser martirizado. Foi Santo Antonino, Arcebispo de Florença. (Século XVI, A vida de D. Frei Bertolameu)

(51) Suponhamos que me dá Deus filhos *de specie virili*. Um travesso desejará a minha morte, um sábio a esperará sem desejá-la, e o mais honrado deles sonhará com ela sem a desejar nem a esperar. (Século XVIII, Cavaleiro de Oliveira)

Em (50), tem-se a ocorrência de “esperar 1” no pretérito-mais-que-perfeito do indicativo. A duratividade é atualizada, nesse caso, através da presença do complemento eventual inferido por meio da palavra “garrote”. O garrote era uma espécie de forca utilizada para estrangular condenados na Espanha e em Portugal. Assim, narra-se o ato de aguardar pelo enforcamento. Já em (51), a duratividade de “esperar 1”, no futuro do presente do indicativo, está relacionada ao estado de se aguardar pela morte. Logo, o limite de duração de uma determinada situação pode ser inferido diante de eventos implícitos em SNs (“garrote” e “morte”).

Além do modo verbal indicativo, também encontramos ocorrências de “esperar 1” no subjuntivo (1 ocorrência sincrônica e 7 ocorrências diacrônicas, todas no pretérito imperfeito). Travaglia (2006) aponta a escassez de estudos que se referem ao aspecto no subjuntivo. O autor observa que a atualização de aspecto neste modo verbal não é muito comum, pois nele “as situações são apresentadas como irrealis, incertas, duvidosas” (p. 140). Além disso, o subjuntivo pode indicar modalidade e futuro, o que restringe tal atualização.

Todavia, Travaglia (2006, p. 146-149) destaca uma série de exemplos em que, tendo o valor de presente ou passado, há atualização de aspecto no subjuntivo. Considerando a classificação da oração em que figura o verbo, o autor destaca que, em orações adverbiais condicionais, a flexão no passado pode acarretar duratividade. Contudo, o autor não pontua um determinado padrão para que haja determinada atualização de aspecto; ele arrola alguns exemplos separados, como já dito, por sua classificação oracional, mas tal classificação não parece implicar um determinado tipo de aspecto. A partir dos exemplos disponibilizados, Travaglia (2006, p. 149) conclui que, a fim de veicular noções aspectuais, os enunciados no subjuntivo devem: a) apresentar flexões verbais com o valor temporal de presente ou passado; e b) na maioria das vezes, apresentar o fato como certo, e não duvidoso e hipotético. Abaixo, apresentamos exemplos de ocorrência de “esperar 1” no subjuntivo:

(52) Eu sô vingativa pra caramba. Sô. Eu sô assim: Eu num brigo, se você fez uma coisa comigo eu num brigo cum você, eu num vô quere (hes), sabe? Amanhã ô depois eu sei que você vai precisá de mim, eu vô te ajudá , se eu podê te ajudá eu vô te ajudá... Hoje, se ela chegá aqui: "Ó, Andressa me empresta um dinheiro pra mim comprá num sei quê pro meu filho?" Eu empresto, Mas eu sei ali como fazê pra ela passá <po...> pelo que eu passei ou até pior. Eu...ah (hes) eu planejo tudinho. (riso e) [Eu]...eu quando ela tava namorando o meu ex-namorado eu: "Quando ela terminá cum ele eu vô fazê tudo (inint)" Eu falando pra mim sozinha, né?" E, eu tramo tudinho. Sou terrível Ninguém dá nada por mim mas eu sô terrível! A [minha irmã]... minha irmã já não, minha irmã é sonsa! (risos) Eu sô. Minha mãe fala: "Você tem um gênio do cão!" Eu: Não, meu signo é gêmeos. Tenho duas caras! (risos) Eu falo. Eu sô. <Quan...> eu sô assim: sô amiga eu sô amiga, entendeu? Se você tá me levando bem eu, pô, te trato bem pra caramba. Agora, num faz nada comigo não! Caraca! Se pelo menos ela esperasse uma semana, né? Agora, no otro dia já (hes) eu, caraca! E ainda hoje tem coragem de me ligá. Todo dia ela me ligava. No aniversário dele né, em fevereiro, aí ela me ligô: "Ah, o Sérgio qué falá cum você!" Eu desliguei na cara dele! Eles me ligaram de novo aí eu: "Ah, caiu a ligação. Parabéns, Sérgio!" ELE: "Pô, vem no meu aniversário, Érica vai fazê um bolinho aqui pá gente, num sei quê, que num sei quê lá." Quele ódio <subind...> (hes), eu acho que se eu tivesse perto deles dois, eu acho que o quê eu tivesse na mesa ia voar em cima dela! ("PEUL", entrevista T12 And)

(53) É menos praticado, porém é o mais curto e o mais seguro para vossa casa. Sendo Mitridates instruído desta forma, fez saber aos seus criados que se achavam recolhidos no mesmo palácio de Natan o lugar onde ele queria que o esperassem no dia seguinte. (Século XVIII, Cavaleiro de Oliveira)

Verificou-se nos dados – os quais foram exemplificados pelas ocorrências (52) e (53) – que o modo subjuntivo em “esperar 1” sempre aparece com a flexão verbal do pretérito imperfeito. Na ocorrência sincrônica, o verbo apresenta-se dentro de uma oração condicional e acompanhado pela delimitação da duração da espera por meio da locução adverbial temporal (“uma semana”). Tais fatos corroboram a atualização de aspecto em “esperar 1”, nesse exemplo. Já a ocorrência diacrônica apresenta a ideia de aguardar no tempo pela chegada de Mitridates. Nesse sentido, o pretérito imperfeito do subjuntivo, junto a complementos que demarcam a progressividade da situação, possibilitam a atualização da duratividade.

Por fim, temos o modo verbal imperativo. Sobre este, Travaglia (2006, p. 139-140) defende a não marcação de aspecto por meio de suas flexões. De acordo com o autor, o imperativo marca essencialmente a modalidade. Apesar de ser enunciado no tempo presente, tal presente, no imperativo, tem valor de futuro, visto que a ação ainda será realizada. Entretanto, ressalva, assim como nos demais casos, que a presença de outros recursos pode interferir e, conseqüentemente, atualizar aspecto, como se verifica abaixo:

(54) - *Ele estava muito pesado?*

É, assim mesmo, não estava muito leve não, aí de longe avistei um rapaz descendo, em cima, mais em cima, pensei comigo, ahm eu vou pedir aquele rapaz por nome de (NP) e ele vai me desajudar o balaio pra mim vê, r aí quando eu fui chegando perto dele eu falei com ele, ah foi te ver aqui pra você me desajudar esse balaio aqui, perfeitamente dona(NP), desajudo, **espera** um pouco, aí ele veio chegando logo assim pra tirar o balaio de minha cabeça, quando ele foi tirando o balaio de minha cabeça, eu senti logo cair para trás, deu aquele espécie, um desmaio uma / uma fraqueza que eu tombei para trás, onde eu dei com as costas num pedregulho, e depois eu fiquei sentindo. (“Projeto Mineirês”, entrevista 07, Ouro Preto)

(55) E dise-lhe a Madre: Filho, rogo-te que tenperes a tua sanha e **espera** hu~u~ pouco, ca eu tenho dous seruos fiees e nobres lidadores que andaro~ per todo o mu~do e lidaro~ co~ elle e sujuga-lo-ham ao teu senhorio. (Século XV, Orto do Esposo)

Em (54), o falante relata uma situação em que pediu ajuda a alguém para carregar um balaio e essa pessoa, ao aceitar o pedido, solicitou ao interlocutor que aguardasse um momento. A duratividade é, assim, atualizada na integridade entre o verbo “esperar” e o advérbio de intensidade “um pouco”. Esse também é o caso de (55), em que tal advérbio também está presente, demarcando a duração da espera. Mais uma vez, a progressividade é indicada através do caráter durativo das situações observadas nos exemplos acima. Os complementos de “esperar 1”, no imperativo, atuam de maneira a também delimitar a duração.

Sobre as formas nominais, observamos que, nos dados sincrônicos, “esperar 1” ocorre, principalmente, no gerúndio (110 ocorrências). Segundo Travaglia (2006), o gerúndio é, essencialmente, durativo, além de imperfectivo, cursivo e não-acabado. As ocorrências (56) e (57) – a primeira sincrônica e a segunda diacrônica – exemplificam esse padrão:

(56) Eu fazia pesca oceânica; ela, mergulho. Um dia, nossas embarcações ficaram ancoradas uma ao lado da outra, fomos apresentados e aí tudo começou”, lembra Manduca. Mais radiante que nunca, o casal oficializou a união em cerimônia marcada por pura emoção. “Ela é um amor de mulher, especial e companheira”, declarou o noivo. Ao som do Coral & Orquestra Baccarelli, Iolanda atravessou a nave conduzida pelo filho, o agropecuarista Daniel Pelissoni Frasso (25), com vestido tomara que caia assinado por Lourdinha Noyama (67), confeccionado em zibeline de seda pura, coberto com renda francesa. A peça foi toda bordada a mão com 10000 pérolas japonesas em tule francês plissado. Como adorno, a noiva usou uma tiara em ouro rosê com pérolas rosadas de água doce confeccionada por Rosana Negrão (46), anel Bulgari e brincos de diamantes. **Esperando** por Iolanda, estava o seu amado em um impecável terno Versace. A cerimônia foi realizada por dom Marcelo Daniel Goldstein (48), da igreja Católica e Apostólica Tradicional no Brasil, do Itaim Bibi. O clima de romance ganhou mais um ingrediente quando os

noivos trocaram as alianças Cartier em ouro amarelo fosco, levadas ao altar pelas daminhas Leda Fernandes (4) e Mariana Foz Bettencourt (4). (Revista “Caras”)

(57) Saiu-se fora da tenda o bom velho, e tornou à sua ermida, e o infante **esperando** pelo sinal prometido, gastou em oração afervorada todo o espaço da noite até a segunda vigia, na qual ouviu o som da campainha. (Século XVI, Antônio Brandão)

Em (56), temos que o gerúndio indica a duratividade da situação: aguardar a noiva no altar da igreja. No mesmo sentido, temos a ocorrência (57), em que se evidencia o processo de espera pelo som da campainha. Dessa forma, o gerúndio, prototipicamente, marca a noção de duratividade em “esperar 1”. Observa-se, claramente, através destes exemplos, que o gerúndio indica situações em progresso, que se realizam continuamente dentro de um limite temporal.

Por sua vez, também foi verificado, a partir da tabela 4, que, diacronicamente, “esperar 1” manifesta-se com mais frequência através do infinitivo (26 ocorrências). Também na sincronia, o infinitivo apresenta uma frequência considerável, já que foram atestadas 82 ocorrências. Outro fato observado em nossos dados foi que, já no século XIV, encontramos o uso do infinitivo, enquanto o gerúndio só ocorre a partir do século XVI.

Em relação ao infinitivo, Travaglia (2006) afirma que essa forma nominal é aspectualmente neutra, sendo necessária, novamente, a presença de outros recursos para a atualização do aspecto. Os exemplos abaixo demonstram a interferência desses recursos na atualização da duratividade:

(58) Nem cheguei a contar aqui, mas no almoço da Páscoa, tivemos uma pequena tragédia em casa...O Cauê estava viajando, e eu fiquei de cozinhar sozinha. Marquei o almoço para as 13h, mas não consegui começar antes. Então, fiz uma entradinha para “ferrar” o estômago do povo e fui esquentar a barriga no fogão! Mamãe me ajudou a temperar os franguinhos misturar os molhos, lavar a louça e tal, tudo que pudesse agilizar o processo. Umas 14h, tudo pronto, botei a travessa no forno e fui pra sala, tomar uma tacinha de vinho, tirar fotos com a família e descansar. Era só **esperar** uns 20 minutos e pronto. Pensei: a receita é mega fácil, não tem como dar nada errado. Mas eu me subestimei, minha gente... (blog <http://recemcasada.com.br/>)

(59) É uma senhora tão loira, tão branca, tão delicada, e cujos olhos cheios duma doçura feiticeira são tão bons, tão bons, tão bons que quando vós os vísseis juraríeis sem dúvida alguma que éreis de todos os passarinhos o passarinho mais ditoso. Sendo tudo isto verdade, respondeu ele, é necessário **esperar** por melhor ocasião. Se eu pudesse voar, seguiria a carroça da baronesa a seu pesar, porém como me acho na muda, e me faltam muitas penas e como desde que nasci me vejo preso, tenho dado tão pouco uso às minhas 5 asas que não poderia andar em seis dias as seis léguas que há daqui a Viena. (Século XVIII, Cavaleiro de Oliveira)

O exemplo (58) indica que a presença do elemento “uns 20 minutos” atualiza a duratividade em “esperar 1”. Em (59), o verbo “esperar” apresenta como complemento o sintagma preposicionado “por melhor ocasião”, o qual corresponde a um evento. Nesse sentido, é necessário que se aguarde uma outra oportunidade para que o locutor se aproxime da baronesa. Nesse sentido, tem-se que o infinitivo pode marcar a duratividade em “esperar 1”. Assim como no gerúndio, o infinitivo, nos exemplos observados, indica a progressividade das situações.

Como observado anteriormente, há uma diferença entre a frequência de uso das formas nominais analisadas em “esperar 1”: sincronicamente, o gerúndio apresenta um maior número de ocorrências, porém, diacronicamente, há o predomínio do infinitivo. Diante de tal fato, acreditamos que, ao longo do tempo, os falantes teriam passado a marcar mais o aspecto durativo através da forma nominal mais prototípica da duratividade – o gerúndio.

Além do gerúndio e do infinitivo, “esperar 1” também se manifesta por outra forma nominal: o particípio. Entretanto, sua ocorrência sincrônica é muito baixa, tendo sido encontrada apenas uma ocorrência. Na diacronia, apesar de não apresentar a menor frequência, ocorre somente 3 vezes. Essa baixa incidência pode se dar devido ao fato de o particípio, a princípio, marcar o aspecto acabado (TRAVAGLIA, 2006). Contudo, a depender da perífrase verbal em que figura, pode atualizar a noção aspectual de duratividade, como se verifica em (60) e (61):

(60) O carro continuou um pouco sujo, é verdade. Faltou brilho na lataria e um cheiro gostoso no lado de dentro. Mas, se tivesse levado o carro para um lava-rápido, teria aproveitado minha tarde de sábado fazendo o quê? Meu namorado também poderia ter **esperado** o serviço do mecânico, mas fez questão de comprar uma ferramenta e trocar ele mesmo a bateria do carro, para gozar logo o prazer de dirigir um carro que ele fez funcionar. (Revista “Época”)

(61) Já deixei encomendada ao Jeco, que ta levará, uma seda parecida com a que compraste para forro de um casaco. Jeco vai agora à Inglaterra e para o mês que vem lá nos encontraremos todos em Lisboa ou em Cascais. Antes de partir te escreverei indicando-te a direcção que debes dar às cartas que me escreveres para Itália. Não sei por que tens **esperado** tanto tempo para mandar essa amostra. Agora mesmo aqui chega o Jeco, encalorado, abatido, arrasado pela temperatura. Recebeu hoje a carta que lhe escreveste, imaginando que eu já teria partido de Paris. (Século XIX, Ortigão, Ramalho)

Em (60), o falante observa que seu namorado poderia ter aguardado a realização do concerto do carro pelo mecânico, no entanto optou por ele mesmo fazer o serviço. Em (61), o locutor questiona o que seu interlocutor tem aguardado para lhe enviar a amostra pedida. Verificamos que, em ambas as ocorrências, “esperar 1” no particípio ocorre em perífrase verbal (“ter esperado” e “tens esperado”). Em (61), a utilização, na perífrase, do verbo auxiliar no presente do indicativo marca a ideia de duratividade da situação. A presença do advérbio “tanto”, relacionando-se ao vocábulo “tempo”, reforça esse aspecto. Já em (60), o verbo auxiliar encontra-se no infinitivo e a perífrase é antecedida pelo modalizador “poderia”. Dessa forma, a duratividade é marcada, essencialmente, pelo complemento implícito, o qual indica o limite da espera, como visto acima. Nesse sentido, no particípio – assim como no infinitivo e nos modos/tempos verbais –, a presença de determinados complementos atualizam a duratividade, mostrando que as partes de um enunciado se estruturam de modo a estabelecer ligações entre si e a veicular, conjuntamente, determinados sentidos, noções etc.

A partir das considerações realizadas acima, as quais estão pautadas nas ocorrências verificadas nos diferentes *corpora* por nós analisados, defendemos que “esperar 1” apresenta como característica a atualização de aspecto durativo.

Diante das considerações apresentadas por Travaglia (2006), realizamos um estudo minucioso acerca dos modos/tempos verbais e das formas nominais, averiguando a atualização da duratividade em “esperar 1”. Concluímos que, prototipicamente, o gerúndio – o qual é essencialmente durativo – se configura como o maior veiculador de tal noção, mesmo que diacronicamente haja o predomínio de ocorrências no infinitivo. Acreditamos que, no decorrer do tempo, os falantes passaram a utilizar com mais frequência o gerúndio, marcando mais precisamente, dessa forma, a noção aspectual que subjaz ao verbo “esperar” com a acepção de “aguardar no tempo”.

Também observamos que o pretérito imperfeito do indicativo, o qual também se caracteriza por ser [+ durativo] não é tão frequente em nossos dados. Esse resultado pode se justificar simplesmente pelo fato de os *corpora* em si não terem apresentado ocorrências nesse modo e tempo verbal ou por esse padrão, em se tratando do verbo “esperar”, não estar mais tão relacionado à duratividade, mas sim à expressão das expectativas (ou não) dos falantes, como será verificado ao tratarmos do “esperar 3”.

Assim, como defendemos neste trabalho, a duratividade é uma característica diretamente relacionada a “esperar 1”, seja pela presença de alguns modos e tempos verbais ou formas nominais que, por si só, já trazem consigo a noção de duratividade ou seja pela presença de certos complementos que atuam na atualização do aspecto durativo. Desse modo, para que a noção de duratividade seja atualizada, as partes do enunciado passam a operar conjuntamente de forma que ela seja estabelecida. Nesse sentido, deixa-se de se analisar o verbo isoladamente e passa-se a considerá-lo em sua integridade com os complementos que o cercam. Dessa forma, complementos com valor temporal e complementos em que figura um evento atualizam a duratividade em “esperar 1”.

Neste trabalho, com base nos *corpora* pesquisados, partimos do princípio de que o verbo “esperar”, quando empregado com o sentido de “aguardar no tempo”, indica um uso mais anterior na língua portuguesa. Como foi defendido a partir da análise da frequência de uso e como pode ser verificado nos exemplos destacados neste trabalho de “esperar 1”, este uso não projeta o ponto de vista/crença/atitude do falante acerca do que diz. Também não codifica uma preocupação do falante diante das respostas interacionais de seu interlocutor. Assim, por apresentar a noção abstrata de TEMPO, mas não indexar sentidos (inter)subjetivos, “esperar 1” se caracteriza, dentro do *cline* de mudança adotado nesta pesquisa, por ser um uso [- subjetivo] do verbo “esperar”.

Esperar 2

Defendemos que o verbo “esperar”, ao passar por um processo de mudança semântico-pragmática, desenvolveu um sentido [+ subjetivo] relacionado à expressão da volição do falante, classificado, nesta pesquisa, como “esperar 2”. Como já destacado e demonstrado na tabela 1, foram encontradas 202 ocorrências sincrônicas de “esperar 2”. Na diacronia, foram verificadas 76 ocorrências desse uso, sendo introduzidas, nos *corpora* analisados, somente a partir do século XV – como mostra a tabela 2. Nesse sentido, tais fatos sustentam nossa hipótese de que “esperar 2” seria posterior em relação a “esperar 1”. As ocorrências abaixo demonstram o caráter subjetivo de “esperar 2”:

(62) Que vocês sejam. Muito fiéis a si mesmos, que consigam, nesse mundo louco e desigual, encontrar caminhos verdadeiros e que lutem sempre para viver de acordo com suas verdades, desejos e sonhos. Que possam ter uma vida muito verdadeira, e feliz. Quando vier a questão, ser ou não ser, **espero** que vocês possam sempre responder que sim. Sejam. Vivam. Sejam grandes, inteiros, sejam felizes. Eu acho que dá. (blog <http://lulu-diariodalulu.blogspot.com/>)

(63) Na semana passada, Diniz novamente deu provas de sua vocação para confrontos. Em outra manobra surpreendente, anunciou uma proposta de união do Pão de Açúcar (rede criada por seus pais nos anos 40 do século passado) com a filial do Carrefour no Brasil. Até aí, tudo bem. Empresários ambiciosos e competitivos como ele passam boa parte do tempo criando estratégias para esmagar a concorrência. Desta vez, a transação deixou transtornado o próprio sócio francês do Pão de Açúcar, o Grupo Casino, que nem sequer foi avisado das negociações. “**Espero** que o Casino analise a proposta sem emoção”, disse Diniz. A operação também é polêmica por envolver dinheiro do BNDES – banco público de fomento que surgiu para estimular a economia do País e não favorecer diretamente um único empresário. (Revista “Isto é”)

(64) Meu parecer é que Vossa Mercê se aparte de tal pensamento, ainda que o apetite lho represente vestido de honra e zelo; porque de ordinário sucede enganar-nos assi com estas belas fantasmas: sendo certíssimo que a fealdade nem a iniquidade das cousas não é a propósito para nos persuadir a elas. **Espero** que Vossa Mercê não só perdoe, mas agradeça a sequidão com que lhe falo: pois é fundada em muito grande amor, verdade e singeleza. Guarde Nosso Senhor a Vossa Mercê como desejo. (Século XVII, D. Francisco Manuel de Melo)

A partir das ocorrências acima, percebe-se que os falantes passam a introduzir sua perspectiva pessoal em relação à proposição. Dessa forma, o verbo “esperar” indexa um julgamento do falante – o qual avalia uma determinada situação – diante de sua vontade (ou não) de que algo aconteça. Em (62), “esperar 2” expressa o desejo de que as pessoas sejam capazes de responder questões existenciais positivamente (dentro daquilo que o falante acredita que seja o ideal), de maneira que possam viver e realizar sonhos e desejos. Já em (63), “esperar 2” evidencia a “vontade” do entrevistado (Diniz do grupo Pão de Açúcar) de que o grupo francês (Casino), com o qual mantém relações de sociedade, analise (e acate) a decisão por ele tomada em se aliar a outra grande empresa (Carrefour). A ocorrência (64), retirada do *corpus* diacrônico, codifica o desejo do falante de que seu interlocutor releve e entenda o modo pelo qual abordou determinado assunto com ele, de modo que o perdoe e agradeça. A partir dessas ocorrências, verifica-se que “esperar 2” está diretamente relacionado à manifestação da volição do falante, o qual expressa, portanto, sua subjetividade. Mas o que seria, então, volição?

Os estudos linguísticos, em geral, tratam a volição como uma modalidade. Apesar da problemática em se definir o que é modalidade e categorizar os seus diferentes tipos, defende-se que tal categoria corresponde à expressão do ponto de vista do locutor (NEVES, 2006), o que

revela seu caráter subjetivo. De acordo com Travaglia (1991, p. 66), entende-se modalidade como a “indicação da atitude do falante em relação ao que diz; a explicitação de sua atitude face à situação que exprime numa proposição; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz”.

Em se tratando de línguas naturais, pode-se dizer, de um modo geral, que as diferentes modalidades encontram-se agrupadas em dois subsistemas, a saber: o deôntico e o epistêmico⁴⁵ (SWEETSER, 1991). De acordo com Lyons (1977), a modalidade deôntica corresponde à modalização por meio de proposições que estão relacionadas a uma necessidade ou a uma possibilidade de atos, os quais são realizados por agentes moralmente responsáveis. Nesse sentido, a volição estaria englobada em tal categoria. Já a modalidade epistêmica, ainda segundo Lyons (1977), corresponde ao comprometimento pessoal do falante com a verdade da proposição enunciada.

No entanto, há autores, como Perkins (1983), que realizam uma diferenciação mais detalhada entre as diferentes modalidades. Dentro desse outro posicionamento, a volição (modalidade bulomaica) – em muitos trabalhos – é tratada separadamente da deôntica. Casimiro (2007), por sua vez, relaciona as modalidades deôntica e volitiva, defendendo a existência de valores prototipicamente deônticos, valores prototipicamente volitivos e valores que se apresentam na forma volitiva e com sentido deôntico.

Devido ao escopo desta pesquisa, não nos adentraremos nos pormenores da discussão acerca da volição. Comungando com Neves (2006), acreditamos que, em princípio, os subsistemas deôntico e epistêmico são suficientes para dar conta da expressão da modalidade. Logo, esta pesquisa entende a volição dentro da modalidade deôntica.

Segundo Casimiro (2007), a volição aparece, muitas vezes, associada a outros valores semânticos – vontade, desejo, esperança e promessa⁴⁶ –, que designam algum tipo de intenção do falante em relação a um fato possível. Nesse mesmo sentido, Travaglia (1991) observa que,

⁴⁵ A Lógica ainda defende um terceiro tipo de modalidade, o qual é denominado de “alético”. A modalidade alética “refere-se ao eixo da existência e se preocupa com a determinação do valor de verdade dos enunciados, fundamental no equacionamento veridictório das proposições” (GONÇALVES, 2003, p. 70). Dessa forma, Palmer (1986) advoga que esta teria pouco lugar na linguagem usual e Neves (1996) observa que, tendo em vista o comprometimento com a verdade nos mundos possíveis, é difícil determinar o que, modalmente, é asseverado como sendo verdadeiro sem passar pelo julgamento do falante. Logo, a modalidade alética não estaria no escopo da Linguística.

⁴⁶ Noções como “vontade”, “desejo” e “esperança” são atribuídas ao verbo “esperar”, de acordo com as diferentes obras descritas no Capítulo II.

por se originar da vontade/desejo do falante – portanto, em sua subjetividade –, a volição inclui opção e intenção.

Identificando os verbos que expressam volição, Mira Mateus *et al.* (1989) já reconhecem o verbo “esperar” como volitivo, junto a outros como “desejar”, “ousar”, “preferir”, “pretender”, “querer”, “receptar”, “recusar”, “temer”, “tencionar” e “tentar”. Abaixo, fornecemos outro exemplo em que a volição e a subjetividade do falante são evidenciadas:

(65) Na semana em que completou três anos de carreira solo, Claudia Leitte (30) embalou familiares e fãs em alto-mar. Pela segunda vez, a cantora foi a 'capitã' de um cruzeiro, o Claudia Leitte a Bordo, no transatlântico Zenith. Acompanhada do marido, Márcio Pedreira (31), a musa chegou ao Porto de Santos, no litoral paulista, em uma Mercedes-Benz, e não escondia a felicidade ao embarcar no navio. "Aqui é possível estar mais perto dos meus fãs e acaba se tornando uma experiência profissional e pessoal importante para mim. É um contato único e exclusivo", afirma a mãe de Davi (2), que, apesar dos rumores, ainda não confirmou a gravidez do segundo filho. "Quero sim, engravidar, e **espero** que isso aconteça logo", dispara ela, que ainda fará exames para eliminar a dúvida. "A maternidade faz a gente ficar mais poderosa; é a forma mais plena e pura de Deus em nossa vida", frisa a cantora, que também já parou de tomar anticoncepcionais. A chegada de outro herdeiro, entretanto, é desejo de toda a família. "Quero que esses boatos se concretizem o quanto antes. O Davi já está com dois anos e nós queremos aumentar a família. Ela já está pronta para ser mamãe novamente", fala Márcio. (Revista “Caras”)

No exemplo acima, tem-se que, em entrevista à revista “Caras”, a cantora Cláudia Leitte manifesta seu desejo de engravidar novamente o mais rápido possível. Claramente, se observa a relação estabelecida entre a proposição e a possibilidade de que tal ato se realize, a qual se baseia na perspectiva do falante. Assim, “esperar 2” é utilizado em sentido modal e projeta para o futuro o desejo de que a situação descrita se realize.

De acordo com Travaglia (2006, p. 250), “a modalidade restringe a noção de aspecto”. Ao encontro dessa perspectiva está Castilho (1967), que observa que as noções aspectuais nem sempre ocorrem junto à noção de volição. Dessa forma, os autores defendem que os volitivos – por si só – não atualizam aspecto. Tal fato decorre da própria semântica do verbo, o qual não indica a duração de uma situação ou mesmo de uma de suas fases, mas sim a noção de futuridade; mais especificamente, o futuro que situa determinado evento após o momento da fala. Nesse sentido, os verbos volitivos marcam uma projeção futura da (não) realização de uma dada situação, tendo em vista a expressão da vontade/intenção do falante – o que está diretamente relacionado à noção de modalidade. Esse fato pode ser comprovado pelo exemplo

(65), em que verificamos que o falante – Cláudia Leite – deseja ficar grávida logo, ou seja, projeta, no futuro, o desejo da realização da situação.

Ao analisarmos “esperar 1”, vimos que a noção aspectual, mais precisamente a duratividade, é atualizada na utilização do verbo “esperar” com o sentido de “aguardar no tempo”. Logo, acreditamos que, ao passar pelo processo de gramaticalização, o “esperar” volitivo deixa de atualizar aspecto, passando a ser utilizado com um uso modal.

Com isso, defendemos, nesta pesquisa, que “esperar 2”, ao se gramaticalizar: a) restringe (bloqueia) a atualização do aspecto; e b) relaciona-se ao desejo de realização de uma situação futura.

Assim sendo – a fim de verificar os possíveis padrões construcionais que estariam relacionados às características de não-atualização aspectual e projeção da futuridade –, passamos, a seguir, à identificação dos complementos que se localizam à direita do verbo, visto que “esperar 2” caracteriza-se por ser um verbo transitivo. Nesse sentido, foram encontrados, em nossos dados, os seguintes complementos para esse uso:

a) oração encaixada finita

(66) Essa questão do ser completo, muito pela individualidade de cada um, assim, eu e Deise, nós nos casamos. Existe ela, a pessoa dela, a individualidade dela, as coisas dela, as amigas dela, eu nunca vou me metê no que ela vai fazer, eu não me meto, de maneira nenhuma, da mesma forma que **espero** que ela não se meta nas minhas coisas, no meu... Sabe? Se falo: “olha, quero ficá sozinho”, ela tem que respeitá, agora existe, fora nós dois, cada um ser uma pessoa, nós, por nós casarmos, existe um outro terceiro ser, que é justamente o nosso casamento, ele não é... ele não... Ela tem corpo, eu tenho corpo, essa coisa é: mais <abs...> esse terceiro ser é um “abstato”, é abstrato. É ele, é onde a gente vai consegui somá as nossas virtudes, de força e de delicadeza, de: ação e de sensibilidade, né? (“PEUL”, entrevista R07 Leo-1)

Na ocorrência acima, “esperar 2” apresenta como complemento a oração finita “que ela não se meta nas minhas coisas”. Esse complemento evidencia a vontade/desejo do falante de que sua individualidade seja respeitada pela esposa.

b) oração encaixada infinita

(67) Além de craque na armação das jogadas, Juninho pega na bola como poucos. Cobra cada falta com precisão que dá gosto de ver. Eu que fui especialista neste quesito posso dizer que ele é um dos melhores do tempo contemporâneo na bola parada. **Espero** sinceramente voltar a ver o

bom e velho meio-campista que aprendi a admirar. Aquele mesmo que fez do inconstante time do Lyon uma das maiores potências futebolísticas da Europa. (*blog* <http://blogneto.com.br/>)

Em (67), verifica-se a presença da oração com o verbo no infinitivo (“voltar”) complementando “esperar 2”. Assim, o locutor deseja voltar a assistir o bom futebol do jogador Juninho.

c) outros complementos: sintagma nominal, sintagma preposicionado, pronome e locução adverbial

(68) O presidente do clube, Andrés Sanchez, só disse que o anúncio oficial sobre a sede da abertura poderia sair a qualquer hora, ou qualquer dia. O otimismo não contagiou apenas os corintianos. No Twitter, o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, demonstrou confiança no desfecho positivo para a cidade na briga pela abertura do Mundial. Em pelo menos três mensagens, Kassab tratou do tema, deixando informações nas entrelinhas. "Quero mais uma vez registrar a importância que tem para São Paulo a realização do jogo de abertura da Copa", postou o prefeito, para logo em seguida completar. "Esperamos a confirmação com a certeza de termos cumprido com o nosso dever". (Revista “Veja”)

Em (68), o complemento de “esperar 2” é o sintagma nominal “a confirmação”. Nesse sentido, o locutor (o prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab) manifesta seu desejo de que, no futuro, seja confirmada a abertura da Copa do Mundo na cidade de São Paulo.

(69) SE ELE FOR O PAI DOS SEUS FILHOS

Não espere por uma presença austera e decidida. Sua força está na diplomacia e no senso de justiça – com isso, habilitará os filhotes ao convívio social. (Revista “Cláudia”)

A ocorrência (69) de “esperar 2” apresenta como complemento o sintagma preposicionado “por uma presença austera e decidida”. Tal complemento indica o que as leitoras da revista não “devem” desejar no possível pai de seus filhos.

(70) Vanderlei Macris diz que o ministro precisa esclarecer o episódio envolvendo a compra de um dossiê contra tucanos, em 2006. Reportagem de VEJA desta semana demonstra que Mercadante foi o mentor e principal beneficiário da farsa. "A situação exige que ele venha e dê as explicações necessárias. A população **espera** isso", diz o parlamentar. Ele acredita que Mercadante, diferentemente do ex-ministro Antonio Palocci, não irá recorrer à blindagem da base aliada. "Eu espero que não haja isso, até porque ele mesmo se manifestou com vontade de explicar", diz Macris. (Revista "Veja")

Já em (70), o complemento é um pronome ("isso"), o qual, utilizado anaforicamente, retoma a situação descrita antes. Assim, é desejado pela população, de acordo com a crença de Vanderlei Macris, que o ministro Mercadante explique, publicamente, a farsa em que está envolvido.

(71) É o pai carente, que adora um carinho. Ora suave, ora rabugento e irritadiço, mostra ser racional, quando na verdade é suscetível. Sua flexibilidade permite que ele se deixe levar – e essa é uma bela lição: fluir com as águas sem remar contra. A intuição do pisciano é forte, constituindo-se em instrumento para orientar os próprios caminhos e os de seus descendentes. É um homem de grande compaixão, sensível aos problemas de todos e muito conectado com a feminilidade, ainda que a negue em si mesmo. Desprendido, dá sem **esperar** nada em troca. (Revista "Cláudia")

Em (71), "esperar 2" possui como complemento a locução "nada em troca". Nessa ocorrência, ao se analisar o comportamento de determinado tipo de pai, é apontada a sua característica de não desejar nenhum tipo de retorno das atitudes positivas que toma.

Além dos complementos destacados acima, observamos a ocorrência de deslocamentos de "esperar 2", que passa, nesse sentido, a distanciar-se da oração encaixada. Tal característica chamou nossa atenção por revelar um maior posicionamento do falante sobre o que diz, como se verifica em (72):

(72) Agora, no início de fevereiro, já estamos na oitava versão da montagem. Como todos os ruídos já estão sendo enviados de Curitiba pelo Alessandro Larocca, nosso sound-designer, provavelmente teremos que remontar algumas músicas, mas aí será um trabalho mais simples, apenas de adaptação do que já está pronto. Estamos na reta final (**espero**). Em breve notícias do sofrido processo de montagem e da artilharia verbal dos amigos. (*blog* <http://blogdeblindness.blogspot.com/>)

Na ocorrência (72), verifica-se o deslocamento de “esperar 2”, introduzindo ao enunciado, desse modo, um tom mais avaliativo e, conseqüentemente, [+ subjetivo] e diferenciando-o em relação aos apresentados na ordem direta – na qual figura a oração matriz ou predicadora seguida pela oração encaixada. Assim, o locutor deseja já estar na reta final dos preparativos da montagem que realiza. Esse fato pode ser percebido por meio da paráfrase da ocorrência, em que demonstramos que, embora tenhamos o deslocamento, subjaz a ele a construção “oração matriz ou predicadora + oração encaixada”:

(72’) Agora, no início de fevereiro, já estamos na oitava versão da montagem. Como todos os ruídos já estão sendo enviados de Curitiba pelo Alessandro Larocca, nosso sound-designer, provavelmente teremos que remontar algumas músicas, mas aí será um trabalho mais simples, apenas de adaptação do que já está pronto. Espero estarmos na reta final. Em breve notícias do sofrido processo de montagem e da artilharia verbal dos amigos.

A identificação desses complementos nos levou à análise da frequência em que eles se distribuem. Através desse levantamento, procuramos identificar um possível padrão construcional prototípico em que “esperar 2” se manifesta. Sincronicamente, os complementos destacados acima aparecem de acordo com a seguinte frequência:

Tabela 5 - Distribuição dos complementos de “esperar 2” nas ocorrências sincrônicas

Complementos de “esperar 2”		n.º	%
Oração Encaixada	Finita	132	65,3%
	Infinita	43	21,3%
Outros complementos		20	9,9%
Deslocamento		07	3,5%
Total de ocorrências sincrônicas de “esperar 2”		202 ocorrências	

A tabela 5 mostra que, na sincronia, “esperar 2” apresenta, prototipicamente, um complemento oracional finito, já que este totaliza 132 ocorrências dentre as 202 identificadas – correspondendo, portanto, a 65,3% das ocorrências. Em seguida, vem também um complemento

oracional, só que finito (total de 43 ocorrências, ou seja, 21,3% das ocorrências). Em relação aos outros complementos (sintagma nominal, sintagma preposicionado, pronome e locução adverbial), verifica-se sua baixa frequência, a qual se torna consideravelmente marcante devido ao fato de esses quatro diferentes tipos de complemento – reunidos em uma mesma categoria – totalizarem apenas 20 ocorrências (9,9%) dentre as 202 encontradas. Por fim, as ocorrências com deslocamento somam apenas 7, o que corresponde a 3,5% do total de ocorrências de “esperar 2”.

Nos dados diacrônicos, por sua vez, os complementos se distribuem do seguinte modo:

Tabela 6 - Distribuição dos complementos de “esperar 2” nas ocorrências diacrônicas

Complementos de “esperar 2”		n.º	%
Oração Encaixada	Finita	44	58%
	Infinita	20	26,3%
Outros complementos		09	11,8%
Deslocamento		03	3,9%
Total de ocorrências diacrônicas de “esperar 2”		76 ocorrências	

Na tabela 6, verifica-se que diacronicamente, assim como na sincronia, a oração encaixada finita se mostra o complemento mais prototípico de “esperar 2” (total de 44 ocorrências dentre as 76 identificadas, o que diz respeito a 58%). Mantendo a mesma ordem da frequência sincrônica dos complementos, tem-se, em seguida, a oração encaixada infinita (20 ocorrências, ou seja, 26,3%), os outros complementos – sintagma nominal, sintagma preposicionado e pronome – (9 ocorrências, isto é, 11,8%) e o deslocamento (3 ocorrências, ou seja, 3,9%).

A partir das tabelas 5 e 6, podemos verificar que “esperar 2” apresenta primordialmente, como já destacado, complementos oracionais encaixados. As ocorrências (66) e (67), descritas anteriormente, demonstram que “esperar 2” integra a oração matriz (ou predicadora), selecionando como seu argumento a oração encaixada, a qual pode ser finita ou infinita. Nesse

sentido, faz-se necessário entender as noções de predicação e encaixamento adotadas neste trabalho.

Koch (1984) investiga certas expressões modalizadoras de enunciados – indicadoras de intenção, sentimento e atitude do falante em relação ao seu discurso –, as quais, devido à estrutura oracional, são analisadas como orações matrizes em relação a outras que funcionam como complemento. E, nesse caso, as orações que atuam como complemento e apresentam uma ligação de dependência com a oração matriz são tidas como orações encaixadas.

Lehmann (1988) opera com a ligação entre cláusulas binárias, esclarecendo os conceitos de parataxe, hipotaxe e encaixamento. Segundo o autor, o encaixamento diferencia-se da hipotaxe por esta, apesar de também ser um processo de subordinação, não exigir um sintagma subordinador, nem no nível sintático nem no nível morfológico. Já a parataxe é um processo coordenado de orações. Nesse sentido, Lehmann (1988) entende que o encaixamento estabelece uma relação de dependência entre a oração matriz e a oração encaixada.

Segundo Halliday (1985), o encaixamento corresponde a um mecanismo através do qual uma oração ou um sintagma funciona como constituinte dentro da estrutura de um grupo, que é um constituinte da oração. A relação entre a oração encaixada e a oração matriz é indireta, com um grupo intermediando essa relação – o qual se caracteriza, prototipicamente, pela conjunção integrante “que”. Tal grupo marca o processo pelo qual uma oração independente passa a funcionar como membro de outra oração. É o que podemos verificar nas ocorrências de “esperar 2” apresentadas abaixo:

(73) A maneira [que]... que se ensina hoje em dia até, (inint), tem a reforma agora, né? Existe agora um novo plano [de]... de educação. **Espero** que seja melhor do que o antigo porque olha, se ensinava muito errado, hoje em dia, depois... hoje que eu consigo vê, ainda mais na matemática, a maneira que se ensina matemática é muito errado, é muito do tipo te mostrá exemplo ou te botá um montão de exercício pra tu fazê e te dá uma prova em seguida, um ano depois tu não sabe mais... muito daquilo... porque tu... te levaram a aprendê e não a entendê os... na matemática é abstração total, é a linguagem que eu me desenvolveu pra podê me tê algumas coisas que é meio difícil de te explicá com palavras, impossível [de]... de explicá com palavras, né? Como tu medi, como trabalhá com esses números, então em vez de ensinarem, colocarem aí problemas (inint) que a pessoa tem que se descobri a mais a <ques...>, vamos dizê, usavam muito mais que você praticasse do que você entendesse e o, a maneira de se ensiná uma <téc...> de certa matemática, é de ensiná muita mais teoria do que... porque se o camarada sabe muito a teoria e entendeu tudo no quadro, vai fazê, vai vê dois exercícios de exemplo, vai fazer todos os outros. Se você dá dois exemplos e manda o cara praticá dez, ele pode fazê dois ou três, mas logo depois num vai fazê mais nenhum. (“PEUL”, entrevista R07 LEO-1)

(74-75) O que sei é que este erro, sendo de um homem, vale por todos os que as mulheres podem ter praticado neste sentido, e que à vista dum tal exemplo, não podereis dizer, nem 20 assegurar, que elas são as únicas em que se acham fraquezas e debilidades desta natureza. **Espero** que não recebais a minha advertência como crítica, e **espero** que mostreis esta carta a Mademoiselle Genoveva, para que se persuada, como sempre lhe 25 digo, que defendo no que sei a igualdade que se encontra nos defeitos de ambos os sexos. Como sei que vos hei-de ver na Ópera ainda hoje, irei ouvir a repetição das duas do Cres Pro Cras, que verdadeiramente me atemorizam. (Século XVIII, Cavaleiro de Oliveira)

As ocorrências (73), (74) e (75) – a primeira sincrônica e as outras duas diacrônicas – demonstram a integração entre as orações matriz – em que figura o verbo “esperar” – e encaixada por meio da conjunção “que”. Assim, as orações que, a princípio, eram independentes tornam-se subordinadas e integradas à oração matriz. Dessa forma, as orações “seja melhor do que o antigo” – ocorrência (73) –, “não recebais a minha advertência como crítica” – ocorrência (74) – e “mostreis esta carta a Mademoiselle Genoveva” – ocorrência (75) – são integradas às orações com “espero” através do elemento subordinador “que”, construindo o todo enunciativo.

Cezário (2001) ressalta que, quando o complemento de um verbo volitivo é um evento desempenhado ou a ser desempenhado por alguém, o sujeito desse verbo pode expressar manipulação. Essa característica pode revelar, de acordo com a autora, além de um desejo, um pedido ou uma ordem. Assim, o sujeito da cláusula matriz ou predicadora tenta manipular o sujeito da cláusula encaixada. Em nossos dados, verificamos que “esperar 2”, nesse contexto, pode ser utilizado em situações de atenuação de ordem e realização de um pedido, apresentando como complemento uma oração finita, como se observa nas ocorrências que seguem:

(76) O ministro disse que conversará com a presidente Dilma nos próximos dias para receber suas "recomendações". "Ela **espera** que eu faça todos os ajustes necessários para que não se tenha absolutamente nenhuma dúvida quanto à correção e à retidão no que se pratica". Filiado ao PR - legenda que domina a pasta - desde 2006, Passos disse que terá uma gestão administrativa. (Revista “Veja”)

(77) Mas a carta que se segue tudo isso desvanecerá. "Remeto a Vossa Senhoria as consultas em que falámos, e **espero** me diga o que se há-de fazer, porque El-Rei e eu desejamos servir aos Padres, não havendo prejuízo de terceiro, que me parece não há. (Século XVII, Alexandre Gusmão)

Em (76), “esperar 2” foi empregado na fala do ministro Passos para relatar o que lhe foi “pedido” pela presidente Dilma: que ele faça todos os ajustes necessários para que não se tenha absolutamente nenhuma dúvida quanto à correção e à retidão no que se pratica. Na condição de presidente e, portanto, superior hierarquicamente em relação ao ministro, percebe-se que “esperar 2” revela bem mais que um desejo, uma “recomendação” (utilizado entre aspas pela própria reportagem) ou mesmo um pedido; o verbo, nesse caso, revela uma ordem, aquilo que a presidente quer que o ministro cumpra. Assim, ao relatar tal fato, Passos atenua a ordem que lhe foi dada. Já na ocorrência (77), “esperar 2” manifesta um pedido realizado pelo locutor. Nesse sentido, o verbo vai além da projeção futura da realização de um desejo, mas evidencia que o falante pretende que algo seja feito/executado por seu interlocutor. Nota-se que o encaixamento com a oração finita apresenta-se como um padrão construcional para essa atenuação. Vemos, portanto, que este uso volitivo, direcionado à atenuação de uma ordem, vai ao encontro do que afirma Casimiro (2007), que considera que a volição pode atuar como expressão da modalidade deôntica.

Todavia, como já destacado, também foram encontradas ocorrências de “esperar 2” apresentando orações encaixadas infinitas, sem a presença de um elemento sintático subordinador. Cezário (2001) defende que, por trás desse processo de integração de cláusulas, está o Princípio Universal da Iconicidade, o qual considera que a causa da codificação morfossintática está nos fatores de ordem semântica, pragmática e cognitiva. No mesmo sentido, caminham Gonçalves *et al.* (2007), que observam que a dependência semântica mantida entre o evento da sentença encaixada e o evento da sentença matriz é iconicamente traduzida na estrutura. Assim, acredita-se na tendência de que, quanto maior for a dependência conceitual entre os eventos codificados nas construções, tanto maior será a proximidade formal entre eles e a probabilidade da sentença encaixada ser expressa na forma infinita.

Com isso, temos que as orações encaixadas finitas que são introduzidas por elemento subordinador tendem a indicar menor integridade entre a matriz (em que figura “esperar 2”) e V2. Por sua vez, as orações infinitas tendem a indicar máxima integração entre a matriz e V2. Logo, quando ocorre encaixamento com orações infinitas, “esperar 2” tende a encontrar-se mais integrado à oração encaixada.

Autores como Travaglia (2007) defendem que, no caso da encaixada infinita, o verbo poderia funcionar como quase/semi-auxiliar – devido à permanência de algumas características

semânticas do verbo – em relação ao verbo subsequente. Nesta pesquisa, não adotamos tal nomenclatura, contudo, assumimos que há uma maior integração entre matriz e encaixada quando o encaixamento apresenta-se na forma infinita. Abaixo seguem ocorrências que evidenciam como parece haver uma maior integração entre “esperar 2” e a oração encaixada infinita:

(78) Tenho certeza que a Flávia irá reclamar que o *post* estava demasiado grande e nem leu todo. Na verdade além de ter coisas para contar eu queria usar o recurso que ela própria costumava utilizar quando queria dizer algo além do que a usual paciência alheia permitira ler. Mas fica para a próxima, eu sou muito covarde mesmo. **Espero** terminar minha dissertação. É voltei neste assunto porque o arquivo está aqui aberto na minha janela e voltarei a trabalhar um pouco, agora. E não consigo reacostumar a ficar de colherinha. Será um trauma? Buenas, depois penso nisso. (*blog* <http://katemari.tripod.com/blog/diario.html>)

(79) Eu bem sabia que Vossa Mercê me não havia mandar citar por eles, nem espero, com o favor de Deus, pôr-me no caso de merecê-lo, porque para a frota tenho por sem dúvida satisfazer esta dívida; mas para o caso da minha morte justo era que ficassem na mão de Vossa Mercê aqueles documentos. Enfim, não **espero** entrar em disputas com Vossa Mercê, e por isso lhos não torno a remeter. Mas já que não há entre nós escritura, seria bom que ao menos houvesse um escrito para lembrança de quanto importa o empréstimo. (Século XVII, Alexandre Gusmão)

Como se observa, nas ocorrências (78) e (79), “esperar 2” realiza-se na oração matriz e apresenta como complemento uma oração encaixada infinita. Pode-se observar que o evento descrito na oração encaixada é altamente dependente da oração matriz. Em (78), tem-se que o locutor manifesta seu desejo de finalizar sua dissertação, fato que só poderá ser resolvido por ele mesmo. Dessa forma, as orações, nessa ocorrência, apresentam o mesmo sujeito. Logo, a vontade de realizar algo, que está extremamente sobre seu poder de concretização, estrutura-se de modo que se estabeleça uma maior proximidade formal entre as cláusulas. Em (79), por sua vez, o locutor quer interceder para que sua vontade seja atendida, a qual é expressa pela oração encaixada. Apesar de não obter total controle sobre seu desejo – não entrar em disputas com seu interlocutor –, o locutor manifesta fortemente a sua intenção por meio de uma maior integração entre “esperar 2” e a oração encaixada infinita.

Em relação aos outros complementos identificados nos dados analisados, já salientamos anteriormente sua baixa frequência. Como podemos verificar, a volição expressa em “esperar 2”

seguida de outros complementos não-oracionais pode ser evidenciada a partir das ocorrências abaixo:

(80) As duas conquistas simultâneas ocorrem apenas dois anos depois da eleição de Maurício Funes, da ex-guerrilha FMLN em El Salvador, pelas mãos do principal marqueteiro do PT, João Santana, confirmando a boa e nova fase do marketing político brasileiro no Exterior. E não deve parar por aí. Candidatos de diferentes legendas em países como México, Nicarágua e Guatemala já estão em contato com estrategistas e assessores brasileiros em busca de apoio para suas campanhas. Na Argentina, o candidato Ricardo Alfonsín está sendo assessorado por Roberto Mangabeira Unger, ex-ministro de Assuntos Estratégicos do governo Lula. Já o ex-presidente Eduardo Duhalde, principal candidato de oposição à reeleição de Cristina Kirchner, teria convidado Santana para coordenar sua campanha. O marqueteiro brasileiro teria rejeitado a empreitada a pedido da presidente Dilma Rousseff, que **espera** a vitória de Kirchner. “Isso não é verdade. Eu não aceitei porque já tinha outros compromissos”, desconversa João Santana. (Revista “Isto é”)

(81) Eu escrevo ao senhor Gaspar de Faria, de cuja mão **espero** êste grande benefício. Vossa Mercê lhe ofereça sempre diante o merecimento dele. Ao senhor António do Couto me faça Vossa Mercê mercê da mesma recomendação; e a mim de perdoar-me a causa da relação destas lástimas, as quais eu a nenhuns ouvidos de melhor vontade encaminho, pois sei a compaixão que hão de achar na de Vossa Mercê, cuja pessoa Nosso Senhor guarde como desejo. (Século XVII, D. Francisco Manuel de Melo)

Pelas ocorrências (80) e (81), pode-se perceber a volição existente a partir do uso do verbo “esperar”. Em (80), tem-se que a presidente Dilma deseja a vitória – complemento de “esperar 2” – de Cristina Kirchner, na Argentina. Já em (81), o locutor expõe aquilo que quer que seu interlocutor faça por ele, o qual é introduzido por meio do sintagma “este benefício”. A baixa frequência desse tipo de padrão, como acreditamos, pode ser assumida como um argumento a favor da prototipicidade da complementação oracional em “esperar 2”: desse modo, “esperar 2” selecionaria, primordialmente, uma oração encaixada, mais especificamente uma oração encaixada finita.

Por fim, temos a ocorrência de deslocamentos de “esperar 2” em relação à oração matriz. Nesse caso, o verbo deixa de figurar em seu “lugar de origem”, passando a se desvincular sintaticamente da oração encaixada e funcionando como uma espécie de comentário avaliativo acerca do que se fala. Nesse sentido, atua, na maioria das vezes, em posição final, após a oração encaixada, evidenciando, ainda mais, a manifestação da subjetividade. Portanto, defendemos a existência de um caráter mais avaliativo para “esperar 2” em enunciados em que ele aparece

deslocado. Sendo assim, faz-se necessário um breve comentário sobre a noção de avaliação⁴⁷, principalmente no que se refere a sua ligação com a subjetividade. Para tanto, destacamos o trabalho de Vieira (2007), o qual retoma diferentes estudos sobre o tema.

Segundo Vieira (2007), em diversos trabalhos – sob diferentes óticas – acerca da noção de avaliação, percebe-se sua relação com a argumentação. De acordo com a autora, a avaliação demonstra os valores e as crenças dos participantes de uma dada interação e tem como uma de suas funções projetar valores da sociedade que estão sendo avaliados pelo locutor. Nos dados de fala opinativa, investigados pela autora, a avaliação ocorre como um componente em separado na estrutura argumentativa, cuja função é fechar uma sequência anterior e abrir uma posterior, mas também se encontra imbricada em todos os movimentos que compõem as sequências argumentativas. Tal pervasividade da avaliação também foi apontada por Labov (1972) no estudo das narrativas. Para o autor, a avaliação está presente em qualquer elemento que reflita, subjetivamente, a interpretação/o julgamento do narrador, isto é, sua perspectiva sobre aquilo que foi narrado.

A revisão da literatura realizada por Vieira (2007) destaca ainda outros autores que se dedicam ao estudo da avaliação: Goodwin (1987) a verifica em fenômenos não-segmentais, tais como entonação, alongamentos, ênfases ou sobreposições. Por sua vez, White (2003) aborda a teoria *Appraisal*⁴⁸ dentro da sintaxe funcionalista e também, no campo da semântica – assim como Martin (1999, 2003) –, buscando averiguar como a linguagem é utilizada para avaliar.

No que tange à relação estabelecida entre avaliação e modalidade, Vieira (2007) descreve os trabalhos de Biber e Finegan (1989) e Fairclough (2003). Os primeiros dedicam-se a observar expressões gramaticais e lexicais que marcam as atitudes, os sentimentos, os julgamentos ou os compromissos do falante acerca de determinados conteúdos proposicionais. Tais expressões são reconhecidas como marcadores de posição e revelam o posicionamento avaliativo por parte do falante frente ao que diz (BIBER & FINEGAN, 1989, p. 93 *apud* VIEIRA, 2007, p. 39). Já Fairclough (2003, p. 171 *apud* VIEIRA, 2007, p. 39) aponta quatro sinais de avaliação – declarações avaliativas, declarações com modalidade deôntica, declarações

⁴⁷ Destacamos aqui que a noção de avaliação está sendo discutida, neste trabalho, de forma bastante pontual e sucinta. Para um maior detalhamento desse conceito, indicamos a leitura de Labov (1972), Goodwin (1987), Biber e Finegan (1989), White (2003), Fairclough (2003) e Vieira (2007).

⁴⁸ De acordo com Vieira (2007, p. 40-41), “a teoria *Appraisal* (MARTIN, 1999, 2003; WHITE, 2003) considera que a avaliação não é produzida somente pelo emprego de certas palavras ou expressões, mas pela interação de múltiplos elementos, podendo se manifestar de forma implícita – por meio de pressuposições – ou explícita – a partir de marcas linguísticas – (cf. White, 2003, p. 2)”.

com processos mentais e afetivos e assunções avaliativas –, sendo o segundo deles, como se verifica, relacionado ao nível modal do discurso. Nesse sentido, a volição (modalidade deôntica) estaria diretamente relacionada à avaliação.

A partir desse breve comentário, podemos depreender que “esperar 2”, de maneira geral, codifica a expressão de uma avaliação, já que reflete um sentimento do falante sobre algo. Assim, como observado e defendido nesta pesquisa, os falantes procuram expressar seu ponto de vista, seu julgamento, seus sentimentos e suas atitudes frente àquilo que é exposto, marcando, dessa forma, sua avaliação sobre a situação. Logo, está na oração em que figura “esperar 2” o posicionamento do falante. Contudo, acreditamos que, na ocorrência do deslocamento, tal característica seja mais evidente ainda, como se verifica em (82) e (83):

(82) O medo do abuso e do SPAM justifica a paranóia (e a sacanagem)? Claro que o twitter não está colocando nofollow nos links de maldade (**espero**). A justificativa é que se você deixa solto, nego abusa, ou seja, qualquer lugar que tenha links sem nofollow tem também uma grande quantidade de spammers loucos por um pouquinho mais de link juice para seus sites. (*blog* <http://brunotorres.net/>)

(83) Saíamos destas coisas pouco agradáveis para o meu natural. Tenho grande gosto que a Senhora Quitéria, a Senhora Antónia e a Senhora Margarida, **espero** eu, por Vossa Mercê não me exceptuar como o irmão, passem bem, e lhe peço que lhe dê saudades minhas. Quem diria algum dia que havia de haver estas licenças de estar fora do convento tantos anos? (Século XVIII, Cavaleiro de Oliveira)

Como defendido, as ocorrências (82) e (83) demonstram que, ao desvincular “esperar 2” da oração encaixada, o falante encontra um meio de marcar, ainda mais, a subjetividade no enunciado. Em (82), o locutor, ao comentar sobre a política adotada no microblog Twitter, emite claramente sua opinião crítica, que é a de acreditar que o Twitter não estaria “colocando nofollow nos links de maldade”. Assim, o comentário avaliativo deslocado recai, mais pontualmente, sobre toda a situação expressa na oração encaixada, frisando o julgamento do locutor. Na ocorrência (83), o locutor, por sua vez, expressa seu desejo de que as senhoras por ele mencionadas encontrem-se bem. Nesse caso, especificamente, o deslocamento atribui uma maior subjetividade ao enunciado, mas não torna tão evidente a avaliação do locutor frente ao que diz. Por se tratar de uma ocorrência diacrônica, (83) pode demonstrar – em comparação

com as ocorrências sincrônicas – uma possível tendência de “esperar 2” deslocado se aperfeiçoar como avaliativo.

A noção de encaixamento intrínseca a essas ocorrências de “esperar 2” deslocado pode se tornar mais clara com a realização de paráfrases dos enunciados analisados acima. Nelas, podemos verificar o complemento oracional finito que acompanha o verbo:

(82’) O medo do abuso e do SPAM justifica a paranóia (e a sacanagem)?

Espero que o twitter não está colocando nofollow nos links de maldade. A justificativa é que se você deixa solto, nego abusa, ou seja, qualquer lugar que tenha links sem nofollow tem também uma grande quantidade de spammers loucos por um pouquinho mais de link juice para seus sites.

(83’) Saíamos destas coisas pouco agradáveis para o meu natural. Eu **espero** que a Senhora Quitéria, a Senhora Antónia e a Senhora Margarida, por Vossa Mercê não me exceptuar como o irmão, passem bem, e lhe peço que lhe dê saudades minhas. Quem diria algum dia que havia de haver estas licenças de estar fora do convento tantos anos?

Além das considerações realizadas acerca dos complementos e da possibilidade de deslocamento – aumentando o caráter [+ subjetivo] e avaliativo – de “esperar 2”, outro fator que nos chamou a atenção é a preferência pela utilização da primeira pessoa do presente do indicativo. Assim, “espero” e “esperamos” indexam, mais prototipicamente, as vontades e desejos do falante acerca do que diz, como se verifica na maioria das ocorrências descritas na análise de “esperar 2” – (62)-(68), (72)-(75), (77)-(79), (81)-(83). Como exemplo dessa característica de “esperar 2”, reproduzimos, a seguir, fragmentos dos exemplos (68) e (73):

(68) "**Esperamos** a confirmação com a certeza de termos cumprido com o nosso dever".
(Revista “Veja”)

(73) **Espero** que seja melhor do que o antigo porque olha, se ensinava muito errado [...] (“PEUL”, entrevista R07 LEO-1)

Como se observa em ambas as ocorrências, “esperar 2” se apresenta na primeira pessoa – (68) no plural e (73) no singular – do presente do indicativo, marcando mais precisamente o desejo do falante de algo ocorra. Assim, o tempo verbal em questão projeta aquilo que se deseja

que aconteça no futuro. Destacamos aqui que Travaglia (2006) já observa a utilização do presente do indicativo para se projetar o futuro.

A fim de demonstrar a alta frequência da utilização da primeira pessoa do presente do indicativo no uso de “esperar” volitivo, fornecemos abaixo uma tabela em que se evidencia essa distribuição na sincronia.

Tabela 7 - Distribuição sincrônica da primeira pessoa do presente do indicativo em “esperar 2”

	n.º	%
Presente do indicativo	154	76,2%
Outros modos/tempos verbais	48	23,8%
Total de ocorrências de “esperar 2”	202 ocorrências	

Como se verifica na tabela 7, há uma forte preferência pela utilização de “esperar 2” na primeira pessoa do presente do indicativo, o que se caracteriza pelo fato de termos encontrado 154 ocorrências desse uso no universo de 202, ou seja, 76,2% do total de ocorrências de “esperar” volitivo. Os outros modos/tempos verbais totalizam juntos apenas 48 ocorrências (23,8%).

Esse padrão também se demonstra preferencial na diacronia, como podemos observar na tabela que segue:

Tabela 8 - Distribuição diacrônica da primeira pessoa do presente do indicativo em “esperar 2”

	n.º	%
Presente do indicativo	54	71%
Outros modos/tempos verbais	22	29%
Total de ocorrências de “esperar 2”	76 ocorrências	

Na diacronia, a primeira pessoa do presente do indicativo corresponde a 71% do total de ocorrências de “esperar 2”, isto é, 54 ocorrências. Esse valor se torna ainda mais significativo se

o compararmos com o total apresentado pelos outros modos/tempos verbais, que somam somente 22 ocorrências (29%).

Feitas as considerações acima, temos que a análise sincrônica e diacrônica de “esperar 2” nos permitiu chegar a algumas conclusões sobre esse uso, principalmente no que tange ao seu padrão construcional prototípico.

Em primeiro lugar, destacamos que “esperar 2” corresponde a um uso [+ subjetivo] e posterior do verbo “esperar” se comparado a “esperar 1”. E verificamos, nesse caso, que ele expressa a volição do falante – um tipo de modalidade deôntica –, a qual está relacionada aos valores semânticos de vontade e desejo, designando alguma intenção por parte do falante.

Também foi constatado, a partir de nossos dados, que, ao passar pelo processo de gramaticalização, “esperar 2” deixa de atualizar a noção aspectual de duratividade e passa a projetar uma ideia de futuro.

Tanto os dados sincrônicos quanto os dados diacrônicos mostraram que “esperar 2” apresenta os seguintes tipos de complemento: oração encaixada finita, oração encaixada infinita, sintagma nominal, sintagma preposicionado, pronome e locução adverbial. Além de tais complementos, foram encontradas, ainda, algumas ocorrências em que se verifica o deslocamento do verbo, de maneira que a avaliação presente em enunciados caracterizados pelo deslocamento se torna mais característica.

Contudo, o levantamento da frequência de uso revelou que “esperar 2” apresenta, prototipicamente, uma oração encaixada finita como complemento. A alta frequência desse padrão evidencia, como acreditamos, a regularização desse par forma-sentido. Ainda no que se refere aos complementos oracionais finitos, temos que, em alguns casos, “esperar 2” passa a expressar mais que um desejo/uma vontade, mas também um pedido ou ordem atenuada.

As orações infinitas estabelecem, por sua vez, uma maior integridade com “esperar 2”, evidenciando, como vimos, a tendência de proximidade formal entre orações que mantenham uma maior dependência conceitual.

Por outro lado, os complementos nominais, preposicionados, pronominais e adverbiais não se mostraram produtivos na língua, devido a sua baixa frequência.

A partir de paráfrases, foi possível identificar que os encaixamentos presentes nos enunciados em que “esperar 2” aparece deslocado revelam um caráter mais avaliativo em relação à proposição.

A utilização preferencial da primeira pessoa do presente do indicativo revela um outro padrão que vem se demonstrando produtivo na estabilização de uma construção referente a “esperar 2”.

Resumidas as características de “esperar 2”, podemos traçar – tendo em vista a perspectiva da gramaticalização de construções – um padrão prototípico para esse uso. Ao se gramaticalizar, “esperar 2”: a) deixa de atualizar aspecto durativo; b) passa a projetar ideia de futuro; c) apresenta como complemento preferencial uma oração encaixada finita; e d) se manifesta, prototipicamente, por meio da primeira pessoa do presente do indicativo.

Esperar 3

Além dos usos referentes a “esperar 1” e a “esperar 2” já abordados neste trabalho, o verbo “esperar” também expressa as expectativas ou não do falante. Tal uso foi denominado por nós de “esperar 3”. Em relação a sua distribuição sincrônica – como já destacado – “esperar 3” é o terceiro uso mais frequente, apresentando 96 ocorrências dentre as 663 verificadas em nosso *corpus* sincrônico. Por outro lado, na diacronia, é o segundo uso mais frequente, já que possui 87 ocorrências das 266 identificadas.

No que diz respeito à atuação de “esperar 3”, vimos, anteriormente, que esse uso pode marcar a expressão de uma determinada expectativa do falante, bem como apresentar-se em um contexto em que uma expectativa é rompida/quebrada de maneira que não se confirme. Essa última situação revela o que Heine *et al.* (1991) chamam de contraexpectativa. Em ambas as situações, “esperar 3” indica crenças do falante (ou atribuídas por ele a alguém) diante daquilo que ele acredita ser possível, mesmo que essa crença não se confirme posteriormente, correspondendo, portanto, a um uso [+ subjetivo] do verbo.

Essa “dupla” característica de “esperar 3” se verifica tanto na sincronia quanto na diacronia. Tal fato pode ser atestado por meio das ocorrências a seguir. Os exemplos (84) e (85) correspondem a “esperar 3” manifestando as expectativas do falante, sendo a primeira ocorrência sincrônica e a segunda diacrônica. Já as ocorrências (86) e (87) evidenciam a noção de contraexpectativa na sincronia e na diacronia, respectivamente:

(84) Em termos simples, famílias mexicanas estão menores que antes, diminuindo os possíveis imigrantes. Apesar do predomínio da Igreja Católica no México, esforços pelo controle de natalidade diminuíram as taxas de fertilidade para aproximadamente 2 crianças por mulher, contra 6,8 em 1970, de acordo com dados do governo. Assim, enquanto o México somava por ano aproximadamente 1 milhão de novos indivíduos potencialmente à procura de emprego nos anos 1990, desde 2007 esses dados diminuíram para uma média de 800.000, de acordo com os dados de natalidade oficiais. Em 2030, espera-se que diminua para 300.000. (Revista “Veja”)

(85) Veio Frei Diniz de Alencastre, a quem El-rei Nosso Senhor havia mandado as partes do Norte: e não se sabe a que foi mas presume-se que efetuou tudo com a felicidade, que se esperava de um sujeito, em que concorrem tão soberana qualidade, e partes tão superiores. (Século XVI, Manuel de Galhegos)

Nas ocorrências acima, “esperar 3” é empregado para se referir às expectativas que os locutores já possuem sobre algo. Em (84), tem-se a expectativa de que, diante da diminuição da taxa de natalidade no México, diminuirá o número de mexicanos procurando emprego no país. Assim, o próprio texto fornece o motivo para que se crie uma expectativa, a qual será confirmada (ou não) no futuro. A ocorrência (85) mostra a expectativa de que o Frei Diniz de Alencastre resolveria tudo que lhe pedido. Tal expectativa nasce do fato de o frei ser um sujeito “em que concorrem tão soberana qualidade, e partes superiores”.

(86) Gostei, eh... Espírito Santo foi carnaval, gostei muito, muito tranquilo. Belo Horizonte eu fui a: [não]... não foi a trabalho não, qué dize, nenhum dos dois lugares eu fui a trabalho não, sempre fui a passeio. Mas, Belo Horizonte assim eu achei, eu pensava que Belo Horizonte fosse mais assim cidadezinha do interior assim, sabe? Pensei que a <mi...> que Minas toda, [mesmo a cap]... mesmo Belo Horizonte sendo a capital, pensei que fosse assim uma coisa mais tranquila e tudo, e não, eu fiquei [eh]... eh... decepcionada não, eu fiquei assim... achei estranho, né? num esperava assim o grau de violência que lá tem, entendeu? Eh... porque ó, eu fui no carnabelô que... é carnaval fora da época, né? Aí eu achei assim, porque eu pensei “Ah, lá vou eu pulá, vô me diverti, num vai tê problema, num vai tê briga” e que nada. Teve muita briga, teve muita... [eh]... eh... que eles têm muita mania de arrastão, né? (“PEUL”, entrevista R03 AdR-1)

(87) Acabadas em Espanha estas cousas, Osiris se tornou com seu exercito caminho do Egypto, onde lhe succedeo o que adiante diremos; & os tres irmãos Lominios ficarão com o Reyno paterno, administrandoo naquelle principio com mais brandura, & justiça, do que a gente esperava delles. Reynou Gerião em Espanha, depois da morte de Beto, ultimo Rey dos naturaes, & descendentes de Tubal, trinta & quatro annos, & sua morte succedeo aos quinhentos & quarenta & cinco de Diluvio, no qual tempo se acabou a idade dourada nestas partes, & começarão os homens a cometter insultos, & latrocínios, seguindo o exemplo do Rey, que os governara: que hum senhor desalmado, basta pera contaminar hum Reyno todo. (Século XVI, da Monarquia Lusitana)

Tanto (86) quanto (87) demonstram quebras nas expectativas criadas. Em (86), o falante marca essa ruptura por meio do advérbio de negação “num” (que corresponde a “não”), frisando que não imaginava que o Estado de Minas Gerais, incluindo a capital Belo Horizonte, fosse tão violento. Logo, a expectativa do falante era de que o Estado fosse calmo, tranquilo, contudo, isso não foi confirmado. Já em (87), compara-se aquilo que se esperava (se tinha em mente) em relação à administração do reino pelos irmãos Lominios e o que se sucedeu: eles governaram o reino com mais brandura e justiça do que se podia imaginar. Note-se que, nesse caso, a ruptura da expectativa não acarreta algo ruim, mas sim algo melhor.

Sendo assim, entendendo que “esperar 3” engloba as noções de expectativa e contraexpectativa, podemos realizar uma diferenciação entre esses usos, observando a distribuição dessas duas noções nos *corpora* sincrônico e diacrônico. Primeiramente, apresentamos o levantamento da frequência sincrônica:

Tabela 9 - Distribuição das noções de expectativa e contraexpectativa de “esperar 3” no *corpus* sincrônico

	n.º	%
Expectativa	58	60,4%
Contraexpectativa	38	39,6%
Total de ocorrências de “esperar 3”	96 ocorrências	

Como se verifica na tabela 7, o maior número de ocorrências de “esperar 3” refere-se à expressão da expectativa do falante, a qual totaliza 58 ocorrências (60,4%). Por sua vez, a contraexpectativa, apesar de apresentar um índice inferior, revela um número de ocorrências considerável, visto que, dentre as 96 ocorrências gerais de “esperar 3”, totaliza 38 ocorrências (39,6%).

Essa maior frequência de “esperar 3”, relacionada à manifestação da expectativa do falante, também se verifica na diacronia, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 10- Distribuição das noções de expectativa e contraexpectativa de “esperar 3” no *corpus* diacrônico

	n.º	%
Expectativa	66	75,9%
Contraexpectativa	21	24,1%
Total de ocorrências de “esperar 3”	87 ocorrências	

A tabela 8 mostra que, assim como na sincronia, “esperar 3” apresenta uma maior frequência de ocorrências em que há a manifestação das expectativas do falante sobre o que diz, visto que possui 75,9% do total de ocorrências diacrônicas, ou seja, ocorre 66 vezes no *corpus* diacrônico. Em relação à contraexpectativa, foram encontradas 21 ocorrências, o que corresponde a 24,1% do total. Destacamos aqui que as primeiras ocorrências de “esperar 3” em que se revela a expectativa dos falantes foram atestadas já a partir do século XV. Por sua vez, as ocorrências de “esperar 3” que indicam a contraexpectativa dos falantes datam somente do século XVI.

Como visto, as tabelas 7 e 8 mostram uma maior frequência de “esperar 3” em que o falante posiciona suas expectativas em relação ao que se diz. Além disso, foi possível verificar que, assim que temos a inserção de “esperar 3” nos dados diacrônicos, ele se apresenta somente nessa situação. A contraexpectativa, como já destacado, só ocorre a partir do século XVI. Esses fatos nos fazem crer que “esperar 3” expressa, inicialmente, as expectativas do falante e, posteriormente, passa a marcar também as quebras dessas expectativas, utilizando-se, para tanto, de certos marcadores que passam a co-ocorrer com o verbo “esperar”. A fim de caracterizar as noções de expectativa e contraexpectativa, nos basearemos nos postulados de Heine *et al.* (1991) e Martelotta (1998).

Heine *et al.* (1991, p.192) propõem que a noção de contraexpectativa implica a expressão do “contraste entre aquilo que corresponde e aquilo que desvia das normas e padrões característicos do mundo com o qual o falante está familiarizado, tem em mente ou acredita que o interlocutor tem em mente, em contexto específico”. Segundo os autores, aquilo que corresponde às normas compartilhadas – ou seja, às expectativas – não apresenta nenhuma marcação gramatical. Por outro lado, as situações que desviam das normas compartilhadas

apresentam o que os autores chamam de marcadores de contraexpectativa. O uso desses marcadores acarreta uma comparação entre aquilo que era “esperado” e aquilo que foi dito.

A partir da perspectiva de Heine *et al.* (1991), temos que a expectativa criada e sua ruptura se dá de maneira direta e emparelhada no texto. No que se refere a “esperar 3”, o verbo vem acompanhado por uma expressão que marca a quebra da expectativa, como podemos verificar na ocorrência (88):

(88) Silvio Santos chegou a ouvir de você uma frase *à la O Aprendiz*, “Eu me demito”? Não houve conversa com Silvio Santos. Decidi tudo com o vice-presidente do SBT, José Roberto dos Santos Maciel. Havia certa infelicidade e, no momento em que completei dois anos de casa, tivemos uma conversa para reavaliar as expectativas de ambos os lados. Fui sincero e disse que as coisas não saíram como eu **esperava**. (Revista “Veja”).

Na ocorrência (88), o entrevistado, Roberto Justus, declara que sua permanência na rede de televisão SBT não saiu de acordo como ele acreditava que seria. O próprio falante utiliza a expressão “expectativas” para se referir ao que tinha em mente em relação à rede de televisão em que estava trabalhando (o que ele esperava do SBT), bem como ao que a diretoria dessa empresa esperava de sua atuação profissional. Assim, através de um recurso comparativo – a expressão “como” –, se estabelece o contraste entre a expectativa (aquilo que se tem em mente) e o desvio dessa expectativa (contraexpectativa).

Em nossos dados, foi possível verificar que, nesse caso, a contraexpectativa é codificada por meio de “esperar” junto a um elemento que negue a expectativa, atribuindo, desse modo, um valor adversativo ao enunciado (ex.: “não esperava”, “mas esperava”), através de uma construção comparativa (“mais do que esperava”, “como esperava”) ou utilizando-se de ambas as estratégias (negação e comparação). Assim, temos que, sincronicamente, a contraexpectativa marcada explicitamente se distribui da seguinte maneira:

Tabela 11 - Distribuição sincrônica dos marcadores de contraexpectativa em “esperar 3”

	n.º	%
Negação	15	65,2%
Comparação	6	26,1%
Negação e comparação	2	8,7%
Total de ocorrências de “esperar 3”	23 ocorrências	

3A tabela 11 indica a preferência pela negação como elemento que rompe com a expectativa criada pelo verbo (15 ocorrências, isto é, 65,2% das ocorrências desse tipo de marcador), de maneira que “esperar 3” passe a sinalizar uma contraexpectativa. Em seguida, há a ocorrência de recursos comparativos (6 ocorrências, isto é, 26,1% das ocorrências desse tipo de marcador). Por fim, sendo o recurso menos frequente – visto que só corresponde 8,7% do total das ocorrências (2 ocorrências) –, está a utilização de ambas as estratégias. A seguir, disponibilizamos exemplos sincrônicos dessas ocorrências:

(89) A igreja – linda por si só! E decorada com árvores ficou bem bacana! A mãe da noiva – Que mãe de noiva bonita e jovem! Achei o vestido elegante, mas **esperava** bem mais para uma mãe de noiva. A cor era clara demais... As daminhas e pajens – Lindos e muitoooo comportados! (*blog* <http://blog.casarefacil.com.br/>)

(90) A venda de refrigerantes no Brasil em 2010 foi maior do que se **esperava**. Segundo um relatório do Euromonitor, uma empresa de análises de mercado que atua em 80 países, houve um aumento de 6% no volume de vendas de bebidas carbonatadas no ano passado. Dado importante: o maior motivo para isso foi o sucesso da publicidade das marcas de bebidas durante a Copa do Mundo na África. A associação entre esporte, cerveja e refrigerante continua inabalável. (Revista “Época”)

(91) Quem viveu nos anos 80 sabe como isso influenciou na nossa vida. A gente cresceu pensando que iríamos, algum dia, ter uma grande revelação sobre a vida, ter um romance platônico, cabular aula e jogar a ferrari do pai do nosso amigo rico dentro da piscina, não sem antes ter dançado Twist and Shout em praça pública, como todo mundo sabendo a coreografia de antemão. Isso que nem tinha flash mob na época e o telefone era orelhão de ficha, mesmo. Só que a gente cresceu e nada foi como **esperávamos**. Ninguém explicou que as pessoas se separavam e nem que, muitas vezes, você tem que ir para um juiz para brigar pela guarda do filho. (*blog* <http://www.blogdemeninas.com/#axzz1L94CRQJ9>)

Em (89), a blogueira relata sua impressão sobre um casamento (mais especificamente, o casamento real entre Kate Middleton e o príncipe William). A utilização da conjunção adversativa “mas” estabelece o rompimento de sua expectativa em relação ao vestido da mãe da noiva, pois a expectativa do locutor era a de um vestido bem mais “exuberante” – visto que se tratava da mãe de uma futura princesa –, porém tal fato não se confirmou: o vestido não era tão “bonito/sofisticado” quanto ela imaginava que seria. Dessa forma, a conjunção integra-se a “esperar 3” atualizando a noção de contraexpectativa referente à proposição.

A ocorrência (90) demonstra, através da construção comparativa “maior do que se esperava”, que a expectativa tida em relação à venda de refrigerantes no Brasil foi superada.

Logo, havia uma determinada perspectiva em relação ao consumo dessa bebida no país que não se concretizou. Portanto, a comparação evidencia claramente essa quebra de expectativa.

Por fim, a ocorrência (91) exemplifica o uso simultâneo dos recursos da negação e da comparação. O locutor, em (91), acreditava vivenciar determinadas situações que não aconteceram, não se realizaram. Assim, ao escrever que “nada foi como esperávamos”, frisa que nenhuma das situações por ele almejadas aconteceu da maneira que idealizara. Logo, “nada” e “como” marcam, em “esperar 3”, a noção de contraexpectativa.

Em relação à diacronia, encontramos, em nossos dados, ocorrências em que “esperar 3” – pautado na perspectiva do falante – figura com elementos que negam a expectativa e com construções comparativas. É o que se verifica na tabela abaixo:

Tabela 12 - Distribuição diacrônica dos marcadores de contraexpectativa em “esperar 3”

	n.º	%
Negação	9	64,3%
Comparação	5	35,7%
Total de ocorrências de “esperar 3”	14 ocorrências	

A tabela acima demonstra que, também na diacronia, “esperar 3” manifestando uma contraexpectativa – de acordo com aquilo que o falante tem em mente – é mais frequente acompanhado de recursos de negação (64,3% das ocorrências, o que totaliza 9 ocorrências). A comparação também está presente, totalizando 5 ocorrências dentre as 14 encontradas, o que corresponde a 35,7% das ocorrências. Os exemplos diacrônicos a seguir ilustram o emprego dos marcadores de contraexpectativa:

(92) Que hei de eu fazer? Vou perdendo também: como tu me dizes que as senhoras fazem à noite em Neuilly lendo alto a minha História de Portugal. Não esperava da tua amizade uma trombada dessas. Perdendo, maldito? (Século XIX, Cartas, Eça de Queirós e Oliveira Martins)

(93) Há muito tempo que, por este motivo, tenho tardado em dá-la a uma carta de Vossa Mercê em que me participou a chegada de Henrique Jansen, e assim por esta como por outras notícias que se têm recebido, estou inteirado da suma obrigação em que me tem constituído o primor e amizade de Vossa Mercê, tratando esse menino com mais generosidade do que podia esperar-se e ainda imaginar-se, e com maior amor e cuidado que podíamos desejar os que nos interessamos no seu bom sucesso; mas entre todas as finezas que Vossa Mercê a este respeito

tem obrado, ainda que muitas e grandes, a que mais penetrou de agradecimento aos pais desse menino, e a mim me deixou mais obrigado, foi o empenho de Vossa Mercê em procurar-lhe as honras que recebeu do Senhor Cardeal de Fleury, pois não podia na sua pouca idade caber maior sinal de estimação. (Século XVII, Alexandre de Gusmão)

As ocorrências (92) e (93) evidenciam a contraexpectativa presente nos enunciados. Em ambas, o locutor possui uma expectativa distinta daquilo que se realizou. Note-se que, novamente, as ocorrências demonstram aquilo que o locutor acreditava ser possível, a sua crença, a qual não se confirmou. Em (92), o locutor não imaginava que seu próprio amigo o decepcionaria. Logo, o advérbio “não” junto a “esperar 3” introduz essa ruptura de expectativa. Já (93) marca, por meio de uma comparação entre aquilo que se “esperava” e aquilo que “aconteceu”, a quebra da expectativa do locutor: ele verificou que seu interlocutor tratou determinada pessoa com mais generosidade do que ele imaginava este ser capaz.

No entanto, Martelotta (1998) frisa que o contraste entre aquilo que se tem em mente (muitas vezes, como sendo algo compartilhado pelo interlocutor) e aquilo que realmente acontece nem sempre é tão evidente. A noção de contraexpectativa defendida por Heine *et al.* (1991) está pautada na própria perspectiva do falante ou no conhecimento de um mundo que o falante acredita ser compartilhado tanto por ele quanto pelo interlocutor. O problema, segundo Martelotta (1998), é que nem sempre isso acontece. O autor destaca que, em muitos casos, as expectativas não são as mesmas para falante e ouvinte ou, até mesmo, não há uma norma ou um padrão estabelecido de maneira que se possa suscitar uma expectativa. Nesse sentido, Martelotta (1998, p. 41) defende que:

Na maioria dos casos, a expectativa deriva do próprio texto, onde são apresentados fatos em relação aos quais a cláusula em que ocorre a marca de contra-expectativa constitui um contraste: o que se fala pode suscitar no ouvinte uma interpretação que se quer evitar. (MARTELOTTA, 1998, p. 41)

No caso de “esperar 3”, observamos uma particularidade: o falante, baseando-se em uma expectativa que naturalmente é estabelecida no texto, busca “marcar” para o interlocutor que esta expectativa deve ser desconstruída e/ou não tomada como uma verdade absoluta. Portanto, enquanto Martelotta (1998, p. 41) trata de possíveis inferências/expectativas que o interlocutor

possa construir – evitando suscitar “uma interpretação que se quer evitar –, nos dados referentes a “esperar 3”, verificamos que o falante se baseia em expectativas que ele assume e que acredita já terem sido criadas pelo interlocutor. Desse modo, no caso de “esperar 3”, a marcação que antes acompanhava o verbo – conforme vimos, por exemplo, nas ocorrências (84)-(88) –, passa a figurar nas cláusulas que o sucedem, quebrando a possível expectativa do interlocutor, como se verifica em (94) – ocorrência sincrônica – e (95) – ocorrência diacrônica:

(94) Lew afirmou que "já há coisas acontecendo" nos esforços para alcançar um acordo, desde a reunião na quinta-feira entre Obama e parlamentares do governo e da oposição na Casa Branca. Obama havia dito que **esperava** ouvir dos líderes sobre uma saída para o problema por volta do fim de semana, mas o sábado passou, e não houve anúncio de uma nova reunião na Casa Branca. (Revista “Veja”)

(95) Andava o Patriarcha Jacob neste meo tempo occupado em seu amoroso serviço, pera adquirir por elle a posse da fermosa Rachel, que tão grande a tinha em sua alma, julgando (como diz o texto sagrado) por momentaneo quatorze annos de serviço, quando punha os olhos na grande valia do premio, que **esperava**. Mas Labam, seguindo a injusta ordem da ventura, que he no mais firme amor ser mais contraria, alongandolhe o termo, que primeiro assentara, lhe deu por molher Lya, sua filha mayor nos annos & menor na fermosura, & com ella novos cuidados. (Século XVI, da Monarquia Lusitana)

Em (94), ao se dizer que o presidente Obama tinha a expectativa de que soluções fossem apresentadas pelos líderes para a crise no governo por volta do fim de semana, cria-se a imagem de que tais soluções aparecerão. Contudo, a oração subsequente, introduzida pelo conectivo adversativo “mas”, rompe com essa expectativa, afirmando que não houve nenhum pronunciamento da Casa Branca até o sábado. Desse modo, como se verifica, a contraexpectativa é introduzida a partir da presença de uma oração adversativa subsequente à oração em que figura o verbo “esperar”. Assim, a contraexpectativa se dá de maneira que “esperar 3” figure em uma cláusula, marcando a crença do falante (ou a quem a crença está sendo atribuída), e a oração adversativa se manifeste posteriormente, introduzindo a ruptura de uma possível inferência equivocada a partir do que foi dito. Essa característica também pode ser visualizada na ocorrência (95), em que Jacob tinha a expectativa de se casar com Rachel, mas foi a mão de Lya que lhe foi concedida. Jacob julgava que Labam permitiria que se casasse com

Rachel, que era a moça por quem estava apaixonado. Diante do exposto, pode ser que haja a interpretação, por parte de quem ler a carta, que tal crença venha a se confirmar. Entretanto, ela é rompida por meio do que é colocado posteriormente: o pai da moça não permite tal união, mas sim com Lya. Novamente – como se repete em todas as ocorrências de nossos dados – um conectivo adversativo, presente na oração que se segue, introduz essa quebra de expectativa.

Em nossos dados, temos que essa manifestação de contraexpectativa totaliza 15 ocorrências sincrônicas (dentre as 38 ocorrências sincrônicas de contraexpectativa) e 7 ocorrências diacrônicas (dentre as 21 ocorrências diacrônicas de contraexpectativa). Nesse sentido, podemos verificar que “esperar 3” opera integrando-se a marcadores de contraexpectativa, de modo que, em conjunto, funcionem rompendo as expectativas do falante ou aquelas que ele acredita que seu interlocutor possa criar a partir do que diz.

Ainda no que se refere a “esperar 3” em relação à manifestação de contraexpectativas de maneira geral, observamos que há o predomínio do pretérito imperfeito do indicativo para indicar esse uso. Vimos, ao analisarmos “esperar 1”, que, de acordo com Travaglia (2006), o pretérito imperfeito do indicativo, essencialmente, atualiza a noção aspectual de duratividade. Contudo, também verificamos, que, mesmo “esperar 1” atualizando aspecto durativo em todas as ocorrências, tal tempo verbal não se mostrou produtivo nos dados do verbo “esperar” como “aguardar no tempo”, uma vez que a frequência de uso revelou-se baixa. Por outro lado, o pretérito imperfeito do indicativo é bem recorrente em “esperar 3” – principalmente no que tange à manifestação de contraexpectativas –, acepção que julgamos não envolver noção aspectual, visto que projeta as expectativas, e não as demarca no tempo. Logo, como já defendido ao tratarmos de “esperar 2”, o verbo “esperar”, ao se gramaticalizar, deixa de atualizar aspecto e passa a projetar crenças no campo da hipótese – no caso de “esperar 3” –, as quais, em alguns casos, não se confirmam.

Essa alta produtividade do pretérito imperfeito do indicativo pode ser verificada na maior parte das ocorrências sincrônicas e diacrônicas de contraexpectativa de “esperar 3” – ocorrências (86), (87), (88), (89), (90), (91), (92), (94) e (95). As contraexpectativas, em sua maioria, reportam situações em que as expectativas concebidas anteriormente foram rompidas. Logo, aquilo que o falante tinha em mente é tido como pano-de-fundo: as expectativas do falante que são quebradas revelam o que ele já trazia consigo. Em (86), por exemplo, o entrevistado fala que “num esperava assim o grau de violência que lá [Minas Gerais] tem,

entendeu?”. A partir de um conhecimento inferido com base em questões sociais, históricas e culturais, o falante criou a expectativa de que Minas Gerais não é um Estado violento. Essa é uma crença que ele tem consigo e que foi rompida no momento em que visita a região e constata a violência. Assim, o pretérito imperfeito do indicativo – o qual envolve a noção de pano-de-fundo, da orientação da narrativa etc. – parece melhor traduzir uma informação que é concebida anteriormente.

O levantamento da frequência de uso sincrônica do pretérito imperfeito do indicativo em “esperar 3” como contraexpectativa, comparado a outros modos/tempos verbais, pode ser visualizado na tabela abaixo:

Tabela 13 - Distribuição sincrônica do pretérito imperfeito do indicativo em “esperar 3” como contraexpectativa

	n.º	%
Ocorrências no pretérito imperfeito do indicativo	28	73,7%
Ocorrências em outros modos/tempos verbais	10	26,3%
Tota de ocorrências sincrônicas de “esperar 3”	38 ocorrências	

A tabela 13 evidencia que, sincronicamente, há uma alta frequência do pretérito imperfeito do indicativo na manifestação das contraexpectativas dos falantes. Esse modo/tempo verbal corresponde a 73,7% das ocorrências (ou seja, totaliza 28 ocorrências no universo de 38 ocorrências) e se destaca comparado aos demais modos/tempos verbais, que, juntos, totalizam apenas 26,3% das ocorrências (10 ocorrências). Nesse sentido, essa parece ser uma característica que, alinhada à presença de marcadores de contraexpectativa, codifica um padrão prototípico para “esperar 3”, expressando as contraexpectativas do falante.

A diacronia também confirma essa hipótese. A tabela 12 apresenta a distribuição diacrônica do pretérito imperfeito do indicativo relacionado à quebra das expectativas do falante:

Tabela 14 - Distribuição diacrônica do pretérito imperfeito do indicativo em “esperar 3” como contraexpectativa

	n.º	%
Ocorrências no pretérito imperfeito do indicativo	13	61,9%
Ocorrências em outros modos/tempos verbais	8	38,1%
Tota de ocorrências diacrônicas de “esperar 3”	21 ocorrências	

Como se verifica, o pretérito imperfeito do indicativo vem se confirmando como um possível padrão para a manifestação das contraexpectativas. Já na diacronia, esse modo/tempo verbal é o mais produtivo, correspondendo a 61,9% do total de ocorrências, isto é, 13 ocorrências dentre as 21 encontradas, total superior aos demais modos/tempos verbais, que somam 8 ocorrências (38,1%).

No que se refere às ocorrências em que “esperar 3” manifesta as expectativas do falante, o uso do pretérito imperfeito do indicativo não se mostrou um fator relevante – nem mesmo a utilização de outros modos/tempos verbais –, visto que o número de ocorrências foi pequeno: na sincronia, dentre 58 ocorrências encontradas, somente 7 estavam no pretérito imperfeito do indicativo; na diacronia, dentre as 66 ocorrências encontradas, somente 13 estavam no pretérito imperfeito do indicativo.

As considerações acerca de “esperar 3” nos mostraram que, nesse uso, estão imbutidas as ideias de expectativa e contraexpectativa. Tais noções implicam crenças concebidas pelos próprios falantes ou atribuídas por eles a outrem. Visto que indexam crenças, tal uso é concebido, por nós, como sendo [+ subjetivo] em relação a “esperar 1”. Como já destacado a partir do levantamento da frequência de uso, nossos dados, não nos ofereceram uma resposta no que tange ao seu desenvolvimento em relação a “esperar 2”. Uma afirmação aqui soaria mais como uma conjectura por não se basear em fatos empíricos. Portanto, nos restringimos a dizer que o verbo “esperar”, ao passar pelo processo de gramaticalização, deixa de atualizar aspecto durativo e passa a codificar as expectativas (ou não) que os falantes projetam no campo da hipótese.

Sobre a noção de expectativa, temos que ela é mais frequente, o que revela uma possível anterioridade em relação à manifestação de contraexpectativa. Comungando com Heine *et al.* (1991), também atestamos, em nossos dados, que essa acepção não apresenta uma marcação gramatical: seja através da presença de elementos que funcionem junto ao verbo “esperar”, seja por meio de um modo/tempo verbal prototípico.

Com isso e diante das considerações realizadas sobre a expressão das contraexpectativas, parece-nos que, nesse caso, há uma maior integração de padrões construcionais vinculados a esse uso.

Nossos dados demonstraram que – para funcionar no âmbito da ruptura das crenças pautadas tanto na perspectiva do falante quanto na perspectiva que o falante pressupõe em relação a seu interlocutor –, “esperar 3” é acompanhado por marcadores de contraexpectativa na mesma cláusula em que figura (atendendo ao que foi postulado por Heine *et al.* (1991)) ou por uma oração adversativa (atendendo ao que foi postulado em por Martelotta (1998)). Ainda se verifica o uso preferencial de “esperar 3” no pretérito imperfeito do indicativo ao se referir à contraexpectativa. Nesse sentido, “esperar 3” revela como padrão prototípico a não marcação linguística da noção de expectativa e a presença do pretérito imperfeito do indicativo e de certos marcadores para a expressão de contraexpectativa.

A construção *espera aí/peraí*

Como já destacado nesta pesquisa, além do desenvolvimento das acepções descritas nas subseções anteriores e denominadas por nós de “esperar 1”, “esperar 2” e “esperar 3”, também foram verificadas outras construções em que o verbo “esperar” figura. Dentre elas, a que apresentou o maior número de ocorrências sincrônicas foi a construção “espera aí/peraí” (29 ocorrências). No entanto, esse padrão construcional não foi observado em nossos dados diacrônicos. Mas qual seria a especificidade dessa construção?

Acreditamos que o verbo “esperar” passa a se apresentar em determinadas sequências e que, à medida que sua frequência de uso aumenta, essas sequências (construções) se ritualizam na língua e passam a atuar, cada vez mais eficientemente, na prática comunicativa. É o que

ocorre com a construção “espera aí/peraí”, decorrente da união do verbo “esperar” com o advérbio “aí”. Em “peraí” temos, ainda, um processo de erosão fônica.

Salientamos que, a partir de nossos dados, constatamos que a construção “espera aí/peraí”, especificamente, exerce mais de uma função. Abaixo, exemplificamos o caráter multifuncional dessa construção, como já apontado nesta análise, realizando as considerações necessárias para cada uso:

a) funcionando como pedido de tempo propriamente dito. A seguir, apresentamos as ocorrências (96) e (97), que demonstram esse uso da construção “espera aí/peraí”:

(96) não ... ela dá primêro ... aí quando a:... quando o caderno caba ... o professora meu caderno caba ... fala ... “**pera aí** que eu vô dá ocê otro” (“Projeto Mineirês”, entrevista 06, Piranga)

(97) Como é a sua sala? (ruído telefone superposto)

LOC. - Bom, **espera aí**. Dá pra desligar?

DOC. - Vê aí. (interrupção) (“NURC”, entrevista 43)

As ocorrências acima exemplificam o uso da construção “espera aí/peraí” como um pedido de tempo por parte do falante. Assim, em (96), o falante reproduz a fala da professora dizendo que esta pede a ele um determinado tempo para lhe entregar um caderno novo, ou seja, o aluno deve aguardar até que ela possa lhe entregar o caderno. Já em (97), ao tocar seu telefone, o entrevistado pergunta ao entrevistador se pode desligar o aparelho. Assim, interrompe a conversa através da construção “espera aí/peraí”, sinalizando um pedido de tempo para mudar o foco da entrevista (que é responder a questão que lhe foi dirigida) e resolver a situação que atrapalha o andamento da situação.

Parece-nos que, nesse uso da construção, podemos depreender o sentido do verbo “esperar” relacionado à ideia de “aguardar no tempo” junto ao advérbio “aí”. Este, por sua vez, não é utilizado em sentido locativo, mas com valor temporal, sustentando, assim, a acepção vinculada ao verbo – “aguardar no tempo” – e revelando – como já defendido em trabalhos como os de Oliveira e Santos (2004) e Martelotta (1993) – a passagem pelo processo metafórico espaço > tempo.

- b) funcionando como “pedido de tempo” para (re)formular o discurso. Abaixo seguem os exemplos (98) e (99)⁴⁹:

(98) *E aí NP o que você pensa assim, pensa assim im fazê amanhã?*

Amanhã ? Se não chuvê, eu vou na casa, não numa piscina, não **pera aí**, na piscina não é no dentista, abiturá meu dente, por que a abituração dele caiu aí tem que arruma, se não chuvê. (“Projeto Mineirês”, entrevista 61, Mariana)

(99) Minha comida preferida na hora do almoço, não **espera aí** eu vou começar desde o café da manhã: no café da manhã como pão com manteiga ou com salame e tomo leite com Toddy. No almoço minha comida, preferida é na quinta-feira. E só quando tem arroz, feijão e... salada tomate, eu como só arroz, feijão e minha comida preferida também na hora do almoço é lasanha. (“Projeto Mineirês”, entrevista 50, Mariana)

Em (98), o falante, ao comentar sobre a atividade que realizará no dia subsequente, utiliza a construção “espera aí/peraí” para “voltar atrás no que disse” – realiza um reparo em sua fala – e introduzir a “real” atividade – ou pelo menos aquilo que ele quer que se passe como verdadeiro – que cumprirá. Assim, ele não irá à piscina, mas sim ao dentista. Em (99), o falante está respondendo ao seu interlocutor qual é a sua comida preferida. Inicialmente, ele pensa em responder-lhe, observando o que come no almoço. No entanto, ele muda de opinião, sinalizando para o interlocutor que “abandonará” o enunciado iniciado e pedindo que aguarde até ele reformular o que vai dizer, e continua a conversa pontuando o que mais gosta de comer em diferentes refeições. Podemos notar, a partir dessas ocorrências, uma preocupação do falante em organizar o discurso, indicando para seu interlocutor necessidades referentes ao processamento do enunciado.

Assim sendo, mais do que realizar um pedido de tempo, acreditamos que a construção “espera aí/peraí”, nesse caso, sinaliza para o seu interlocutor uma preocupação interacional. O “pedido de tempo” realizado pelo falante evidencia para o interlocutor que aquele continua com a palavra, com o turno conversacional, de maneira que este não está “autorizado” – ao menos, não pelo falante – a interrompê-lo. Nesse sentido, a construção “espera aí/peraí” funciona como marcador discursivo (doravante também MD) e, diante da preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor, constitui um uso [+ intersubjetivo].

⁴⁹ Os exemplos (98) e (99) tratam da reformulação do discurso realizada pelo falante. Nesse caso, especificamente, a construção “espera aí/peraí” atua como marca de iniciação de reparo. Nesse sentido, o falante identifica a fonte do problema na produção de sua fala e refaz parte daquilo que disse.

Freitag (2008) salienta que não há um consenso na terminologia utilizada para se referir às “construções que atuam tanto no plano textual, estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala” (FREITAG, 2008, p. 22). A autora, baseando-se em Macedo e Silva (1996), destaca que, sob esse rótulo, figuram os “requisitos de apoio discursivo”, os quais se caracterizam por apresentar, basicamente, uma natureza interpessoal. Nesse sentido, Freitag (2008, p. 22) ressalta que eles podem desempenhar funções – referentes à organização da fala – nos planos interpessoal; interpessoal e textual; e rítmico. Dentre esses planos, delimitamos, para tratar da construção “espera aí/peraí” como marcador discursivo para reformular a fala, o plano interpessoal, que, conforme Macedo e Silva (1996), atua de maneira a manter um contato entre os interlocutores: há o pedido, por parte do falante, de um consentimento do interlocutor e/ou a sustentação do fluxo da conversação. Com isso, esse uso específico da construção “espera aí/peraí” mantém o fluxo conversacional, sustentando a atenção do interlocutor, como podemos verificar nas ocorrências (98) e (99).

Por sua vez, Redecker (1990, 1991) observa que os MDs possuem como função primordial estabelecer uma coerência local, visto que a coerência se dá na relação entre as unidades do discurso. Assim, de acordo com a autora, uma das possibilidades de atuação dos MDs está no âmbito ideacional, de modo que o falante se comprometa a marcar a relação existente entre o mundo e aquilo que diz. Logo, a utilização de sequências temporais no discurso, como no caso aqui estudado, demonstra esse reconhecimento. Assim, a fim de estabelecer a coesão entre as partes do discurso, o falante marca a necessidade de tempo para (re)formular a fala por meio da construção “espera aí/peraí”.

A partir das considerações acima, temos que, funcionando como pedido de tempo para (re)formular a fala, a construção “espera aí/peraí” atua de maneira a manter o fluxo conversacional e a atenção do interlocutor e a estabelecer uma coesão entre aquilo que se disse e aquilo que se vai dizer.

c) funcionando como focalizador e introdutor de um argumento que frisa o ponto de vista contrário do falante acerca do que vem expondo, como se verifica nas ocorrências abaixo:

(100) Mas, que é muita pressão pela mulher é. Aí, eu chego aqui, o outro:: “Ah! Não tem nada pra comê?”, : “Ai, a casa tá suja”. Ah! Calma aí, <daí...> tem que tê uma compreensão por parte

<da pe...> do marido. Que tem que sabê que, **perai**, tu não tá lá de bobeira não, [tá]... [tá]... [tá]... tá trabalhando. (“PEUL”, entrevista R01 Eri- 1)

(101) Acontece, e <se...> acontece até <a...> a pessoa adolescente, a mãe [que]... que não pôde casá de véu <na...> e grinalda na igreja, já qué que a filha case (est). A filha às vezes não qué, qué se juntá com uma pessoa que ela acha que é legal, a mãe:: “Não, mas casa, não sei o que, e tudo.”, entendeu? Aconteceu comigo, minha mãe queria que eu casasse certinho, e tudo. Eu queria casá, mas se eu não quisesse? (est) Entendeu? É porque eu quis, realmente. Agora, se eu não quisesse, eu realmente, não ia podê satisfazê o desejo que a minha mãe quis pra mim, entendeu? A mãe vê: “Ah! Mas, eu acho tão bonito você i com aquela coisa, não sei o quê.”. Não, a pessoa já influencia a cabeça dos filhos, né? (est) Começa dos pais, a educação da criança. Não pode chegá, e deixá a mercê de televisão, nem de coleguinha: “Ah! Porque a mãe da minha <colegui...>, a mãe da minha colega deixa ela viajá com quatorze anos, fazê de tudo...”. **Pera aí**, que família é essa então? Não, vamo verificá com quem que tu tá andando, sabe? Eu acho que a pessoa já tem a sua personalidade, se qué, tem que explicá: “Minha filha, isso aqui é o caminho tal, tal”, o outro: “Isso aqui é o caminho ruim.”. Se ela for, quisé i, gostá, [sê feliz]... se ela fô prostituta e sê feliz, ótimo, probrema dela, se ela é feliz. Mas, eu ensinei o caminho certo (est), entendeu? Eu quero ter minha consciência limpa. Olha, eu ensinei o certo, ensinei <o e...> o errado, [na minha]... na minha cabeça. De repente, o que é certo pra mim, não é certo pra ela. [é] Eu acho que: preto, ela tem que usar preto. Ela, não: “eu acho <que...> eu quero usar branco”, então... Mas, a mãe e pai <sempre qué...> sempre quer o melhor pro filho. E a gente só vê isso, quando a gente é mãe, que quando... a gente: “Ai, eu acho a minha mãe um saco, ai meu pai; eu vô fugi. (riso e)”. Quantas veze eu já fugi, já saí, já cheguei de madrugada, disse que tava dormindo e ainda era tudo mentira. E a gente pensando que tá enganando, não engana, sabia. Eles sabem tudo, só que é aquilo: “Pô ele <qué...> quis sair, vô saí, vô brigá? E tudo. A gente pensa que engana, mas não engana, não... que,: “Ah! Enganei meu pai, cheguei quatro hora da manhã, e disse que tava na casa da minha colega.”. Na verdade, cara, aquilo ali não te acrescentô em nada, (est) entendeu? <Se eu me...> Se eu saí com uns cara, se [eu]... eu usei droga, <uma coisa...> que quem vai tá se prejudicando sô eu, minha mãe e meu pai tão em casa, tão bem, já me criaram. Tem que vê isso tudo, essa parte toda. (“PEUL”, entrevista R01 Eri- 1)

As ocorrências (100) e (101) demonstram a utilização da construção “espera aí/perai” de maneira a focalizar o que foi dito anteriormente pelo falante bem como introduzir um argumento que fundamenta um posicionamento reconhecidamente contrário àquilo que vinha sendo exposto. Dessa forma, em (100), o falante codifica para seu interlocutor sua crítica em relação ao marido reclamar por não ter comida pronta. Para ele, o fato de estar trabalhando é um forte argumento que reforça a necessidade de compreensão do marido. Em (101), ao observar a relação entre pais e filhos, o falante destaca, através da construção “espera aí/perai”, o posicionamento permissivo adotado por alguns pais, fato com o qual não concorda. E, posteriormente, introduz sua avaliação frente a tal situação, apresentando argumentos que sustentam sua opinião contrária e conduzem à conclusão de que a atitude tomada por esses pais não é adequada.

Sobre esse uso, julgamos, mais uma vez, que ele corresponde a um MD e, portanto, apresenta um sentido [+ intersubjetivo]. Vimos acima que essa construção mantém uma coesão tanto no que se refere a questões interacionais quanto no que se refere a questões intratextuais. Assim sendo, é válido realizarmos algumas considerações a respeito de sua atuação como marcador discursivo.

Além do plano interpessoal, Freitag (2008, p. 22), apoiada em Travaglia (1999), Valle (2001) e Gorski *et al.* (2003), ainda destaca que os requisitos de apoio discursivo (ou MDs) podem atuar no nível interpessoal e textual para organizar a fala. É o que acreditamos que ocorra com a construção “espera aí/peraí” ao desenvolver este uso mais argumentativo. Tal crença decorre do fato de, no nível interpessoal e textual, a construção passar a solicitar a atenção do interlocutor para determinadas partes do texto, focalizando aquilo que a antecede. Assim, a utilização da construção “espera aí/peraí” codifica a introdução de um argumento a favor da opinião do falante, que é, nesse caso, contrária àquilo que expôs anteriormente, como explicitado nas ocorrências (100) e (101)

Já em sua abordagem, Redecker (1990, 1991) considera que há a possibilidade de os MDs estarem relacionados a uma estratégia retórica, visto que evidenciariam as intenções ilocucionárias veiculadas pelas proposições. Assim, também podemos observar que, ao utilizar a construção “espera aí/peraí”, o falante evidencia ainda mais a sua argumentação (chamando atenção para um determinado ponto do enunciado), conduzindo a sua fala para uma determinada conclusão.

Nesse sentido, temos que, ao funcionar como uma sequência focalizadora e argumentativa, a construção “espera aí/peraí” se revela como estratégia argumentativa do falante ao defender seu ponto de vista de maneira a relacionar as partes do enunciado.

Dessa forma, acreditamos que as ocorrências acima demonstram que a construção “espera aí/peraí” não veicula somente um sentido, mas arrola diferentes usos, o que caracteriza sua multifuncionalidade.

Abaixo, disponibilizamos uma tabela com a distribuição dos diferentes usos da construção “espera aí/peraí”:

Tabela 15 - Distribuição dos usos da construção “espera aí/peraí” na sincronia

Usos da construção <i>espera aí/peraí</i>	n.º	%
Pedido de tempo	6	20,7%
(Re)formular o discurso	16	55,2%
Argumentativo	7	24,1%
Total de ocorrências da construção “espera aí/peraí”	29 ocorrências	

A tabela 15 mostra uma maior frequência de “espera aí/peraí” como pedido de tempo para (re)formular o discurso (16 ocorrências, isto é, 55,2%), seguida pelo uso argumentativo (8 ocorrências, isto é, 24,1%) e, finalmente, pelo uso referente a pedido de tempo propriamente dito (6 ocorrências, isto é, 20,7%). Tal fato parece demonstrar que a construção em análise, decorrente de um processo de gramaticalização, indexa, prototipicamente, um uso [+intersubjetivo], visto que atua como marcador discursivo na maioria das ocorrências. Nesse sentido, marca, inicialmente, um uso interpessoal ou ideacional, à medida que estabelece uma coesão entre o todo enunciativo, mantendo o fluxo conversacional e o consentimento do interlocutor para que o falante continue com a palavra. Posteriormente, passa a codificar uma argumentação a favor da tese do falante, concluindo com seu posicionamento crítico. No que se refere ao uso da construção “espera aí/peraí” como pedido de tempo propriamente dito, podemos verificar a presença da acepção inicial do verbo “esperar” como “aguardar no tempo” alinhada ao advérbio “aí” com valor temporal. Embora tenhamos encontrado apenas 6 ocorrências desse uso da sequência “espera aí/peraí”, acreditamos que ele seria anterior ao emprego da construção como marcador discursivo. Julgamos, nesse sentido, que a ampliação do *corpus* analisado e a realização de trabalhos futuros possam comprovar essa hipótese.

Outras construções com *esperar*

Por fim, passaremos a considerar as ocorrências relativas às outras construções em que figura o verbo “esperar”. Como vimos ao apresentarmos inicialmente os diferentes usos de “esperar”, as construções englobadas nesse rótulo são: “(quando) (a gente) menos espera”, “não perde por esperar”, “mal (posso) esperar”, “é/era de (se) esperar” e “esperar para (para/prá) ver”. Também foi evidenciado, por meio das tabelas 1 e 2, a baixa frequência dessas sequências nos *corpora* sincrônico e diacrônico, respectivamente, o que justifica seu tratamento conjunto – mas não exclui considerar algumas particularidades de cada uma – aqui. Contudo, como também já pontuado, este trabalho não tem como objetivo tratar pontualmente da gramaticalização dessas construções, visto que julgamos haver especificidades no desenvolvimento de tais construções, decorrentes, inclusive, de sua própria configuração construcional.

Assim, temos o total de 21 ocorrências sincrônicas e 3 ocorrências diacrônicas dessas intituladas, no presente trabalho, de “outras construções com *esperar*”.

Todavia, a tabela 1, acima mencionada, não evidenciou o número de ocorrências de cada uma dessas construções. No que se refere à tabela diacrônica – tabela 2 –, foi verificado que somente encontramos a ocorrência da construção “(quando) (a gente) menos espera” nos dados diacrônicos, sendo 2 ocorrências no século XVI e 1 no século XVIII. Abaixo, a tabela 14, mostra, especificamente, a distribuição sincrônica das outras construções em que figura o verbo “esperar”⁵⁰:

⁵⁰ Como já destacado anteriormente, a presente pesquisa não almeja contrapor as diferentes modalidades, bem como os diferentes *corpora*.

Tabela 16 - Distribuição das outras construções com o verbo “esperar” nos *corpora* sincrônicos

Modalidade	Corpus	(Quando) (a gente) menos espera		Não perde por esperar		Mal (posso) esperar		É/era de (se) esperar		Esperar para (pra) ver		Total de ocorrências
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Modalidade oral	Projeto Mineirês	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1
	PEUL	0	0%	1	50%	1	50%	0	0%	0	0%	2
	NURC/RJ	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	1
Modalidade escrita	Nível de formalidade 1	5	50%	0	0%	1	10%	2	20%	2	20%	10
	Nível de formalidade 2	1	33,3%	0	0%	0	0%	2	66,7%	0	0%	3
	Nível de formalidade 3	0	0%	0	0%	1	25%	2	50%	1	25%	4
Total de ocorrências		7	33,3%	1	4,8%	3	14,3%	7	33,3%	3	14,3%	21

A tabela 16 destaca um maior número de ocorrências das construções “(quando) (a gente) menos espera” e “é/era de (se) esperar” (7 ocorrências para cada uma, o que corresponde a 33,3% do número total de ocorrências). Salientamos, novamente, que a primeira já se encontra presente nos dados diacrônicos, o que demonstra uma possível maior regularização/convencionalização na língua. Posteriormente, têm-se as construções “mal (posso) esperar” e “esperar para/pra ver”, as quais totalizam, individualmente, 3 ocorrências, isto é, 33,3%. Por fim, com apenas 1 ocorrência (4,8%), aparece a construção “não perde por esperar”, o que pode indicar uma menor regularização/convencionalização dessa sequência na língua.

Mesmo diante da baixa frequência atestada nos *corpora* analisados, consideramos a relevância de descrever cada uma das construções apontadas na tabela acima, uma vez que, como acreditamos, essas construções estão, relativamente, convencionalizadas na língua, o que indica que suas partes operam juntas na vinculação do sentido.

Ressaltamos aqui que não acreditamos que essas construções sejam expressões idiomáticas, já que essas correspondem a unidades lexicais ou frasais, as quais se constituem a partir de uma combinatória de distribuição fechada ou restrita (XARATA, 1998a, 1998b). Além disso, de acordo com Xarata (1998a, 1998b), os idiomatismos são conotativos, visto que, devido a um processo de mutação semântica, a combinatória de palavras passa a proferir um significado que não é obtido a partir da soma individual dos elementos que a compõem. Tal processo de mutação semântica se caracteriza pela transferência de um significado, que atua em determinado ambiente semântico, para outro lugar, de forma que o significante continue o mesmo. Através da frequência de uso, uma expressão idiomática será cristalizada em um idioma, o que, conseqüentemente, a tornará estável em significação.

É possível depreender, diante do que expõe Xarata (1998a, 1998b), a noção construcional – defendida no Capítulo I – relacionada às expressões idiomáticas. No entanto, essas expressões constituem construções, como vimos, conotativas, que, por meio de processos metafóricos, por exemplo, atribuem um novo significado a toda sequência construcional. Já nas construções denominadas, neste trabalho, de “outras construções” não há essa conotação, como se verificará mais adiante.

Além disso, há o fato de, por serem altamente cristalizadas, as expressões idiomáticas não permitem a interpolação nem a substituição de elementos. A utilização de parêntesis ao se mencionarem as construções aqui analisadas (como em “(quando) (a gente) menos espera”), destaca, justamente, essa mobilidade ainda presente nessas construções. Como se observa em (103), “a gente” é substituído por “vocês”. E ainda é possível a ocorrência da construção na voz passiva analítica, como em (104), em que ocorre a sequência “quando menos era esperado”.

(102) Portugal a gente viu, quer dizer lá em Londres, lá na Inglaterra, aí a gente, é, a gente eu nadei lá no Aquatic Square, lá sai água, tem uma hora que **a gente menos espera**, cai água lá, de uma coisa que fica lá no meio, é, que mais? (“Projeto Mineirês, entrevista 049, Mariana)

(103) Mas se fazer intercambio eh realmente o sonho de voces como eh pra mim, sigam em frente! Eu tenho amigos em familias maravilhosas, amigos que nem pensam em voltar pro Brasil, que se deram super bem, isso eh questao de sorte. Eu nao fui tao sortuda nesse ponto, familia, mas eu continuo achando que vale muito a pena, entao nao desistam. Mas acima de tudo, pensem muito bem se eh realmente o que voce quer, se voce esta decidido, e entao pra quem pensa em ir ano que vem, comece ver as coisas logo, porque **quando voces menos esperam** voces vao estar no aeroporto se despedindo de familia/amigos e indo em busca da realizacao do seu sonho. (blog <http://intercambiodamalu.blogspot.com/>)

(104) Contam as histórias deste Reino que el-Rei Dom Afonso Anriques, primeiro e mais antigo dos que nele contamos, depois de ter ganhado aos mouros a maior parte das terras de Portugal, de que eram senhores, quando herdou o Reino, havia por afronta sua possuírem Lisboa, que só por si era outro reino; e resoluto em a conquistar ou deixar a vida na empresa, juntou as forças do Reino e, **quando menos era esperado**, entra pola comarca de Lisboa, levando a ferro e fogo quanto se lhe opunha, e brevemente foi senhor de toda a terra até os muros da cidade. Era o campo que seguia a el-Rei mui desigual e mingado pera o feito que levava na imaginação, se bem, pera o que então era Portugal, assaz crecido. (Século XVI, A vida de D. Frei Bertalomeu)

As ocorrências acima demonstram a flexibilidade dos elementos que compõem a construção, à medida que eles podem ser substituídos e/ou reorganizados. Porém, tal fato não rompe com a vinculação do sentido exposto: existir um sujeito indeterminado (sem um referente específico: a gente/vocês) que não tinha a expectativa de que determinado evento acontecesse. O advérbio “menos”, nesse caso, intensifica e marca essa ideia de quebra de expectativa. Tal construção é iniciada por um conectivo temporal (“quando”, em (103) e (104)) e uma oração de valor temporal (“tem uma hora” junto ao conectivo “que” em (102)), que marcam o momento em que se dá a contraexpectativa. Como se verifica, por exemplo, na ocorrência (102), o falante demonstra que um dos efeitos do *Aquatic Square* é deixar a água cair em um momento em que os frequentadores não esperam. Assim, a construção codifica, mais precisamente, essa ideia de quebra de expectativa, de maneira que todos os elementos agem para que se estabeleça o sentido em questão. E, mais do que meramente indexar essa ideia, a construção a evidencia de acordo com a perspectiva do falante.

Assim sendo, acreditamos que tais construções não chegam a corresponder a expressões idiomáticas da língua, mas, por serem construções, vinculam sentidos que só podem ser tomados a partir da relação estabelecida pelo todo. Dessa forma, julgamos que o verbo “esperar” aciona uma determinada acepção dentre as que verificamos nas subseções anteriores (“aguardar no tempo”, “volição” e “expectativa/contraexpectativa”) e defendemos que ele estabelece uma relação com os outros elementos que integram a construção de maneira que influencie no significado que emerge da sequência. Por sua vez, esses outros integrantes também selecionam e agem no verbo de modo que o sentido seja estabelecido.

No mesmo sentido caminha Pina (2007) em seu estudo pontual sobre a construção “ser de (se) V_{INF}”. Note-se que a autora observa um padrão construcional formado pelo verbo “ser”, a preposição “de”, o índice de indeterminação do sujeito “se” – determinado pelo grau de

autoridade e impessoalidade do gênero textual – e um verbo no infinitivo. Assim, de acordo com a autora, essa última posição pode ser ocupada por diferentes verbos cognitivos (como “supor”, “imaginar” e “crer”), dentre eles o verbo “esperar” com a acepção referente a criar uma determinada expectativa sobre algo. E, nesse caso, a possibilidade de substituição por outros verbos evidencia, ainda mais, o fato de essa construção não ser uma expressão idiomática.

Seguindo a perspectiva da Gramática de Construções, Pina (2007) defende que a construção “ser de (se) V_{INF}”: a) especifica o modo como o verbo combina com ela; b) restringe a classe de verbo que pode ser integrada a ela; e c) especifica o modo como o tipo de evento designado pelo verbo integra-se ao tipo de evento designado por ela.

Observando essas questões, a autora propõe que a atuação tanto da construção quanto do tipo de verbo que ela seleciona (cognitivo, visto que a própria construção lexicaliza uma atividade cognitiva) promove uma modificação no grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição. Abaixo, apresentamos uma ocorrência retirada de nosso *corpus* que revela o emprego da construção “é/era de (se) esperar”:

(105) Os textos andam meio escassos por aqui no blog pelo motivo de que ando mergulhado no meu Estágio de Língua Portuguesa e Literatura. Minhas aulas começam terça-feira, dia 6 de outubro, e terminarão só em novembro. Tenho uma turma de sétima série do Ensino Fundamental de uma escola pública. São 23 alunos, entre os quais estão repetentes, alunos do curso normal, gente que chegou de escola particular neste ano, gente pobre e gente não tão pobre. Uma turma EXTREMAMENTE heterogênea e, como era de se esperar, bastante agitada. (*blog* <http://www.lendo.org/diario-de-um-professor-estagiario-introducao/>)

Na ocorrência (105), a construção “era de se esperar” evidencia uma expectativa construída pelo locutor a partir do conhecimento que tem sobre turmas de sétima série do Ensino Fundamental de escolas públicas. Assim, são oferecidas premissas que conduzem à interpretação de que a turma é bastante agitada. Logo, a construção em análise vem para introduzir essa conclusão do locutor e convencer o interlocutor em relação a tal conclusão.

Sobre as outras construções em que figura o verbo “esperar”, não nos foi possível localizar estudos que delas tratassem pontualmente. Pina (2007), inclusive, frisa, na introdução de seu trabalho, a escassez de estudos que abordem esses padrões linguísticos.

Em relação à seleção do verbo “esperar” e sua, conseqüente, atuação nessas construções, acreditamos que sentidos já convencionalizados do verbo são evidenciados nessas construções e passam, por conseguinte, a designar determinados sentidos vinculados a necessidades

interacionais. Logo, essas sequências se sistematizam nas práticas comunicativas e, à medida que se tornam mais frequentes, se estabilizam na língua, revelando-se um eficiente dispositivo efetivo de uso.

Nesse sentido, as ocorrências abaixo, referentes às construções ainda não exemplificadas e descritas pontualmente nesta análise, remetem a esse aspecto:

(27)⁵¹ Foi quando? Ela teve aqui domingo, né? Eu ADORO o filho dela. AMO o filho dela, sabe? Eu adora criança, aí ela veio trazê o filho dela pra mim vê. Hum... entrei cum o filho dela, minha mãe: “Cadê ela?” (inint) “Mãe, mãe; ela tá lá em baixo. “Se você troussé ela aqui eu vô fazê ela passá vergonha, hein!? Vô fazê você passá vergonha perto dela. Vai embora! (riso f) Leva o filho dela daqui antes que ela venha!” Eu: “Mãe, cruz credo. É uma criança, né?” Minha mãe falô cum a criança aí eu fui embora logo antes que ela fizesse alguma inguinorância que ela tava aqui no portão. Falei que ela tava lá em baixo! “Ah, viu ele?” Eu: Viu Érica. Vamo <bora...>. Aí levei ela lá no ponto, mas também num gosto muito de (hes) Eu falei: “O que eu podê fazê pra atrasá ela eu atraso! (risos) Ah, eu falo: “Aqui se faz, aqui se paga! Sou amiga, né? Tô levando ela muito ma <mora...> tô levando ela até BEM demais! Tô tratano ela bem demais! Agora, tamém ela **num perde por esperá** o que vem, né? (“PEUL”, entrevista T12 AND)

(106) Será que teremos a participação de outros heróis nela? ou será que vai ser uma ceninha só de diálogo como as dos outros filmes da Marvel? Caras, **mal posso esperar** pra ver os Vingadores na telona! Repararam que o Capita tá usando a mesma camiseta de quando ele era um cara igual o Change? (blog <http://www.interney.net/blogs/>)

(107) Impressionante: o vôo das 19h15 para Belo Horizonte saiu de São Paulo às 19h15. Desde que criaram a ANAC eu não pegava um vôo no horário, e com esse Nelson Jobim no Ministério da Defesa achei que minhas chances de voltar a sair e chegar no horário haviam ido para o espaço (desculpe a digressão, mas como um camarada deste pode imaginar que tem alguma chance de vir a ser presidente do Brasil? Se ele for fiel a sua própria história e inteligência, já já deve propor uma linha direta entre São Paulo e Belo Horizonte de submarino. É **esperar para ver**. Ele não tem a mínima noção de quem seja ou do que representa. É a mancha negra no currículo do próprio analista...) De qualquer forma o vôo para BH estava no horário. “Bom presságio”, pensei. (blog <http://blogdeblindness.blogspot.com/>)

Vimos, anteriormente, que, nas construções “(quando) (a gente/você) menos espera” e “é/era de (se) esperar”, o verbo “esperar” está associado à ideia de expectativa⁵². Todavia, nas ocorrências (27), (106) e (107), parece-nos que, a princípio, está envolvida a acepção inicial de

⁵¹ Repetimos o exemplo (27), apresentado na seção 4.1., devido ao fato de essa ser a única ocorrência encontrada, em nossos dados, da construção “não perde por esperar”.

⁵² Frisamos que as três ocorrências diacrônicas encontradas em nossos dados referem-se à construção “(quando) (a gente/você) menos espera”. Tal sequência data do século XVI, quando já tinha sido introduzido, na língua, o uso do verbo “esperar” relacionado à manifestação das expectativas do falante.

“aguardar no tempo”, que se integra aos outros elementos da construção de modo que passa a exercer uma função semântico-pragmática específica, modificando, desse modo, o sentido do verbo. Assim, “num perde por esperar”, em (27), passa a designar uma espécie de ameaça, que, na verdade, não pressupõe que aquele a quem tal comentário está sendo direcionado esteja realmente aguardando o “troco”, a “revanche”. É como se aquele a quem se dirige a ação não “se arrependeria” ao esperar a retaliação, porque ela virá. Já em (106), o verbo “esperar”, junto aos elementos “mal” e “posso”, indica uma certa ansiedade por parte do locutor, que deseja muito assistir ao filme “Vingadores” e, por isso, nem consegue aguardar a estreia. Nesse sentido, “mal posso esperar” funciona como uma hipérbole, enfatizando aquilo que se deseja que aconteça. Por fim, “esperar para ver”, em (107), introduz um comentário avaliativo do locutor acerca daquilo que ele atribui como uma atitude possível de ser realizada por Nelson Jobim – baseada na opinião que tem sobre o ministro da defesa. Logo, o verbo “esperar”, como já destacado, apresenta, a princípio, um sentido de “aguardar no tempo”, mas, ao analisarmos o todo construcional – a relação que se estabelece entre o verbo e os outros elementos – e enunciativo, verificamos que as construções passam a marcar um posicionamento do falante, seu sentimento, sua avaliação crítica. Portanto, indexam um sentido [+ subjetivo].

No que se refere ao processo de gramaticalização, acreditamos que os usos de “esperar” são incorporados e expandidos pragmaticamente nessas construções. Os usuários da língua utilizam-se de recursos linguísticos já disponíveis, configurando-os em padrões construcionais específicos, para criar novos usos. Acreditamos que uma análise mais pontual sobre essas construções, como faz Pina (2007), seja necessária, uma vez que é preciso desvendar as especificidades e restrições de cada padrão identificado, averiguando seu processamento na língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo investigar o processo de gramaticalização do verbo “esperar” na língua portuguesa. Assim sendo, identificou, sincronicamente, três usos para o verbo, os quais foram também averiguados na diacronia, sendo possível, através desta e da frequência de uso, atestar qual seria a acepção inicial de “esperar” bem como seus sentidos gramaticalizados. Além desses usos, também observamos a ocorrência do verbo “esperar” em outras construções específicas.

Partimos das hipóteses de que os usos gramaticalizados do verbo “esperar” revelariam um caminho de crescente (inter)subjetivização e se manifestariam, mais prototipicamente, por meio de padrões construcionais. Tais hipóteses, como demonstramos e defendemos neste trabalho, foram confirmadas.

Assim, mostramos que o verbo “esperar” apresenta inicialmente, na língua portuguesa, a acepção “de aguardar no tempo”, aqui denominada de “esperar 1”. Nesse uso, o verbo manifesta a noção aspectual de duratividade, a qual é expressa, primordialmente, pela forma nominal do gerúndio. Mesmo em outras formas nominais ou em outros modos/tempos verbais, a duratividade, conforme evidenciamos, é atualizada devido à presença de outros recursos linguísticos (ex.: adjuntos e locuções com valor temporal).

Contudo, diante das necessidades comunicativas dos falantes, outros sentidos são atribuídos ao verbo “esperar”. Identificamos, em nossos dados, os usos relacionados à ideia de volição e à manifestação das expectativas/contraexpectativas do falante. Nesse sentido, verificamos que, nesses usos, estão imbutidas ideias relacionadas às vontades e aos desejos – no caso da volição – e às crenças – no caso da expectativa/contraexpectativa – do falante, indexando seu *self* no processo de interação. Logo, essas ideias referem-se à manifestação de um posicionamento pessoal. A partir dessa verificação, temos que tanto a volição quanto a expectativa/contraexpectativa configuram usos [+ subjetivos] do verbo “esperar”.

Comprovamos, por meio da frequência de uso sincrônica e diacrônica, que esses usos [+ subjetivos] são menos frequentes – e, portanto, como acreditamos, mais recentes – em relação a “esperar 1”.

No que tange à expressão da volição, assumimos que o verbo “esperar”, denominado de “esperar 2”, deixa de atualizar a noção aspectual de duratividade e passa a projetar as intenções dos falantes, visando à realização de algo no futuro. A fim de estabelecer um padrão construcional prototípico para esse uso, levantamos os complementos que coocorrem com o verbo “esperar”, averiguando a preferência pela presença de uma oração encaixada finita. Ainda nos foi possível observar o maior número de ocorrências do verbo na primeira pessoa do presente do indicativo – utilizado com valor de futuro –, marcando, mais explicitamente, o comprometimento do falante com o que diz. Também destacamos a possibilidade de deslocamento do verbo, de maneira a se desvincular sintaticamente de seu complemento (uma oração encaixada finita), o que aumenta a subjetividade do enunciado. Nesse sentido, o caráter avaliativo presente em “esperar 2” é evidenciado ainda mais.

Por sua vez, o verbo “esperar” relacionado à expressão das expectativas/contraexpectativas do falante (“esperar 3”) projeta, no campo da hipótese, aquilo que o falante traz pressuposto consigo. Assim sendo, “esperar 3” revela uma expectativa que o falante já possui ou cria com base em sua interpretação sobre o mundo, a qual, em alguns casos, pode ser rompida. Logo, verificamos que o verbo manifesta, primordialmente, a noção de “ter expectativa” sobre algo, não apresentando, conforme salientado, uma marcação linguística prototípica. Contudo, os falantes também projetam as expectativas que eles possuíam, mas que, por alguma razão, não vieram a se confirmar. Essas, categorizadas como contraexpectativas, são expressas por meio de um elemento de valor negativo, comparativo ou adversativo, que atua junto ao verbo “esperar”, de modo que tal noção seja estabelecida em “esperar 3”. Ainda observamos que, além desse elemento, “esperar” aparece, preferencialmente, no pretérito imperfeito do indicativo.

A partir dessas considerações, nos foi possível comprovar as hipóteses formuladas para o desenvolvimento desta pesquisa. No entanto, como já mencionado, outras construções foram encontradas nos dados analisados. Durante nosso trabalho, atribuímos um maior destaque à construção “espera aí/peraí” devido ao maior número de ocorrências – embora esse ainda seja pequeno – em relação às outras construções verificadas.

Defendemos que essas construções constituem sequências maiores que se estabilizam na língua, através de seu constante emprego dentro da comunidade linguística, de maneira a configurar um padrão recorrente e produtivo.

Dessa forma, a construção “espera aí/peraí” apresenta três diferentes usos. O primeiro corresponde a um pedido de tempo por parte do falante, em que verificamos o verbo “esperar” sendo utilizado com a acepção de “aguardar no tempo” e o advérbio “aí” com função temporal. Já os outros dois usos da construção “espera aí/peraí” – um funcionando como pedido de tempo para que o falante possa (re)formular a fala e o outro funcionando como focalizador/argumentativo – correspondem a marcadores discursivos –, uma vez que atuam no estabelecimento da coesão ideacional e interpessoal durante a elaboração do discurso. Nesse sentido, esses dois últimos usos da construção evidenciam uma atenção interacional do falante e, conseqüentemente, uma preocupação com o *self* do interlocutor. Sendo assim, atuando como marcador discursivo, a construção “espera aí/peraí” se caracteriza por ser um uso [+intersubjetivo] do verbo “esperar”, o que demonstra o desenvolvimento de “esperar” através de um trajetória (inter)subjetiva.

As outras construções (“(quando) (a gente) menos espera”, “não perde por esperar”, “mal (posso) esperar”, “é/era de (se) esperar” e “esperar para (para/pra) ver”), como visto, evidenciam uma expansão pragmática dos sentidos do verbo “esperar”, que, por sua vez, passa a figurar em padrões construcionais específicos, criando novos usos. Nesse sentido, também verificamos que essas construções funcionam, essencialmente, na marcação de um determinado posicionamento do falante acerca do enunciado proferido.

Portanto, conforme pudemos atestar a partir da realização deste trabalho, o verbo “esperar”, a partir de uma reanálise semântico-pragmática, desenvolveu usos [+ (inter)subjetivos], os quais são utilizados em diferentes situações comunicativas, pela comunidade linguística, a depender daquilo que se “quer” dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAÇADO, J. *A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização*. Belo Horizonte: Scripta, 2006.
- ANTTILA, R. *Historical and comparative Linguistics*, 2 ed. Amsterdam: Benjamins, 1989 [1 ed. 1972, New York: Macmillan].
- AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1975.
- BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- BASTOS, J. T. da S. *Dicionário Etimológico, Prosódico e Orthográfico da Língua Portuguesa*; 2 ed. Lisboa: EdLivraria Editora, 1928.
- BEAUGRANDE, R. de. *Introduction to the study of text and discourse*. Viena: Universitäts Verlag (pre-impressão), 1993.
- BENVENISTE, E. De la subjectivité dans le langage. In : _____. *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- BIBER, D.; FINEGAN, E. Styles of stance in English: lexical and grammatical marking of evidentiality and affect. *Text*, 9, 1989, p. 93-124.
- BURRIDGE, K. Approaches to grammaticalization. Review Article. *Journal of Linguistics*, v. 7, n. 1, 1993, p. 167-173.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T. & WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de filosofia e gramática referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974a.
- _____. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974b.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMPBELL, L.; JANDA, R. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, 23, 2001, p. 93-112.

CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2007.

CASTILHO, A. T. de. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*. Marília, v. 12, 1967. p. 7-135.

CEZARIO, M. M. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____ & CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. Introduction. In: _____ (orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

DIAS, A. E. S. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1970.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FINEGAN, E. Subjectivity and subjectification. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA* [online]. vol.15, n.1, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 de ago. de 2011.

FREITAG, R. M. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana. In: *Revista do Gelne*, v.10, n.º 1/2, 2008. p. 21-32.

GOODWIN, M. Concurrent operations on talk: notes on the interactive organization of assessments. *IPRA Papers in Pragmatics*. v. 1, n. 1, 1987. p. 1-54.

GOFFMAN, E. *The nature of deference and demeanor*. *American Anthropologist*, n.º, v. 58 (3), 1956.

_____. *Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates*. Nova York, Doubleday Anchor, 1961.

_____. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In.: FIGUEIRA, S. (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. *et al.* (org.) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

GORSKI, E. *et al.* Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOLANDA, A. B. *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

HOPPER, P. J. *Emergent Grammar*. v.13 California: Berkeley Linguistics Society, 1987. p. 139-157.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991. p. 17-35.

_____.; & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1993].

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. de.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. T. (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LANGACKER, R. W. Subjectification. *Cognitive Linguistics*, 1, 1990: p. 5-38.

_____. Extreme subjectification: English tense and modals. In: RADDEN, G. *et al.* (eds.). *Motivation in language*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2003. p. 3-26.

_____. Subjectification, grammaticalization and conceptual archetypes. In: ATHANASIADOU, A.; CANAKIS, C. & CRONILLIE, B. (eds.) *Subjectification: various paths to subjectivity*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. Munchen, Newcastle: Lincon Europa, 1995 [1982].

_____. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. e THOMPSON, S. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1988.

_____. Das Sprachmuseum. *Linguistische Berichte*. 142, 1992. p. 477-494.

LICHTENBERK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 37-80.

LIMA-HERNANDES, M. C. Estudos sobre gramaticalização: objetos, métodos e problemas. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Chritiano Editorial, 2009.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACEDO, A, SILVA, G. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.. RONCARATI, C, MOLLICA, M. (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

MARTELOTTA, M. E. T. Os circunstanciadores espaciais e sua ordenação: uma visão funcional. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

_____. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Revista Veredas*, v. 2, n. ° 2, 1998. p. 37-56.

_____. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. p 51-64.

_____. & AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E. (org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.

MARTIN, J. R. Beyond exchange: appraisal systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (edits.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: OUP, 1999.

_____. Introduction. *Text*, 23 (2), 2003. p. 171-181.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948 [1912].

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2 ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1989.

NERLICH, B.; & CLARKE, D. Outline of a model for semantic change. In: Kllermann and Morissey, 1992, p. 125-141.

NEVES, M. H. M. *Uma visão geral da gramática funcional*. ALFA, v. 38, 1994.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp/FAPESP, v. 61, 1996. p. 163-200.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Guia de usos do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. *Texto e Gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 43, 1984. p. 97-117.

OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, L. L. Ordenação dos advérbios aí e lá. In: SILVA, J. P. da; BRITO, C. A. (org.). *Cadernos do CNLF*. 1. ed., v. VII. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Linguísticos e Filológicos, 2004. p. 139-147.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PERKINS, M. R. *Modal expressions in English*. Norwood, NJ: Ablex, 1983.

PINA, A. A. Ser de (se) VINF.: uma construção gramatical do português. In: *Anais do IX Fórum de Estudos Linguísticos (FELIN)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/62.pdf>. Acesso em 15 de ago. de 2011.

RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction*. New York: Cambridge University Press, 1997.

RASERA, F. E.; GUANAES, C. & JAPUR, M. Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, v.17, n. 2. p. 157-165.

REDEKER, G. Ideational and Pragmatic Markers of Discourse Structure. *Journal of Pragmatics*, v.14, 1990. p.367-381.

_____. Review article: linguistic markers of discourse structure. *Linguistics*, v. 29, n. 6, 1991. p.1139-1172.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SANTOS, E. C. S. Gramaticalização de verbos: o verbo ‘esperar’ no português culto de São Paulo. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2009.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1987.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.

SCHWENTER, S. A.; WALTEREIT, R. Presupposition accommodation and language change. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYKENS, H. (orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

SILVA, A. S. *O mundo dos sentidos em português*. Coimbra: Almedina, 2006.

STERN, G. *Meaning and change meaning*. Bloomington: Indiana University Press, 1968 [1931].

STUBBS, M. A matter of prolonged field work: notes toward a modal grammar of English. *Applied Linguistics*. 7;1-25, 1986.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, 57, 1989. p. 33-65.

_____. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English". In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. (org.). *História do Português Paulista*. vol.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYKENS, H. (org.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

_____. & DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português*. Tese de doutorado. Campinas: IEL / UNICAMP, 1991.

_____. O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. de M. *Gramática do português falado*. vol. VII. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

_____. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4 ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

_____. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. O. B.; MARQUESI, S. C. (org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino*. v. 2. São Paulo: EDUC, 2007.

VALLE, C. R. M. *Sabe? Não tem? Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. Dissertação de mestrado. Santa Catarina: UFSC, 2001.

VIEIRA, A. T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006. p. 149-177.

WHITE, P. *An introductory tour through appraisal theory*. 2003. Disponível em:

<[http://www.gramatics.com/appraisal/Appraisal Guide](http://www.gramatics.com/appraisal/Appraisal%20Guide)>. Acesso em: 10 de setembro de 2004.

XARATA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa*, n. 42 (n. esp.). São Paulo: UNESP, 1998a. p. 147-159.

_____. Tipologia das expressões idiomáticas. . *Alfa*, n. 42 (n. esp.). São Paulo: UNESP, 1998b. p. 169-176.

ANEXO 1

Entrevistas utilizadas do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”	
Belo Horizonte	Entrevista BH 01
	Entrevista BH 02
	Entrevista BH 03
	Entrevista BH 04
	Entrevista BH 05
	Entrevista BH 06
	Entrevista BH 07
	Entrevista BH 08
	Entrevista BH 09
	Entrevista BH 10
	Entrevista BH 11
	Entrevista BH 12
	Entrevista BH 01
	Entrevista BH 13
	Entrevista BH 14
	Entrevista BH 15
	Entrevista BH 16
Entrevista BH 17	
	Entrevista OP 02
	Entrevista OP 03
	Entrevista OP 04

Ouro Preto	Entrevista OP 05
	Entrevista OP 07
Arceburgo	Entrevista ARC 01
	Entrevista ARC 02
	Entrevista ARC 03
	Entrevista ARC 04
	Entrevista ARC 05
	Entrevista ARC 06
	Entrevista ARC 07
	Entrevista ARC 08
	Entrevista ARC 09
	Entrevista ARC 10
	Entrevista ARC 11
	Entrevista ARC 12
	Entrevista ARC 13
	Entrevista ARC 14
São João da Ponte	Entrevista SJP 01
	Entrevista SJP 03
	Entrevista SJP 04
	Entrevista SJP 06
	Entrevista SJP 07
	Entrevista SJP 08
	Entrevista SJP 09
	Entrevista SJP 10

	Entrevista SJP 11
	Entrevista SJP 12
	Entrevista SJP 13
	Entrevista SJP 14
	Entrevista SJP 15
	Entrevista SJP 16
	Entrevista SJP 17
	Entrevista SJP 18
	Entrevista SJP 19
	Entrevista SJP 20
	Entrevista SJP 21
	Entrevista SJP 23
	Entrevista SJP 24
	Mariana
Entrevista MAR 44	
Entrevista MAR 45	
Entrevista MAR 46	
Entrevista MAR 47	
Entrevista MAR 48	
Entrevista MAR 49	
Entrevista MAR 50	
Entrevista MAR 52	
Entrevista MAR 53	
Entrevista MAR 54	
Entrevista MAR 55	

	Entrevista MAR 56
	Entrevista MAR 57
	Entrevista MAR 58
	Entrevista MAR 59
	Entrevista MAR 60
	Entrevista MAR 61
	Entrevista MAR 62
	Entrevista MAR 63
	Entrevista MAR 64
	Entrevista MAR 65
	Entrevista MAR 66
Piranga	Entrevista PIR 01
	Entrevista PIR 02
	Entrevista PIR 03
	Entrevista PIR 04
	Entrevista PIR 05
	Entrevista PIR 06
	Entrevista PIR 12
	Entrevista PIR 16
	Entrevista PIR 25
	Entrevista PIR 26

ANEXO 2

Entrevistas utilizadas do “Projeto PEUL”	
“Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000)	R01 Eri-1
	R03 AdrR- 1
	R04 Fat- 1
	R05 SanR
	R06 Jup
	R07 Leo-1
	R08 Lei
	R09 Dav
	R10 Vas
	R11 Eve
	R12 Mgl
	R13 Jan
	R14 Nad
	R15 Ago
	R16 Jos
	“Censo” (2000)
T02 Raf	
T03 Rom	
T04 Rob	
T05 And	
T06 Ale	

	T07 Adr
	T08 Cri
	T09 Fil
	T10 Isa
	T11 Mir
	T12 And
	T13 Gla
	T14 Gil
	T15 Pat
	T16 Car

ANEXO 3

Entrevistas utilizadas do “Projeto NURC/RJ”	
Entrevistas da década de 1970	Inquérito 02
	Inquérito 09
	Inquérito 011
	Inquérito 039
	Inquérito 042
	Inquérito 045
	Inquérito 048
	Inquérito 052
	Inquérito 071
	Inquérito 078
	Inquérito 084
	Inquérito 096
	Inquérito 099
	Inquérito 0101
	Inquérito 0104
	Inquérito 0114
	Inquérito 133
Inquérito 0140	
Inquérito 0144	
Inquérito 0153	
Inquérito 164	

		Inquérito 0233
		Inquérito 0253
		Inquérito 0255
		Inquérito 0258
		Inquérito 0272
		Inquérito 0328
		Inquérito 0347
		Inquérito 0373
Entrevistas da década 1990	Recontatos	Inquérito 2r
		Inquérito 11r
		Inquérito 24
		Inquérito 26
		Inquérito 52r
		Inquérito 71r
		Inquérito 96r
		Inquérito 133r
		Inquérito 140r
		Inquérito 164r
		Inquérito 233r
		Inquérito 347r
	Inquérito 373r	
	Amostra complementar	Inquérito 1
		Inquérito 2
Inquérito 3		
Inquérito 12		

		Inquérito 13
		Inquérito 14
		Inquérito 15
		Inquérito 17
		Inquérito 18
		Inquérito 19
		Inquérito 20
		Inquérito 23
		Inquérito 25
		Inquérito 27
		Inquérito 28

ANEXO 4

Textos utilizados dos <i>corpora</i> diacrônicos	
Século XIII	Notícia do Torto – 1214 (CINTRA, 1990)
	Foro Real - 1280 (FERREIRA, 1987)
	Foros de Garvão – 1267a1280 (GARVÃO, 1992)
	Dos Costumes de Santarém – 1294 (RODRIGUES, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1243 e 1274 (MARTINS, 2000)
Século XIV	Crónica de Afonso X in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i> (CINTRA, 1951)
	Dos Costumes de Santarém - 1340-1360 (RODRIGUES, 1992)
	Foros de Garvão - sem data (GARVÃO, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1304 e 1397 (MARTINS, 1994)
Século XV	Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela – sd (PIEL, 1944)
	Castelo Perigoso – sd (NETO, 1997)
	Orto do Esposo – sd (MALER, 1956)
Século XVI	Monarchia Lusitana (BRANDÃO, 1548)
	Da Monarquia Lusitana (BRITO, 1569)
	Manuel de Galhegos (GAZETA, 1597)
	A vida de Frei Bertolameu dos Mártires (SOUSA, 1556)
Século XVII	Nova Floresta (BERNADES, 1644)
	Cartas de Alexandre de Gusmão (GUSMÃO, 1695)
	Cartas Familiares (MELO, 1608)
Século XVIII	Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier) (OLIVEIRA, 1702)
	Cartas de Antonio da Costa (COSTA, 1714)

	Obras Completas (GARÇÃO, 1724)
Século XIX	Atas dos brasileiros (1860-1869)
	Cartas (QUEIROZ e MARTINS, 1894)
	Cartas à Maria Moisés (BRANCO, 1875)
	Cartas à Emília (ORTIGÃO, 1836)